

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
CURSO DE MESTRADO**

**PEDRO PINHEIRO BORGES NETO**

**FAMÍLIA E HOMOPARENTALIDADE: O QUE PENSAM AS CRIANÇAS?**

**RECIFE  
2016**

PEDRO PINHEIRO BORGES NETO

**FAMÍLIA E HOMOPARENTALIDADE: O QUE PENSAM AS CRIANÇAS?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Isabel Patrício de Carvalho Pedrosa

RECIFE  
2016

Catálogo na fonte  
Bibliotecário Rodrigo Fernando Galvão de Siqueira, CRB4-1689

B732f Borges Neto, Pedro Pinheiro.  
Família e homoparentalidade : o que pensam as crianças? / Pedro Pinheiro Borges Neto. – 2016.  
123 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profª. Drª. Maria Isabel Patrício de Carvalho Pedrosa.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco.  
CFCH. Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2016.  
Inclui referências e apêndices

1. Psicologia. 2. Família. 3. Pais homossexuais. 4. Crianças. 5. Significação (Psicologia). I. Pedrosa, Maria Isabel Patrício de Carvalho (Orientadora). II. Título.

150 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2016-54)

PEDRO PINHEIRO BORGES NETO

**FAMÍLIA E HOMOPARENTALIDADE: O QUE PENSAM AS  
CRIANÇAS!**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em: 26/02/2016

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Isabel Patrício de Carvalho Pedrosa  
(Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Renata Lira dos Santos Aléssio  
(Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria de Fátima Vasconcelos da Costa  
(Examinador Externo)  
Universidade Federal do Ceará

## AGRADECIMENTOS

Mas do que um sentimento de “dívida”, a gratidão tem se mostrado como algo que me revela o que o cotidiano, por vezes, nos rouba: a percepção do quão intimamente somos ligados uns aos outros; o quanto pequenos atos são, na verdade, gigantescos. Ser grato é ter a percepção de forma clara e profunda que somos pessoas (mais a frente, leitor, você compreenderá o sentido desta palavra). Também aprendi que, para mim, as palavras são sempre insuficientes para demonstrar a real dimensão dos afetos. Apesar de tocantes, as palavras, por vezes, não conseguem transmitir o calor dos afetos. Assim, espero que cada um que agradecerei, por meio destas palavras, sinta-se abraçado e reconhecido por um olhar cheio de gratidão.

Ao Bom Pastor, por sua presença e cuidado; pelo dom da Esperança.

A meus pais, Naire e Soares, aqueles que mesmo em suas fragilidades se dispuseram a acolher-me. Quanto mais me descobri humano, mais os descobri humanos; mais nos encontramos. E como foi e é bom poder encontrá-los!

Sobre meu pai, em especial, gostaria de deixar registrada a minha gratidão por sua vida. No momento da ausência, tomamos real consciência da importância que certas pessoas têm em nossa vida. Comigo, a respeito dele, não foi diferente. Sua morte revelou-me algo importante: ele permanece vivo no amor que sinto. Enquanto eu viver, ele permanecerá vivo, em mim. Afinal: “Eternidade é, na verdade, o amor vivendo sempre em nós...”.

À minha mãe, pequena apenas na estatura. Grande na força e no silêncio da compreensão. Ainda tenho muito que aprender com você!

À minha irmã, Lorena, prova viva de que as diferenças não afastam, mas criam uma relação autêntica de fraternidade. Alegria de menina e força de mulher: orgulho em perceber a mulher forte que se tornou!

Às amigas, Jéssica, Monique e Priscila, pelos risos e alegrias, por reconhecer em vocês parte feliz da minha história.

Às integrantes do grupo de estudo W10: Patrícia, Babi, Pri, Nick, Nanci, Milla, Rai. Cada encontro nosso reacendia meu desejo pela Psicologia, vendo em vocês a simplicidade e responsabilidade de grandes profissionais. Muito obrigado pela acolhida e pela amizade construída!

À Professora Maria Isabel Pedrosa (prefiro Bel), orientadora de sempre, que me auxiliou desde os primeiros passos na Psicologia: grato pelo olhar delicado, pelas orientações

precisas e pelas palavras incentivadoras. Grande inspiração para o modo de compreender as crianças.

A todos os integrantes do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) participante da pesquisa, que me acolheram tão bem e tornaram nosso trabalho possível. Em especial, às crianças que participaram da pesquisa, meu muito obrigado, por confiarem em mim e compartilharem comigo um pouco do seu modo de ver a vida. No início de minha a formação acadêmica, me perguntava por que achava as crianças tão interessantes. Hoje, começo a ter um pouco de clareza a esse respeito: cada vez mais aumenta minha certeza de que tenho muito a aprender com elas, com sua simplicidade, autenticidade, criatividade e uma boa dose de paciência para aturar um “tio chato” que só ficava fazendo um monte de pergunta (risos). Espero que meu trabalho faça jus aos participantes dele.

Às equipes de profissionais e estagiários: (1) do Núcleo de Adoção e Estudos da Família (NAEF) do Tribunal de Justiça do Estado de Pernambuco (TJ-PE), onde o interesse pela homoparentalidade nasceu; (2) do Núcleo de Apoio Psicossocial (NAP), do TJ-PE, onde minhas ideias amadureceram, bem como meu senso de Ética; e, finalmente, (3) da Casa de Passagem Diagnóstica de Olinda (CPD), onde tive o privilégio de ouvir às crianças mais de perto.

Aos colegas de turma e professores do mestrado, pelos ricos momentos de aprendizagem!

Às professoras Renata Lira e Fátima Vasconcelos, por disporem seu tempo na leitura de meu trabalho.

Aos funcionários do Departamento de Psicologia, Bruno, André e João, pelo auxílio nas tarefas burocráticas e pela gentileza e presteza com que sempre me trataram.

À Facepe, por auxiliar-me desde o início de minha formação como pesquisador.

*E a pergunta roda*

*E a cabeça agita*

*Eu fico com a pureza*

*Da resposta das crianças (...)*

*(Gonzaguinha)*

## RESUMO

As crianças têm sido postas no centro do debate sobre a homoparentalidade, porém não lhes é dada a possibilidade de expor o que pensam. Surge o interesse de investigá-las, pressupondo que elas produzem significados acerca da realidade e que suas construções se dão na interação social, em contexto cultural. Assim, propomo-nos a ouvi-las. Participaram da pesquisa 32 crianças (17 meninos e 15 meninas) na faixa etária de 4 a 6 anos que frequentavam um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) na cidade de Recife-PE, as quais formaram grupos de conversa, utilizando-se como “gatilho” a realização de um desenho de família, a apresentação da imagem de uma família homoparental, bem como a história infantil “*And Tango makes three*”, que fala sobre dois pinguins machos que adotam Tango, um pinguim neném. Os grupos de conversa (dez trios e uma dupla) foram videogravadas, totalizando 6 horas, 12 minutos e 23 segundos de registro, tendo cada grupo média de duração de 28 minutos e 36 segundos. Os resultados apontam que as principais significações definidoras de família para as crianças são a afetividade, a universalidade (todos têm família), as relações de parentesco, a flexibilidade dos papéis familiares (diferentes pessoas podem ocupar um mesmo papel), o encontro e a proximidade. Em princípio, nenhuma dessas significações colocaria em xeque o status de família da configuração homoparental; duas outras, entretanto, colocariam-no: o gênero, como regra delimitadora do exercício de determinados papéis familiares; e a compreensão da família, como modelo específico a ser seguido (“pai, mãe e filhos”). Em sua maioria, as crianças percebiam o ambiente formado por um casal homoafetivo como feliz e seguro para o desenvolvimento de um filho. Porém, seu status de família e, até mesmo, de parentalidade eram questionados pelas crianças.

Palavras-Chave: Família. Homoparentalidade. Crianças. Processos de Significação

## ABSTRACT

Children have been put at the center of the debate on homoparenthood, but they are not given the opportunity to explain what they think. Then it is relevant to investigate them, assuming that they produce meanings about reality and that their constructions take place in social interaction culturally contextualized. Thus, we were open to hear them. The participants were 32 children (17 boys and 15 girls) aged 4-6 years attending a Municipal Center for Early Childhood Education (CMEI) in the city of Recife-PE, who formed talking groups, using as "triggers" their family designs, the image of a homoparental family, as well as the children's story "And Tango makes three", which is about two male penguins who adopt Tango, a baby penguin. The talking groups (ten triples and a double) were videotaped, totaling 6 hours, 12 minutes and 23 seconds of registration, each group with an average of 28 minutes and 36 seconds. The results show that the main defining meanings of family for children are affection, universality (all have family), kinship relations, the flexibility of family roles (different people can play the same role), the meeting and the proximity. In principle, none of these meanings would put into question the family status to the homoparental configuration; two others, however, would: the gender, as a limiting rule to the performance of certain family roles; and the family conception as a specific model to be followed ("father, mother and children"). Most of the children perceived the atmosphere involving a homoaffetive couple as happy and secure for the development of a child. Nevertheless, the family status and even parenting conditions were questioned by the children.

Keywords: Family; Homoparenthood; Children; Meaning-making process

## LISTA DE QUADRO E FIGURAS

Quadro 1: Dados gerais e distribuição dos participantes por trio.....	37
Figura 1 - Momento do desenho de uma família.....	40
Figura 2 - Contação da História “And Tango makes three”.....	42
Figura 3 - A menina e suas duas mães.....	44
Figura 4 - Desenho de Nick sobre família.....	53
Figura 5 - Desenho de Maju sobre Família.....	56
Figura 6 - Desenho de Nanda sobre Família.....	57
Figura 7 - Desenho de Bia sobre Família.....	58
Figura 8 - Desenho de Eva sobre Família.....	61
Figura 9 - Desenho de Cadu sobre Família.....	69
Figura 10 - Desenho de Gui sobre Família.....	70
Figura 11 - Imagem inicial da História.....	81

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	HOMOPARENTALIDADE E CRIANÇAS: QUAL O PROBLEMA?!.....	18
2.1	Estudos sobre Homoparentalidade: Onde estão as crianças?!.....	18
2.2	Família: O que as crianças nos tem dito?.....	21
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: EM BUCA DE UM SENTIDO.....	27
4	MÉTODO.....	35
4.1	Participantes e contexto.....	35
4.2	Material e procedimentos de coleta.....	38
4.3	Procedimentos de análise.....	44
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	46
5.1	Família: “Tá dentro dum coração... E o papai, a mamãe e os irmãos!”.....	46
5.1.1	O Desvelamento da Família.....	46
5.1.2	Todo mundo tem família! Família é tudo igual!.....	53
5.1.3	Família: Enlaces, Desenlaces e Reenlaces.....	58
5.1.4	Para além do amor: O que é mesmo família?.....	64
5.1.5	Família é com quem a gente mora?.....	66
5.2	Homoparentalidade: com a palavra, as crianças!.....	71
5.2.1	Homoafetividade? Só em sonho!.....	71
5.2.2	O Modelo Pai-Mãe-Filhos.....	79
5.2.3	Como nascem os bebês?.....	87
5.2.4	Como é a vida do bebê pinguim?.....	91
5.2.5	Isso também pode acontecer com gente?.....	95
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
7	REFERÊNCIAS.....	105
	APÊNDICES.....	111
	APÊNDICE A – SÍNTESE DAS PRINCIPAIS IMAGENS DA HISTÓRIA “AND TANGO MAKES THREE”.....	112
	ANEXOS.....	117
	ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	118
	ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	120

## 1 INTRODUÇÃO

Tradicional ou moderna, nuclear ou extensa, estruturada ou desestruturada, funcional ou disfuncional, “base da sociedade” ou “instituição falida”, “de sangue” ou “do coração”, reconstituída ou original, a família parece não sair de nossas discussões, seja no senso comum ou no campo científico. Talvez sejam os paradoxos entre relevância/indefinição e experiência/representação que tanto nos instigam a uma compreensão do lugar ocupado pela noção de família no mundo atual.

Fontes interessantes para a compreensão do lugar ocupado por um determinado fenômeno dentro de uma sociedade são os documentos legais por ela produzidos, haja vista que eles têm por objetivo a regulação das instituições e, em última análise, do comportamento dos indivíduos; são frutos dos constantes conflitos e jogo de forças inerentes a uma sociedade. Nesse sentido, a Constituição Brasileira (BRASIL, 1988) dedica um capítulo para tratar do tema família. Nele, a família é concebida como instância fundamental da sociedade, devendo, portanto, ser alvo de cuidados especiais por parte do Estado: “Art. 226. A família, *base da sociedade*, tem *especial proteção* do Estado.” (grifo nosso). Em seus quatro primeiros parágrafos, o artigo 226 versa sobre casamento e apresenta uma definição de família:

§ 1º O casamento é civil e gratuita a celebração.

§ 2º O casamento religioso tem efeito civil, nos termos da lei.

§ 3º Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento.”

§ 4º Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

Não só como protegida, a família também é concebida, pela mesma Constituição, como protetora:

**Art. 227** É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

A partir destes pequenos trechos, algumas questões começam a emergir: O que faria da família merecedora de especial proteção por parte do Estado? Por que seria ela a base da sociedade? Qual o papel social da família? Seria o casamento o início da família? Seria o casamento necessariamente entre homem e mulher? Para ser família tem que ter filhos? Seria a família sempre uma instância protetora de seus membros, em especial crianças e jovens? Todas essas questões, apesar de instigadoras tornam-se secundárias, pois uma questão permanece em aberto: afinal, o que é família? Dada sua relevância, a definição apresentada pela Constituição contempla a realidade das famílias de nosso país? Quem é a família brasileira?

Segundo dados do Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012), somam-se no Brasil 54,3 milhões de famílias<sup>1</sup> – das mais diferentes configurações –, as quais têm sofrido modificações objetivas e significativas em decorrência de fatores como a diminuição da taxa de fecundidade, o adiamento da parentalidade, o envelhecimento da população, a flexibilização dos laços matrimônios, entre outros. Dentre estas modificações destacam-se o aumento de casais sem filhos (5,3% em dez anos) e o aumento das famílias monoparentais femininas (mulheres sem cônjuge com filhos), que há época representavam 12,2% das famílias brasileiras. Destaca-se ainda a redução, entre 2000 e 2010 de famílias compostas por casais com filhos (de 56,4% para 49,4%). Os dados acima apresentados ajudam-nos a desenhar, ainda que grosseiramente, o atual estado das famílias brasileiras: transformação e pluralidade parecem ser as fortes marcas do atual momento da família. São esses mesmos dados que nos permitem perceber um descompasso

---

<sup>1</sup> Lembremos-nos de que, a partir do censo de 2010, o IBGE passou a utilizar a noção de unidade doméstica, a saber, “conjunto de pessoas que vive em um domicílio particular, cuja constituição se baseia em arranjos feitos pela pessoa, individualmente ou em grupos, para garantir alimentação e outros bens essenciais para sua existência. Sua formação se dá a partir da relação de parentesco ou convivência com o responsável pela unidade doméstica, assim indicado e reconhecido pelos demais membros da referida unidade como tal.” (IBGE, 2012, p. 64-65). O referido Instituto reconhece que mais de uma família possa viver em uma mesma unidade doméstica, lançando mão de uma série de variáveis para identificar o número de famílias por unidade doméstica. No site do IBGE encontra-se a seguinte definição de família: “conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, residente na mesma unidade domiciliar, ou pessoa que mora só em uma unidade domiciliar. Entende-se por dependência doméstica a relação estabelecida entre a pessoa de referência e os empregados domésticos e agregados da família, e por normas de convivência as regras estabelecidas para o convívio de pessoas que moram juntas, sem estarem ligadas por laços de parentesco ou dependência doméstica.” Apesar de definições bastante amplas, em dados momentos, no documento “Censo Demográfico 2010: Famílias e Domicílios”, o referido Instituto exclui do número de famílias aquelas unidades domésticas formadas por pessoas que moram sozinhas. No mesmo documento, nos é informado que, em decorrência dos procedimentos estatísticos adotados para a definição do número de famílias por unidade doméstica, acabam por ser excluídas experiências como a “paternidade solteira de membro familiar não responsável pelo domicílio, cujo núcleo permaneceu integrado de modo subordinado à família ampliada” (p. 51). Esta extensa digressão possui dois objetivos importantes: (1) informar o leitor sobre as limitações dos dados aqui apresentados, bem como, desde já, (2) apontar-lhe a complexidade do fenômeno “família” e dos desafios que impõe ao seu estudo.

entre a definição de família apresentada pela Constituição e a realidade concreta das famílias brasileiras; descompasso esse oriundo das recentes e intensas transformações sociais nos campos dos projetos de filiação e casamento.

E o que dizer de nossas representações sobre família? Estariam nossos significados acerca da família acompanhando a velocidade das transformações das famílias enquanto realidade objetiva? Ou ainda estaríamos presos em um “modelo ultrapassado” e idealizado de família que, talvez, nunca tenha realmente existido?

É neste cenário de transformações e indefinições, em que a realidade transforma-se mais rapidamente do que nossas representações sobre ela, que observamos o surgimento de forças sociais em dois sentidos: (1) aquelas que buscam a mudança e ampliação dos conceitos de família a fim de abarcar as “novas realidades”; e (2) aquelas que buscam uma reafirmação dos conceitos já existentes, numa tentativa de refrear as transformações sociais no âmbito familiar. A noção de família, portanto, tem se mostrado alvo de especial reflexão nos últimos tempos, nos campos social, político e religioso.

As recentes manifestações contrárias ao casamento por pessoas do mesmo sexo ocorridas em Paris, em reação à aprovação da lei, pelo parlamento nacional, que garante o casamento entre iguais, são exemplos disso. Os manifestantes, em grande parte compostos por diferentes grupos sociais, como cristãos (católicos e protestantes), e setores conservadores da sociedade, mostravam-se contrários ao casamento homoafetivo, bem como à adoção de crianças e adolescentes por parte desses, alegando que essa modalidade de união “perturba totalmente a sociedade, negando o parentesco e a filiação natural” e isso teria “consequências econômicas, sociais e étnicas incalculáveis” (PROTESTO..., 2013).

Ainda segundo a matéria supracitada, manifestantes revelam sua preocupação em relação às crianças: “Viemos defender o fato de que a família composta por um pai e uma mãe é o melhor para as crianças” (PROTESTO..., 2013). Faixas e bandeirolas carregadas pelos manifestantes (alguns deles, crianças acompanhadas por seus familiares) continham os dizeres: “1 pai e 1 mãe para todas as crianças”. Evidencia-se assim que, a princípio, um dos pontos de maior preocupação com relação ao casamento homoafetivo diz respeito à criança e possíveis repercussões negativas que o convívio nessa configuração familiar possa trazer a ela. Nesse sentido, o receio parece calcar-se na ideia de uma única configuração familiar como sendo propícia ao desenvolvimento psíquico saudável de uma criança: aquela constituída por casal heterossexual.

No campo religioso, a família foi motivo para a reunião dos mais altos cargos, de uma das maiores instituições ocidentais: a Igreja Católica. Em outubro de 2015, realizou-se o

Sínodo da família. Reunião de bispos (alto posto da Igreja), o Sínodo teve por objetivo discutir as questões que têm perpassado o debate da família na contemporaneidade, a fim de dar resposta aos fiéis católicos e a sociedade de modo mais amplo. Dentre os temas mais polêmico do Sínodo destacam-se a questão do divórcio e as tecnologias reprodutivas. De modo geral, apesar do reconhecimento das intensas transformações pelas quais a família tem passado e a conseqüente diversidade de realidades familiares, as conclusões expressas no relatório final do evento ratificam os posicionamentos mais conservadores dentro da Instituição. (SÍNODO DOS BISPOS, 2015)

No campo político brasileiro, damos destaque ao projeto de lei PL6583/2013, o Estatuto da Família, de autoria do deputado federal, pelo estado de Pernambuco, Anderson Ferreira. O projeto tem por objetivo a criação de políticas públicas “voltadas para a valorização e apoio da entidade familiar”. A princípio, o projeto mostra-se consonante com a Constituição Federal, inclusive na definição. Todavia, um de seus pontos tem gerado grande polêmica, a saber, a definição de entidade familiar:

Art. 2º Para os fins desta Lei, define-se entidade familiar como o núcleo social formado a partir da união entre um **homem e uma mulher**, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes. (BRASIL, 2013)

Apesar de não destoar da definição constitucional, o projeto tem sido alvo de críticas e gerado grande comoção social, possivelmente em decorrência do atual momento da sociedade brasileira, em especial as recentes conquistas, no campo jurídico<sup>2</sup>, dos sujeitos LGBTTT<sup>3</sup>. Assim, o projeto parece ser interpretado como uma reação conservadora ao reconhecimento do status de família a união homoafetiva.

Por meio dos exemplos acima apresentados, nota-se que o tema família tem ganhado notoriedade, recentemente, a partir de discussões das ditas “famílias modernas” ou “novas configurações familiares”<sup>4</sup>. Segundo Uziel (2002), tais famílias caracterizar-se-iam por diferenciar-se do modelo hegemônico de família nuclear (pai, mãe e filhos) – ainda que este

---

<sup>2</sup> É importante enfatizar que as recentes conquistas dos sujeitos LGBT, como, o reconhecimento da união estável homoafetiva, ocorreram a partir do Poder Judiciário e não do Poder Legislativo.

<sup>3</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Transgêneros (LGBTTT)

<sup>4</sup> Ceccarelli (2007) propõe que algumas das ditas “novas configurações familiares”, na verdade, podem não ser tão novas assim, tendo apenas ganhado notoriedade recentemente “a partir do momento em que os protagonistas desses arranjos passaram a exigir seus direitos de cidadãos provocando visibilidade, começaram a surgir questões que interpelam todo o tecido social.” (p. 92).

esteja, cada vez mais, distante da realidade – surgido, a partir de determinada conjuntura social, política e econômica.

Dentre os diferentes modelos familiares, um, em especial, tem gerado grande polêmica: aquele formado por casal homoafetivo (UZIEL, 2002). A essa relação, o próprio estatuto de família é, por vezes, posto em dúvida ou negado. Contudo, a situação gera ainda maior discussão quando se considera a possibilidade da existência de filhos. Como indicado por diferentes estudos (FARIAS; MAIA, 2009), de modo geral, este parece ser o ponto central da discussão: as possíveis repercussões negativas para a criança filha de casal homoafetivo. Sobre isto, pesquisa realizada por Araújo e Oliveira (2008), com estudantes em fase final dos cursos de Direito e de Psicologia, revela que estes, quando perguntados sobre adoção de crianças por casais homoafetivos, demonstram preocupação quanto à possível sofrimento por parte da criança, bem como sobre possíveis dificuldades quanto à sua orientação sexual e identidade de gênero.

Tal modo de pensar, ao contrário do que se possa supor, não se restringe a determinados grupos sociais conservadores – em especial os religiosos – envereda-se também gerando grandes debates no meio acadêmico, em especial em certas correntes psicanalíticas. Tratando-se especificamente do contexto francês, onde a psicanálise possui grande popularidade e força, tem-se posto a questão: a criança criada em família homoparental possuiria um modo de subjetivação/constituição psíquica diferente e perigoso se comparado a crianças criadas em família heterossexual? Tal questão tem origem, segundo Perelson (2006) em certa interpretação do modo como determinada corrente psicanalítica propõe a constituição do sujeito. Segundo essa interpretação, baseando-se nos conceitos de “função paterna” e “ordem simbólica”, a percepção da diferença sexual e posterior identificação da criança com uma das figuras parentais ficaria comprometida, implicando, possivelmente, naquilo que denominam de “dessimbolização”, a saber, o não ingresso da criança na ordem simbólica. Ainda segundo Perelson, psicanalistas que se filiam a tal compreensão parecem atrelar a percepção da diferença sexual ao ingresso no mundo simbólico e, portanto, da cultura. Assim, imputar à criança o convívio com duas pessoas do mesmo sexo dificultaria ou até mesmo impossibilitaria seu ingresso na ordem do simbólico.

Todavia, tal posicionamento não é unânime: alguns psicanalistas compreendem que a percepção da diferença sexual não é, ao menos desse modo, a condição fundante da subjetividade. O ingresso no simbólico dar-se-ia a partir de encontrar e reconhecer um Outro, um agente de interdição da relação simbiótica entre a criança e seu cuidador (“função materna”), transformando aquela em ser desejante. Ceccarelli (2007) aponta que, a seu ver, o

que por vezes ocorre é a utilização de alguns conceitos psicanalíticos a serviço da manutenção de uma heteronormatividade.

Para além do campo da Psicanálise, as famílias homoparentais também trazem questões e revelam concepções sobre aquilo que entendemos e construímos como relações familiares e de parentesco. Podendo constituir-se de diferentes maneiras, as famílias homoparentais parecem por em cheque, radicalmente, a noção de família necessariamente calcada na reprodução e nos vínculos consanguíneos, a qual, por muito tempo, e ainda hoje, prevalece em nossa sociedade, ao menos no universo do adulto.

Em artigo intitulado “*Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco*” a antropóloga Claudia Fonseca (2008) diz ver na homoparentalidade uma rica oportunidade de vermos revelado nosso atual estado de concepção das relações familiares, por intermédio do estranhamento que esse modelo familiar pode causar, bem como das transformações de tais concepções. Em sua reflexão sobre as ditas “famílias modernas” Hintz (2001) conclui que as famílias homoparentais são apenas mais um dos modos de *ser família* na contemporaneidade, modos esses caracterizados pela notoriedade e relevância que os laços recíprocos de afetividade ganham.

Assim, surge uma possibilidade de compreensão da razão pela qual as famílias homoparentais podem causar tanto estranhamento a ponto de mobilizar fortemente diferentes grupos sociais: tais famílias põem em cheque concepções que nos são centrais em nosso atual modo de compreender e organizar a vida em sociedade, a saber, as noções de família e nossos conhecimentos acerca da própria constituição da subjetividade humana – de acordo com uma corrente de pensamento tão difundida e cara a cultura ocidental, a Psicanálise. A esse respeito, como nos propõe Ceccarelli (2007):

[...] estamos de tal forma impregnados pelas associações sintagmáticas que utilizamos para decompor o mundo e, em seguida, recompô-lo que, muitas vezes, o novo é sentido como uma ameaça, pois nos obriga a reavaliar as representações que confortavam nossas angústias. É com dificuldade que abrimos mão de valores e teorias que nos têm sido tão caras para ler o real (p. 90).

Fato curioso é que, apesar de ser a criança posta como principal alvo de preocupação em questões controversas (como o caso de mudanças na estrutura familiar), raramente busca-se ouvi-la, permitindo-lhe expor o que pensa acerca da temática, como bem nos aponta o sociólogo William Corsaro (2011). Este certo silêncio imputado às crianças também se fez presente, e ainda se faz, no reduzido número de pesquisas científicas que se propõe a escutar a

criança, tornando-a não só objeto de conhecimento, mas também colaboradora e coconstrutora do conhecimento. Segundo Cruz (2008), a não escuta das crianças deve-se a alguns fatores, dentre eles a percepção da criança enquanto ser incompleto, pouco competente socialmente e dependente do desejo do adulto. Nesse sentido, no tocante a pesquisas realizadas no Brasil acerca de famílias homoparentais, em busca realizada no banco de produções científicas do Portal da CAPES e em outras bases de dados, como o Banco Nacional de Teses e Dissertações, utilizando-se o descritor homoparentalidade, obteve-se como resultado uma escassez de trabalhos, corroborando, no campo da homoparentalidade, a afirmação de Corsaro.

Cruz (2008), porém, afirma que tais concepções têm sofrido modificações nas últimas décadas, passando a criança a ser compreendida como alguém que, desde a mais tenra idade, possui suas percepções, sentimentos, gostos e desejos frente aos diferentes fenômenos da realidade, construindo significações a partir de suas interações sociais. Quando se afirma que a criança é produtora de significados próprios acerca da realidade, compreende-se que a construção de tais significados se dá *na* interação com o outro e *a partir* dela e, conseqüentemente, em um determinado contexto cultural (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM e SILVA, 2004). Por outro lado, no que diz respeito à criança, enfatizamos que ela não é meramente reprodutora dos sentidos culturalmente partilhados, mas sim co-construtora por meio de uma reprodução interpretativa. Por oportuno, trazemos a concepção de *reprodução interpretativa* do já citado William Corsaro (2011, p. 53): “as crianças apropriam-se criativamente de informações do mundo adulto para produzir suas próprias culturas de pares. (...) as crianças transformam as informações do mundo adulto a fim de responder às preocupações de seu mundo.”

Assim sendo, como nos indica Cruz (2008), em virtude da multiplicidade de contextos culturais nos quais as crianças estão inseridas, bem como das peculiaridades e criatividade na apropriação que fazem das informações do mundo adulto para a produção de suas próprias significações, a investigação dos significados produzidos pelas crianças pode revelar aspectos inusitados e surpreendentes da realidade social, tornando possível uma maior compreensão de seus processos de construção e transformação.

A esse respeito, trabalhos acerca da percepção de crianças sobre a noção de família (LIRA, 2012; RIBEIRO, 2011) tem indicado fato bastante interessante: as concepções de crianças encontram-se situadas em dois planos (por vezes, conflitantes), o da experiência vivida e do modelo idealizado.

No que tange em específico à família homoparental na perspectiva de crianças em situação de acolhimento institucional, recente trabalho tem demonstrado também a forte presença do modelo “pai-mãe-filhos” como ideal de família, ainda que este, por vezes, não corresponda à realidade vivida (BORGES NETO; PEDROSA 2016, artigo submetido). Contudo, noções como a de formação da família a partir da filiação adotiva, a dimensão do cuidado como elemento fundante da parentalidade e o não atrelamento das funções parentais à questão de gênero presentes nos discursos das crianças entrevistadas, parecem indicar a capacidade de elas apreenderem as diferentes nuances e complexidades do fenômeno social “família”. Ademais, as crianças posicionaram-se de maneira favorável a homoparentalidade, porém, não à homoafetividade. Nitidamente, conjugalidade e parentalidade encontram-se separadas: “(a criança) pode ter dois pais ou duas mães, eles ou elas (os pais) só não podem namorar, senão vai ser frango e sapatão.” afirmou uma das crianças participantes do estudo.

Tais posicionamentos por parte dessas crianças nos levam a questionar acerca do processo de construção de significados sobre família homoparental: em sendo o modelo “pai-mãe-filhos” ainda compartilhado (por crianças e adultos) como ideal de família; e simultaneamente vivermos (crianças e adultos) experiências familiares tão diversas e distantes do modelo supracitado, como se relacionam os modelos ideais de uma cultura (família nuclear heterossexual) e a experiência particular vivida pelos indivíduos em seus contextos de realidade para a construção de significados acerca de um determinado objeto social (família homoparental)?

Pelo acima exposto, torna-se relevante ouvir as crianças buscando compreender de que forma elas têm se apropriado dos sentidos e significados culturalmente produzidos acerca da família homoparental, a partir dos quais produzem seus próprios significados. Assim, propõe-se, no presente trabalho, compreender os sentidos de família produzidos por crianças, com especial enfoque para a configuração homoparental. Dada a escassez de estudos brasileiros sobre homoparentalidade na perspectiva de crianças, resta-nos, ao menos por hora, saber o que as crianças têm nos dito sobre família.

## **2 HOMOPARENTALIDADE E CRIANÇAS: QUAL O PROBLEMA?**

Em países, como nos Estados Unidos, o estudo da homoparentalidade não é uma novidade. Lá, desde a década de 1970, são realizados estudos a respeito dos integrantes deste agrupamento familiar, especialmente com as crianças. Muitos desses estudos, vinculados à Psicologia do Desenvolvimento, objetivam o acompanhamento longitudinal do desenvolvimento de diferentes dimensões psicológicas das crianças filhas de casais homoafetivos, como a dimensão social, afetiva, cognitiva, processo de formação de identidade de gênero e orientação/condição sexual. Em sua maioria, os estudos revelaram não haver diferença significativa entre as crianças filhas de casais homoafetivos e aquelas educadas em outros contextos familiares, nem mesmo no que se refere a possíveis danos psicossociais por causa de preconceito (FARIAS; MAIA, 2009).

No Brasil, entretanto, os estudos sobre a homoparentalidade ganharam expressividade apenas no início dos anos 2000, possivelmente em decorrência da ampliação do debate e conquistas de direitos civis dos sujeitos LGBTTT. Deste modo, a produção científica sobre a homoparentalidade parece acompanhar (por vezes, adiantando-se) o debate social sobre o tema. Todavia, poucos estudos foram publicados sobre homoparentalidade nas principais bases de dados científicos do Brasil. Segundo Cecílio, Scorsolini-Comin e Santos (2013), entre 2000 e 2010, totalizaram-se apenas dez. Grande parte dos trabalhos encontra-se ainda sob a forma de teses e dissertações.

### **2.1 Estudos sobre homoparentalidade: onde estão as crianças?**

Não por acaso, a maior parte dos trabalhos sobre homoparentalidade encontra-se inserida dentro dos campos da Antropologia, Direito e Psicologia, com especial enfoque, à Psicanálise. Estas disciplinas são instigadas pela homoparentalidade, como dito anteriormente, na medida em que tangencia noções centrais a esses campos do saber: parentesco, unidade familiar e seus direitos de sucessão, herança e reprodução, bem como a relação sexualidade-família-subjetivação.

Podemos ainda observar que as pesquisas brasileiras sobre homoparentalidade dividem-se em três grandes grupos: (1) aquele formado por um conjunto de reflexões teóricas sobre o tema; (2) as pesquisas que se dedicam a ouvir casais homoafetivos; e, por fim, (3) as que se propõem a escutar profissionais (ou estudantes em formação profissional) ligados a área jurídica (especificamente aqueles que trabalham em processos de adoção de crianças e adolescentes) ou de educação.

Em estudo realizado com 132 estudantes dos cursos de Serviço Social e Direito de universidade pública do estado de Sergipe, Cerqueira-Santos e Santana (2015), por meio de escalas padronizadas sobre preconceito contra homossexualidade e crenças relacionadas a adoção homoparental, revelam que 64,6% dos estudantes de Direito e 55,5% dos estudantes de Serviço social acreditam que crianças filhas de casais homoafetivos serão humilhadas por outras crianças e 40% dos estudantes do curso de Direito acreditam que a criança filha de casal homoafetivo apresentará “comportamentos homossexuais” desde pequena.

Em estudo similar, Araújo e colaboradores (2007) encontraram como maior justificativa, por parte dos estudantes de Direito, de sua rejeição à ideia de adoção de crianças por casais homoafetivos o argumento de que isto traria prejuízos à criança. Outras crenças encontradas eram de que a criança sofreria pela falta de referencial dos dois sexos, seria socialmente desajustada, também seria homossexual e sofreria abuso por parte dos pais.

Em estudo com psicólogos jurídicos da cidade do Recife, Correia (2011) questionava-se acerca do posicionamento destes profissionais diante da adoção de crianças por casais homoafetivos. Por meio de entrevistas semiestruturadas e estudo de casos fictícios, a autora observou que costumeiramente os posicionamentos eram favoráveis à adoção. Contudo, os relatórios elaborados pelas profissionais colocavam em ênfase a orientação/condição sexual do adotante, construindo proposições calcadas na divisão do trabalho parental por meio do gênero, implicando a necessidade de dois adultos de sexos diferentes serem os responsáveis pela criação do adotado.

No que se refere aos estudos com famílias homoparentais, deparamo-nos com abordagens a casais homoafetivos com filhos, mas em nenhum dos estudos encontrados, as crianças eram ouvidas. Com suporte teórico psicanalítico, os estudos buscavam compreender o aspecto psicodinâmico do exercício da parentalidade homossexual, e as relações entre prática da parentalidade (formas de cuidado dos filhos) e parentalidade vivenciada (remetendo aos afetos e desejos envolvidos no processo de filiação) (ALMEIDA, 2012; MARTINEZ, 2011). Os dados encontrados por Almeida sugerem que a família homoparental, apesar de singular, retoma aspectos da família tradicional, não se diferenciando significativamente de outros agrupamentos familiares.

Em pesquisa com dez homens membros de famílias homoparentais, da cidade de Ribeirão Preto-SP e arredores, em busca da compreensão de seus sentidos de família, Toledo (2008) afirma que encontrou discursos bastante divergentes quando eles se referem a sua família de origem (afetos negativos, medo e rejeição) ou a sua atual família (sentimentos de amor e companheirismo). Todos afirmam ter medo da rejeição por parte de familiares,

amigos, colegas de trabalho, porém afirmam o desejo que tiveram pela filiação, a qual seria calcada no amor.

Curiosamente, dentre todos esses trabalhos, uma voz parece não ter visibilidade: a das crianças, filhas, ou não, de casais homoafetivos. Afinal, se as crianças são postas como centro do debate da homoparentalidade, qual seria a razão de sua ausência nas pesquisas brasileiras? Não seria interessante ouvir o que elas teriam a nos dizer? Seria difícil ter acesso a elas? Ou será que acreditamos que as crianças não têm nada de relevante a nos dizer sobre o tema? Nesse sentido, apesar de considerarmos que estas questões mereçam ser mais bem investigadas, reafirmamos a ideia de que, possivelmente, as crianças não são ouvidas em decorrência de crenças socialmente compartilhadas de que elas são totalmente dependentes do desejo do adulto, meras reprodutoras dos valores sociais, privada de certa autonomia na construção de suas próprias significações sobre os objetos sociais (CRUZ, 2008).

Outra possibilidade, complementar a esta, poderia responder à quase absoluta ausência das crianças nas pesquisas. A partir de dados de investigação realizada com profissionais de uma instituição de acolhimento de crianças e adolescentes da Região Metropolitana do Recife (RMR), Borges Neto (2014) afirma que os adultos alimentam o discurso de que o tema homoparentalidade seria demasiadamente complexo para as crianças, que elas não compreenderiam o tema e ficariam confusas. Como evidenciado neste mesmo estudo, tal discurso sustentado pelos adultos alinhava-se às suas próprias concepções e dificuldade de compreensão da homoparentalidade, bem como de suas percepções sobre o funcionamento do psiquismo infantil, o qual é visto como, ingênuo (bobo) e imaturo.

Assim, resta-nos a questão: onde estão as crianças? Filhas de casais homoafetivos ou não, o que elas têm a nos dizer sobre a homoparentalidade? Em pesquisa, realizada por Borges Neto e Pedrosa (2016, artigo submetido) com crianças (6-9 anos de idade) em situação de acolhimento institucional sobre o tema família homoparental, foi observada uma atitude de aceitação em relação à homoparentalidade, entendendo este contexto como afetivamente positivo e cercado de cuidados para o filho do casal. Todavia, a homoafetividade era marcada pelo selo da proibição ainda que não apresentassem justificativas que fundamentassem este posicionamento. Alguns questionamentos decorreram desses achados: as crianças teriam aceitado a homoparentalidade em face de seu contexto de inserção (acolhimento institucional)? Crianças inseridas em outros contextos teriam outros posicionamentos? A concepção de família das crianças teria relação com o modo como elas compreendem a homoparentalidade?

## 2.2 Família: o que as crianças nos têm dito?

A relação entre família e crianças é, sem dúvida, um campo de estudos já bastante explorado dentro da Psicologia. Em diferentes disciplinas psicológicas, estes estudos assumem perspectivas diferentes em relação à família, a qual poderá ser abordada enquanto instituição responsável pela socialização primária (BERGER; LUCKMANN, 1966/2007), ou mesmo enquanto núcleo essencial de constituição subjetiva, grupo primário, constituído a partir de laços libidinais (BARROS, 2011). Em todas elas, porém, a família ocupa lugar de relevância, sendo a grande responsável pela constituição e bem-estar de seus membros.

Neste sentido, outra característica comum aos estudos sobre família é o foco dado a famílias que “destoam do padrão”, “a famílias que fracassam” ou ainda a “famílias que se transformam” – e que por isso, trazem preocupações. Isto se evidencia mais fortemente quando se aborda o tema família associado às crianças. Neste caso, a busca por saber de que modo elas têm compreendido suas próprias famílias parece ser motivada (ainda que não conscientemente) pelo intento de descobrir em que medida as transformações na sociedade e na família têm alcançado às novas gerações, tendo, portanto, maiores chances de perpetuação e sedimentação de novos valores e crenças. A presente pesquisa não constitui exceção, na medida em que aborda junto às crianças o tema homoparentalidade, o qual ainda é socialmente gerador de polêmicas. Este movimento, sem dúvida, revela o quanto nossas pesquisas encontram-se vinculadas aos questionamentos e demandas sociais.

Dada a grande quantidade de estudos, optamos por apresentar aqui uma seleção de trabalhos recentes e que se aproximam do contexto cultural das crianças participantes desta pesquisa, a saber, a região nordeste do Brasil<sup>5</sup>. Dois trabalhos, realizados no sul do país, apesar da distância, apresentaram resultados interessantes e similares aos encontrados na região Nordeste.

Segundo Muller (2010), a partir de pesquisa realizada com nove famílias moradoras de Porto Alegre-RS – por meio de fotografias tiradas pelas próprias crianças participantes, bem como por meio de entrevistas semiestruturadas com elas e seus familiares – as crianças mostram-se ousadas e criativas quanto a definirem a família, incluindo nela amigos, vizinhos queridos, parentes dos parentes e animais de estimação, podendo, porém, excluir de seu relato de família parentes com quem não mantém relação afetiva positiva. A autora ainda afirma que as respostas dadas pelas crianças são bastante diversas, sendo perpassadas por uma série de

---

<sup>5</sup> Temos clareza de que a escolha de uma mesma região sociogeográfica está longe de igualar os contextos e a multiplicidade de experiências possíveis nela. Sabemos que o Nordeste abarca realidades cultural, educacional, econômica, etc. das mais variadas. Todavia, ainda sim, adotamos esta circunscrição por motivos de ordem prática.

possíveis critérios de definição da família. Corroborando esta ideia, Moreira, Rabinovich e Silva (2009) afirmam que para as 60 crianças baianas, na faixa etária de 6-12 e de diferentes contextos socioeducacionais, a família não se resume apenas àquelas pessoas com quem residem, sendo também compreendida a partir do afeto, do cuidado e de sua estrutura (existência de determinados papéis familiares), destacando-se a importância da geração como elemento mais importante na organização da dinâmica familiar, em detrimento, por exemplo, do gênero.

Um ponto, porém, torna-se especialmente relevante para que tenhamos clareza do que as crianças têm dito sobre família<sup>6</sup>, a saber, a variedade metodológica adotada pelas pesquisas, que geram dados bastante diversos. Esta multiplicidade de dados encontrados nas pesquisas com crianças pode ser interpretada de diferentes maneiras, entre elas: (1) a própria complexidade do fenômeno em questão (família); (2) seu caráter sócio-histórico, que implica em constantes transformações, tanto objetivas, quanto no modo como é percebida pelos sujeitos.

Todavia, no que tange em específico às pesquisas realizadas com crianças, destacamos a importância do método adotado, uma vez que percursos metodológicos diversos produzem dados e interpretações diferentes sobre a compreensão das crianças.

Assim, observamos que trabalhos que buscam apreender a compreensão de crianças sobre família a partir de procedimentos de coleta e de análise únicos e mais focados no conteúdo de suas falas e expressões, sem levar em conta o processo pelo qual ocorre esta compreensão, revelam certa dificuldade em encontrar sentido nos dados coletados. As respostas das crianças são mais padronizadas, e alinham-se a modelos familiares mais amplamente compartilhados, a saber, o modelo de família nuclear “pai-mãe-filhos” (SILVA; AVELAR, 2014; DESSEN; RAMOS, 2010; VENTURINI; BAZON; BIASOLI-ALVES, 2012).

Em contrapartida, estudos que têm se utilizado de abordagens plurimetodológicas e focalizadas também no processo mediante o qual as crianças compreendem o mundo, têm encontrado dados bastante interessantes acerca de suas compreensões de família. De modo sintético, algumas destas pesquisadas realizadas com crianças de diferentes idades, níveis socioeducacionais, naturalidades, contextos de inserção (instituição educacional, instituição de acolhimento, etc.) e configurações familiares parecem indicar que, em grande medida, as crianças compreendem família em dois planos distintos que se articulam de diferentes

---

<sup>6</sup> Evidentemente, a própria natureza do objeto social família já é complexa em decorrência de seu caráter histórico e cultural.

maneiras, podendo, inclusive, gerar conflitos e sofrimento. São eles: o individual *versus* o coletivo, ou, em outras palavras, as suas experiências de família *versus* o modelo de família nuclear, amplamente compartilhado em nossa sociedade. Vejamos alguns desses trabalhos.

Partindo do aporte teórico da Teoria das Representações Sociais, Ribeiro (2011) propôs-se a investigar as representações sociais de família por crianças da cidade do Recife-PE. Em sua investigação, a autora contou com a participação de 69 crianças, de ambos os sexos, na faixa etária de 09 a 10 anos, estudantes da rede pública e privada de ensino, o que segundo a autora, possibilitou-lhe abranger uma maior diversidade de realidades socioeconômicas e culturais. Utilizando-se de abordagem plurimetodológica, composta por questionários, técnica de associação livre, desenhos e grupos focais, Ribeiro investigou o núcleo central das representações de família, bem como a percepção das relações entre tais representações e o contexto familiar e social nos quais as crianças estavam inseridas.

Os resultados apresentados pela autora são bastante interessantes. A partir da palavra indutora *'família'*, os dois grupos, o da escola privada e o da escola pública, obtiveram frequências de palavras bastante distintas: enquanto para as crianças de escola privada as palavras mais frequentes estavam relacionadas a afetos positivados (*'amor'*, *'união'*, *'afeto'*, *'carinho'*, *'amizade'*); nas respostas das crianças de escola pública predominaram (76,66%), em frequência, palavras relativas a parentesco (*'avó'*, *'mãe'*, *'tia'*, *'irmão'*, etc.). Neste sentido, é interessante ressaltar que, em frequência, em ambos os grupos, no que tange à palavra relacionada a parentesco, os *'avós'* (e termos correlatos) ficaram em primeiro lugar, seguidos da palavra *'mãe'* (e termos correlatos).

No entanto, quando solicitadas a hierarquizar as palavras por ordem de importância, a palavra *'mãe'* figura em primeiro lugar, seguida da palavra *'amor'*, entre os estudantes de escola pública. Ainda sobre este, percebe-se que ele apresentou uma maior variedade de tipos de parentesco, o que, segundo a autora, pode estar relacionado ao fato de estas crianças possuírem um maior convívio com sua família extensa, do que as crianças de escola privada (tais dados foram obtidos pela pesquisadora através de questionário previamente preenchido pelas crianças, os quais apontaram uma diversidade de configurações familiares vividas, principalmente as crianças da escola pública). Tal achado parece-nos indicar certa relação entre o contexto vivido e as significações produzidas pelas crianças. Todavia, como veremos mais à frente, o contexto no qual vive a criança e suas experiências não são determinantes de suas percepções de família.

A partir dos dados supracitados, Ribeiro (*op. cit.*) indica-nos que o núcleo central das representações sociais de família das crianças pesquisadas é composto pelos termos: *'mãe'*,

'pai', 'amor', 'carinho' e 'união', o que parece ser indicativo da importância do modelo de família nuclear na construção do ideal de família das crianças. Assim, Ribeiro, de modo geral, aponta-nos que as crianças apresentariam uma visão idealizada de família, calcada em afetos positivados e no modelo de família nuclear, o que nem sempre coincide com as experiências por elas vividas em suas famílias, o que pode ser evidenciado em etapas posteriores da pesquisa, na realização dos grupos focais e desenhos. Nesses momentos, as crianças puderam expor de maneira mais detalhada suas concepções e vivências de família, revelando, por vezes, certas situações de sofrimento e configurações familiares que escapavam ao modelo de família nuclear. Todavia, ainda assim, a família é apresentada como um lugar de experiências positivas.

Fato bastante curioso relatado por Ribeiro (*op.cit.*) é que, durante a etapa de desenho, onde se solicitava às crianças que desenhassem “a família” e posteriormente “sua família”, pôde-se perceber o emergir de um conflito entre o retrato do que deve ser uma família (modelo ideal) e o desenho de sua própria família (família vivida). O conflito foi apresentado por uma menina que perguntava a pesquisadora se deveria ou não incluir a figura de seu pai no desenho (que residia com ela e sua mãe), acreditando que o ‘certo’ deveria ser incluí-lo uma vez que estava desenhando a família e, nas palavras da menina: “*porque ‘a família’, naturalmente, é a família assim né?!’*”, referindo-se ao modelo de família nuclear (pai, mãe e filhos). Na etapa referente aos grupos focais realizados com as crianças, destacamos novamente o surgimento do conflito família idealizada x família vivida. Nas palavras de Ribeiro:

As situações expostas pelas crianças e suas falas sugerem conflitos entre a realidade vivida e o discurso idealizado de família. As questões foram quase sempre seguidas de pausas/silêncio, expressões de que precisavam elaborar, sobretudo, quando se deparavam com a falta do pai nas palavras hierarquizadas e nos desenhos. O sentimento expresso foi de incompletude, pois segundo eles próprios, “*família não é só isso*”. (p. 89)

Assim, ao se depararem com suas realidades familiares divergentes do modelo nuclear de família, expresso, entre outros, pela “falta da figura do pai”, as crianças dão indícios de que vivenciam certo conflito. Por fim, contudo, parecem ater-se ao modelo nuclear, vendo seus familiares, de certo modo, incompletos, afinal “*família não é só isso*”. Tal posicionamento por parte das crianças nos leva a questionar: se no que tange a sua própria experiência familiar, as crianças tendem a vê-la como incompleta frente ao modelo idealizado, de que maneira reagiriam frente a um modelo de família homoparental, cercado por polêmicas, já que além de fugir do formato “pai-mãe-filhos”, caracteriza-se por existirem “dois pais” ou “duas

mães”, podendo, inclusive, distanciar-se do conceito de família pautado nos laços consanguíneos? De que maneira se posicionariam frente ao novo? Considerá-lo-iam como sendo uma família? Também o veriam como incompleto?

Em recente dissertação de mestrado, Lira (2012) propôs-se também a investigar a significação de crianças sobre família. A partir deste trabalho, realizado por meio de oficinas de brincadeira – propunha a um conjunto de crianças que brincassem de família, bem como, em momentos posteriores com as mesmas crianças, propunha conversarem sobre as oficinas – o autor encontra achados interessantes, não só sobre o objeto família na perspectiva das crianças em situação de acolhimento institucional, mas sobre o próprio processo de construção das significações.

Feitas as ressalvas necessárias quanto aos limitadores da escolha por parte da criança do ‘personagem’ por ela escolhido a ser desempenhado na ‘brincadeira de família’ (número de crianças, negociação com os parceiros, etc.), os personagens mais frequentemente escolhidos são aqueles pertencentes ao modelo de família nuclear (pai, mãe e filhos), ainda que o ‘personagem’ escolhido não tenha sido, necessariamente, o ‘personagem’ brincado. Nesse sentido, ressalta-se que foram ‘brincadas’ diferentes configurações familiares, com destaque para as famílias monoparentais. Ainda que de maneira cautelosa, poderíamos dizer que os dados parecem estar em consonância com os de Ribeiro (2011), na medida em que apresentam o modelo de família nuclear (quando da escolha dos personagens) e diferentes vivências e personagens da família (quando da brincadeira propriamente dita).

De modo geral, Lira (*op. cit.*) conclui que as significações produzidas pelas crianças são “construções microgenéticas no aqui e agora das interações, as quais se apresentam imprevisíveis enquanto recombinação de significados advindos dos distintos parceiros interacionais imersos em um contexto sócio-histórico.” (p. 144). Assim sendo, tal afirmativa indica-nos que os sentidos produzidos pelas crianças, circunscritos ao contexto interacional, estão fundamentalmente sujeitos a constantes transformações, caracterizando o espaço interacional como local propício ao estudo da construção e mudança dos significados e sentidos culturalmente compartilhados. Tal característica dos processos de significação (a saber, o caráter interacional e calcado no aqui-agora) torna-se importante na medida em que contribuirá para formulação do método da presente pesquisa, como será visto mais a frente.

Lauz e Borges (2013), em pesquisa com crianças de nove e dez anos de idade, também em situação de acolhimento institucional, porém no Rio Grande do Sul, encontram resultados similares ao de Lira, apontando-nos a tensão existente nas significações de família, entre a experiência familiar prévia ao acolhimento institucional e o modelo de família nuclear. Esta

tensão, segundo os autores, revelava-se também no momento de brincadeira de faz de conta, quando as participantes oscilavam suas atuações entre uma família composta apenas por mães e seus filhos (configuração de origem das crianças participantes da pesquisa) e modelo nuclear “pai-mãe-filhos”.

Conclusões similares são apontadas por Santos (2015). Em seu trabalho, a autora investigara a ontogênese das representações sociais de família em crianças na faixa etária de 4 a 6. Participaram de sua pesquisa 28 crianças que frequentavam instituição pública de educação infantil da cidade do Recife-PE, localizada em bairro da periferia da cidade. O procedimento empregado fundamentava-se em um planejamento de uma peça teatral, por parte das crianças, a respeito de família. Como resultados, a autora afirma que a família é percebida em suas dimensões afetivas, educacionais e de sustento, sendo perpassada por conflitos e tensões entre individualidade *versus* coletividade, experiência familiar *versus* modelos culturalmente partilhados, família extensa *versus* família nuclear, parentalidade *versus* vinculação.

As pesquisas apresentadas trazem informações com implicações teórico-metodológicas para a escuta de crianças sobre família: (1) a necessidade de abordagens plurimetodológicas (com diferentes instrumentos ou meios de expressão para as crianças); (2) o fenômeno família aparece na compreensão das crianças a partir de articulações, conflitos e diferentes planos de inserção, especialmente entre individual e coletivo. Deste modo, temos pistas interessantes para a elaboração do método que será apresentada mais à frente. Antes, contudo, são estas mesmas pistas que, juntamente com a escassez de pesquisas que tratem o tem homoparentalidade na perspectiva das crianças, nos permitem formular o problema que nos norteará na pesquisa: qual a relação entre os modelos ideais de uma cultura sobre o objeto social família (nuclear e heterossexual) e experiências particulares vividas pelas crianças em seus contextos de construção de significados acerca do mesmo objeto, em especial, a família homoparental? Na tentativa de responder a esta pergunta, propomo-nos a seguir os seguintes objetivos:

Objetivo Geral: compreender as significações de família produzidas por crianças, com especial enfoque para a configuração homoparental;

Objetivos Específicos: (a) Identificar as concepções das crianças acerca da noção de família, buscando seus elementos definidores e articulações entre eles.(b) Identificar possíveis articulações entre seus sentidos de família e a compreensão que têm sobre homoparentalidade.

Antes, contudo, faz-se necessário expormos nossa compreensão acerca dos processos de significação.

### 3 PERSPECTIVA TEÓRICA: EM BUCA DE UM SENTIDO

O estudo dos processos de significação desde sua origem tem sido alvo de interesse de diversas áreas do conhecimento, como a Filosofia, a Linguística, a Semiótica e a Psicologia, caracterizando-se, portanto, como um campo multidisciplinar e, talvez por isso, com grande número de teorias, proposições, indefinições e contradições.

De fato, para alguns autores, como Bruner (1997), o estudo do significado e seus processos de construção ganham lugar de destaque dentro de uma psicologia de caráter cultural. No célebre livro intitulado *Atos de Significação*, Bruner chega mesmo a dizer que o estudo *adequado* do homem passa, necessariamente, pela compreensão dos processos de significação, sendo o conceito de significado central à Psicologia. O autor vê no estudo dos significados uma possibilidade de lidarmos com alguns pontos tensos desta disciplina<sup>7</sup>.

Em primeiro lugar, o estudo dos significados nos possibilitaria uma compreensão menos individualista do psiquismo humano, haja vista que o ato de significar só se tornaria possível mediante o encontro do indivíduo com os sistemas simbólicos de sua comunidade. Nesse sentido, afirma Bruner (*op. cit.*), os significados funcionariam como uma espécie de caixa de ferramentas comunitária que permitiria ao indivíduo interpretar o mundo e a si mesmo. Ora, é esta mesma noção de sistemas simbólicos, e de um psiquismo articulado com seu contexto sociocultural, que nos possibilitaria uma aproximação com outros campos das ciências humanas, como a História, a Antropologia e a Sociologia.

Como conceito articulador desta aproximação, e típico deste modo de concepção da Psicologia, Bruner (1997) propõe a *cultura*, concebida na mesma perspectiva do antropólogo Clifford Geertz (1978), o qual enfatiza o caráter semiótico da cultura, bem como sua forma de teias tecidas pelo humano, nas quais ele próprio encontra-se amarrado (lógica de mútua constituição cultura-humano); uma espécie de rede de significações. Assim, em Bruner, os conceitos de significado e cultura mostram-se intimamente relacionados, uma vez que a própria cultura é concebida como uma teia de significados.

Todavia, conforme nos aponta Correia (2009), apesar de frequentemente utilizado no campo da Psicologia e da importância a ele atribuída, o termo “processos de significação” não

---

<sup>7</sup> É importante destacar que Bruner escreve o livro *Atos de significação* no contexto pós-revolução cognitivista, apresentando uma série de desafios que, à época, a Psicologia enfrentava enquanto disciplina. Apesar do tempo transcorrido, acreditamos que muitos destes desafios se fazem presentes ainda hoje na Psicologia, a saber: a tendência a uma interpretação individualista do humano e o isolamento em relação a outras disciplinas, entre outros.

parece possuir uma definição clara. Nesta direção, Smolka<sup>8</sup> (2004) afirma que ao nos depararmos com a questão da significação encontramos uma série de termos postos, por vezes, como sinônimos, o que acabam contribuindo para a indefinição do que entendemos pelo termo. Ao falarmos em significado, costumamos também pensar em “sinal, signo, símbolo, significante, imagem, ideia, noção, concepção, conteúdo, conceito, palavra, referente...” (SMOLKA, 2004, p. 36). E, continua a autora, muitos são os que reconhecem as dificuldades conceituais e terminológicas do termo *signo* (e, portanto, dentro de sua perspectiva, de significação), que se encontra em um constante jogo de identificação e distinção com os termos citados.

Ante este emaranhado de noções e conceitos, que se sustenta a partir de diferentes e conflitantes posicionamentos teóricos e filosóficos no que se refere à linguagem e seu lugar na experiência e constituição do humano, a autora propõe-nos abandonarmos uma ontologia do signo (entendida como busca de sua natureza) sendo-nos possível tão somente uma historiografia, ou seja, uma tentativa de apreendermos a noção de signo a partir dos diferentes quadros referenciais no qual ela se encontra inserida, nos diferentes momentos históricos do conhecimento humano.

Apesar de a noção de signo está implicada com processos de significação, construímos nossas reflexões a partir deste segundo termo, por ser mais abrangente, uma vez que o signo dele faz parte. Assim, ao falarmos em significação, referimo-nos, aqui, à possibilidade de o sujeito dar sentido a objetos, físicos ou sociais, incluindo seu próprio corpo, suas experiências sensoriais/motoras, e suas experiências subjetivas, desde a mais tenra idade, ou seja, bem antes de se configurar, explicitamente, uma capacidade cognitiva de representação ou de mediação na relação sujeito-objeto. Nesse sentido, aproximamo-nos de Furlan (2004), quando afirma que a significação extrapola o campo da linguagem, considerando que linguagem é signo.

Por sua vez, Correia (2009) propõe que, apesar da multiplicidade de abordagens, é possível depreender-se três componentes fundamentais aos processos de significação: (1) a interação, na medida em que sempre haverá um outro que instigue a produção de significados; (2) o objeto, sobre o qual os significados são construídos; (3) e a atenção dirigida, pois haveria a necessidade de uma intencionalidade em dar significado ao objeto. A respeito da intencionalidade do processo de significação, possuímos certa ressalva, haja vista que, como

---

<sup>8</sup> Destaca-se que a autora parte de uma perspectiva socioculturalista, tendo sua base nos trabalhos de Lev Vigotsky (1896-1934), que concebe a linguagem e, conseqüentemente, a noção *signo* fundamentais ao processo de significação.

afirma Furlan (2004) a rede de significações mais nos possui do que nós a ela. Nesse sentido, nem sempre temos consciência dos significados nos quais estamos imersos. Entretanto, vale ressaltar que há diferentes acepções para o termo intencionalidade, dentre os quais a não obrigatoriedade de uma tomada de consciência no sentido de *consciousness* (reflexão/comunicação), mas no sentido de *awareness* (dar-se-conta de eventos no ambiente e de seus afetos) (ADES, 1997).

Até o presente momento, expusemos argumentos em favor, simultaneamente, da relevância e das dificuldades do estudo dos processos de significação. De modo similar ao objeto social família, conforme apresentamos na introdução deste trabalho, o estudo dos processos de significação é marcado pelo aparente paradoxo da relevância/indefinição. De fato, é possível entendermos que esta indefinição, na verdade, seja fruto da multiplicidade de perspectivas sobre esse fenômeno, que, por sua vez, deriva da própria relevância dele. Também em conformidade com o conteúdo acima apresentado, depreende-se que, apesar da multiplicidade de perspectivas, uma dimensão das significações tem merecido destaque: a interacional. Assim, a partir de agora apresentaremos, tendo por aporte maior o sociointeracionismo, os conceitos que norteiam nossa compreensão e análise dos processos de significação.

O conceito de interação social, e seus desdobramentos, mostram-se frutíferos na análise dos processos de significação na medida em que concebemos que esses têm por base a sociabilidade humana, ocorrendo dentro do campo interacional. Carvalho, Império-Hamburger e Pedrosa (1996) concebem o ser humano como ser social, ou seja, ele afeta e é afetado pelo coespecífico e sua ontogênese só ocorre em um meio social – e, em decorrência, em um ambiente cultural e historicamente estruturado. Neste sentido, consideramos o processo de significação enquanto fenômeno interacional, não destoando da noção trazida por Bruner (1997), citada anteriormente, de ver nos estudos da significação a possibilidade de escaparmos de uma noção individualista do humano. Contudo, resta-nos saber sobre que bases se sustenta a sociabilidade humana. Quais os seus princípios ou condições de existência?

Carvalho et al. (op cit.) propõem a existência de princípios para a sociabilidade humana, quais sejam: (1) a orientação da atenção; (2) atribuição ou compartilhamento de significados e (3) persistência de significados. O princípio de orientação da atenção informa-nos que, dentro do campo interacional social, a atenção dos indivíduos volta-se prioritariamente para seus coespecíficos, regulando as ações de um pelos outros. Em outras palavras, podemos entender que dentre um conjunto variado de informações ambientais, o

humano, inserido que está em um campo interacional social, tende a recortar e ressaltar outro humano como estímulo privilegiado, sendo, potencialmente, regulado por este.

O fenômeno interacional humano complexifica-se na medida em que o estímulo ambiental preferencialmente recortado (o coespecífico), em decorrência de sua ambiguidade e complexidade contextual, gera a possibilidade de interpretação da informação, sendo esta interpretação o que instigaria, segundo as autoras, a atribuição de significados que, por sua vez, abrem espaço para um amplo número de desenlaces possíveis aos episódios interacionais, dificultando o estabelecimento de relações de causa e efeito.

Deste modo, compreender o processo de significação a partir desta perspectiva possui sérias implicações na forma de pensar e fazer pesquisa, sendo a principal delas a impossibilidade de estabelecer relações deterministas entre as significações e seus contextos de produção, e conseqüentemente fazer previsões, restando-nos a compreensão do fenômeno por meio de interpretações plausíveis e producentes.

Compreendendo que os processos de significação ocorrem em contexto de interação social, faz-se necessário informar aquilo que reconhecemos como sendo os conceitos que relevam as dimensões do processo de significação. Para tal, tomaremos por base a perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações (RedSig), a qual, por sua vez, tem se ancorado em autores da perspectiva histórico-cultural e social da Psicologia (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM e SILVA, 2004).

A RedSig surge como uma proposta teórico-metodológica para compreensão do desenvolvimento humano, construída pelos integrantes do Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI), vinculado à Universidade de São Paulo. Com a RedSig os pesquisadores buscavam por um “paradigma mais adequado para a análise da complexidade de elementos de ordem pessoal, relacional e contextual que interagem no processo de desenvolvimento de bebês, de seus familiares e das educadoras” no contextos de creches (ROSSETTI-FERREIRA, 2004, p.16).

Com esta motivação, o grupo do CINDEDI passou a debruçar-se sobre os mais diferentes autores e suas contribuições a fim de alcançarem o objetivo de melhor compreenderem o desenvolvimento humano, a partir de seus trabalhos empíricos desenvolvidos majoritariamente no contexto de educação infantil. Neste debruçar-se, o grupo aproximou-se daquilo que se tem denominado, em Psicologia, de uma visão sistêmica, com a qual se busca compreender fenômenos complexos (como o desenvolvimento humano) em suas múltiplas dimensões, e de maneira integrada e inclusiva, ampliando o foco do indivíduo

para as pessoas em interação e abandonando perspectivas unidirecionalistas acerca da relação pessoa-ambiente. (ROSSETTI-FERREIRA, 2004).

É a partir da análise de dados empíricos, utilizando-se da perspectiva sistêmica, que os participantes do CINDEDI depararam-se com o fato de que será central na estruturação da proposta da RedSig, a saber, que mais relevante do reconhecer os diferentes fatores envolvidos nos processos investigados, seria investigar as múltiplas articulações que esses fatores estabelecem, as quais, por sua vez, permitiriam diversas *significa-ções*. A partir daí, os atos de significação, tais quais concebidos por Bruner (1997), passam a ser compreendidos como centrais no processo de desenvolvimento humano. Assim, entendemos estarem lançadas as bases da RedSig: a investigação das diversas articulações (rede) de significações envolvidas no processo de desenvolvimento humano.

Mas, afinal, de que maneira uma perspectiva teórica acerca do desenvolvimento humano poderia contribuir para a compreensão dos processos de significação? Como explicitado anteriormente, os atos ou processo de significação ocupam lugar de destaque dentro da RedSig. Ocorre que, como bem observado por Spink (2004), por vezes, parece ocorrer dentro da proposta da RedSig certa confusão ou aproximação excessiva, enquanto objeto de estudo, entre as interações sociais em ambientes de creche e o estudo do desenvolvimento humano. Em outras palavras, os conceitos apresentados na RedSig prestam-se tanto à análise de situações interativas (e as significações delas decorrentes), como do desenvolvimento humano em si. Muito possivelmente, isto decorre da concepção adotada de que o desenvolvimento humano se dá *por meio de e nas* interações sociais. (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM e SILVA, 2004).

Deste modo, isto torna plausível que, neste trabalho, realizemos uma apropriação dos conceitos da RedSig (utilizados originalmente para descrever o desenvolvimento humano) na tentativa de compreensão dos processos de significação. Outro fator importante que precisa ser destacado, e que também possibilita esse “trânsito” de conceitos, é que ambos os fenômenos (desenvolvimento humano e processos de significação) são tomados como inseridos no campo dos fenômenos interacionais, a partir de uma perspectiva sociointeracionista. Assim, esperamos estar justificada aplicação dos conceitos da RedSig aos estudos dos processos de significação.

Dentre os conceitos apresentados pela RedSig, quatro deles mostram-se frutíferos instrumentos para a análise dos processos de significação. São eles matriz sócio-histórica, pessoa, múltiplas dimensões temporais e, em especial, a metáfora de rede.

Tal qual proposta por Rossetti-Ferreira et al. (op cit.), a matriz sócio-histórica caracterizar-se-ia como sendo “de natureza semiótica, composta por elementos sociais, econômicos, políticos, históricos e culturais” (p. 26), mantendo uma inter-relação dialética entre elementos discursivos e condições socioeconômicas. Diferentemente da ideia tida por muitos, a matriz sócio-histórica não possui caráter homogêneo, nem tão pouco determinístico. Pelo contrário: os discursos dela constituintes são polifônicos e polissêmicos, e as condições socioeconômicas as mais diversas. As autoras apresentam ainda outra característica da matriz que possibilita articular as dimensões macro e micro, indivíduo e contexto sócio-histórico: a sua materialidade e concretude. A matriz sócio-histórica faz-se presente e se atualiza nas interações cotidianas das pessoas, podendo ser observada na organização de espaços, discursos e por meio do próprio corpo. Assim sendo, torna-se clara a articulação e relação de mútua constituição entre o contexto sócio-histórico e as pessoas, outro conceito da RedSig.

Na tentativa de distanciarem-se de conceitos como o de indivíduo e de sujeito, que, por vezes, podem dar a ilusão de um humano descontextualizado, as autoras propõem o termo pessoa, a fim de garantir a noção de um ser humano fundamentalmente relacional. Além da ideia de relação, o conceito de pessoa traz a concepção de humano múltiplo, no qual convivem diferentes vozes, uma vez que por diversas vozes este foi constituído – noção de inspiração bakitiniana. Nas palavras das autoras (op cit., p. 25):

A pessoa é múltipla porque são múltiplos e heterogêneos os vários outros com quem interage. A pessoa é múltipla porque são múltiplas as vozes que compõem o mundo social e os espaços e as posições que vai ocupando nas práticas discursivas. Essa multiplicidade de vozes e posições que dialogam entre si submetem a pessoa, mas, ao mesmo tempo, preservam a abertura para a inovação e para a construção de novos posicionamentos e processos de significação acerca do mundo, do outro e de si mesma.

Ainda em sua argumentação sobre a noção de pessoa, as autoras propõem algo considerado fundamental: mesmo que constituído dentro de uma matriz sócio-histórica, e em diferentes contextos, em virtude da polissemia das significações e da particularidade do lugar espaço temporal e discursivo por ela ocupado, a pessoa mantém sua singularidade, possibilitando realizar sua própria interpretação da realidade vivida.

No que tange em especial às crianças, esta noção de não passividade é merecedora de destaque, tendo em vista que, culturalmente, a criança é tida enquanto ser incompleto, pouco competente socialmente e dependente do desejo do adulto (CRUZ, 2008). Assim, longe de um mecanismo de simples adaptação ou internalização por parte da criança, a apropriação de

significados dá-se de maneira ativa por parte dela, tornando-se a criança, “inescapavelmente” coprodutora dessas significações (SMOLKA, 2004; ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM e SILVA, 2004). Tal concepção nos remete, de certo modo, ao já citado conceito de reprodução interpretativa de Corsaro (2011), na medida em que ele traz, para além de uma reprodução do já instituído, uma interpretação do vivido, garantindo particularidades a cada criança.

As significações, assim como todo acontecimento, estão situadas em contexto espaço-temporal. Ao falarem do papel do tempo nos processos de desenvolvimento (em nosso caso, nos referimos aos processos de significação), Rossetti-Ferreira et al. (2004) postulam a existência de quatro dimensões temporais que se encontram superpostas e inscritas nos diferentes contextos e espaços, atualizando-se continuamente no aqui-agora, conferindo ao presente uma plenitude temporal.

A primeira destas dimensões é o tempo histórico, *locus* do imaginário social, construído durante períodos relativamente longos de uma sociedade, sendo responsável pelas formações discursivas e ideológicas, compondo o interdiscurso ou rede coletiva de significações. Em nosso trabalho, esta dimensão temporal apresenta-se por meio da noção do modelo de família “pai-mãe-filhos”, sendo percebido na fala das crianças (como veremos mais adiante) justamente por seu amplo grau de compartilhamento e compreensão (interdiscurso e rede coletiva de significações), bem como por seu caráter normativo.

Temos ainda o tempo vivido, o qual se refere às experiências e práticas discursivas construídas ao longo de nosso processo de socialização, compartilhadas por amigos, parentes e pessoas próximas. Aqui, damos ênfase à ideia de experiências familiares vividas pelas crianças, a qual permitiu a formulação da pergunta norteadora da presente pesquisa e mostrou importante atravessamento das significações de família.

Em terceiro lugar, o tempo prospectivo ou de orientação para o futuro, referindo-se às expectativas, desejos e metas pessoais e coletivas, planos ou antecipações que delimitam ou impulsionam as significações.

A análise destas três dimensões temporais, contudo, só se torna possível a partir de suas articulações no *tempo presente ou microgenético*, caracterizado pelas trocas discursivas interpessoais no aqui-agora. Faz-se necessário destacar, que esta dimensão temporal não é simplesmente o cenário de articulação das anteriores, possuindo existência própria e forte influência sobre os processos de significação. Salientamos também que as significações em suas dimensões temporais possuem caráter dinâmico, sofrendo transformações e alternância de destaques em um constante jogo de figura-fundo. Em outras palavras, as dimensões

temporais permanecem em um constante jogo de articulações, sobreposições, justaposição e prevalência.

Ora, tais dimensões, como dito anteriormente, encontram-se, atualizam-se e perpassam os contextos e campos de interação, delimitando e possibilitando a construção dos significados. É por essa razão que a compreensão dessas diferentes dimensões temporais torna-se não só pertinente, mas relevante no estudo dos processos de significação e, portanto, para a presente pesquisa.

Por fim, apresentamos aquilo que consideramos a mais interessante contribuição da RedSig no estudo dos processos de significação, a saber, a metáfora da rede e suas implicações. A metáfora da rede é incorporada pelas autoras da RedSig com o propósito de dar conta da complexidade do desenvolvimento humano, decorrente da multiplicidade de articulações entre os elementos que se relacionam ao processo. No estudo dos processos de significação, acreditamos deparar-nos com a mesma complexidade. Decorrente de sua estrutura em rede, as significações podem assumir diferentes configurações ao longo do tempo, transformando-se num constante jogo de figura-fundo, onde os significados alternam-se em relevo. Assim, um mesmo conjunto de significados pode organizar-se em diferentes arranjos, a depender dos aspectos presentes na situação onde as significações se atualizam e do fluxo interacional. Nesse sentido, a rede pode possuir momentos e pontos de maior flexibilidade e polissemia, bem como momentos e pontos mais rígidos e estritos.

Outra característica fundamental da rede (que se articula com o conceito de pessoas) é a presença de confrontos e conflitos entre as significações. A rede de significações parece configurar-se de maneira específica para cada pessoa, haja vista que cada uma ocupa um ponto singular na rede, em decorrência da impossibilidade de duas pessoas ocuparem a mesma posição espaço-temporal e discursivo (HARRÉ, *apud* ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM e SILVA, 2004). Deste modo, a pessoa é simultaneamente múltipla e singular. Todavia esta multiplicidade, que gera a singularidade, decorre das inúmeras vozes que a compõem, as quais nem sempre são consonantes, o que acaba por fazer dos embates, crises e conflitos uma realidade constitutiva da rede de significações.

A partir do tema de interesse deste trabalho (família e homoparentalidade) e da apresentação, que acabamos de fazer, do modo como concebemos nosso objeto de estudo (as significações e seu processo de construção), resta-nos traçar os objetivos e delinear o método a ser seguido a fim de que respondamos a pergunta norteadora desta pesquisa. Deste modo, adotadas as concepções teóricas acima descritas, lancemo-nos no desafio de elaboração metodológica que dê conta das significações em sua complexidade.

## 4 MÉTODO

A elaboração do método é, em nosso entender, o momento mais criativo de uma pesquisa. É nele que o pesquisador encontra a possibilidade de, articulando seus objetivos de pesquisa e sua perspectiva teórica, desenvolver estratégias de aproximação ao objeto de estudo, as quais devem ocorrer de maneira precisa e refinada, caso contrário, correremos o risco de que o material coletado incorra em um grande conjunto de informações pouco significativas (MINAYO, 2009). Porém, nem só de criatividade vive o método. Lembremos que a ciência surge enquanto uma busca por conhecimentos confiáveis e plausíveis que aumentem nossa compreensão sobre o mundo.

Para muitos, esta confiabilidade das informações é obtida por meio da padronização absoluta dos instrumentos e procedimentos de coleta, aliadas com a ideia de neutralidade do pesquisador. Nós, porém, adotamos uma perspectiva de que a confiabilidade dos dados encontra-se no rigor da descrição de seus modos de produção. É esta descrição rigorosa que nos permitirá compreender e levantar questionamentos sobre as conclusões da pesquisa. Ademais, no que tange a neutralidade, pensamos que o próprio dado é construído por meio da observação e mediante um processo de interação entre o pesquisador (e sua perspectiva teórica) e o material coletado (CARVALHO, IMÉRIO-HAMBURGER & PEDROSA, 1999), sendo, portanto, impossível um olhar neutro diante do fenômeno estudado.

Assim, passemos a descrição dos procedimentos adotados na realização desta pesquisa.

### 4.1. Participantes e contexto

Participaram da pesquisa 32 crianças (17 meninos e 15 meninas) com idades variando entre quatro anos e cinco meses (4;5)<sup>9</sup> e seis anos e quatro meses (6;4), com média de idade igual a cinco anos e quatro meses (5;4), moradoras da Região Metropolitana do Recife (RMR) e que frequentavam um dos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI) ligado à Secretaria de Educação da Prefeitura do Recife. Um destes CMEI, localizado em bairro da periferia da cidade do Recife, foi o local de realização da coleta de dados. O CMEI em questão atende a população do bairro onde se localiza, acolhendo crianças desde o berçário até o grupo 5, portanto, com idades variando entre três primeiros meses de vida até seis anos e quatro meses, quando da realização da coleta de dados. A instituição conta com equipe

---

<sup>9</sup> Desde já, informamos que adotamos a convenção (anos;meses) para representarmos as idades das crianças. Em outros momentos, quando da descrição de episódios interativos, acrescentamos ainda a informação do gênero socialmente atribuído à criança: (gênero socialmente atribuído/anos;meses).

formada por professores, auxiliares de desenvolvimento infantil (ADIs) e estagiários, além da equipe de gestão e profissionais terceirizados de limpeza. Este CMEI, à época da pesquisa, tinha sido inaugurado há pouco mais de um ano. Ele dispõe de estrutura física ampla e em excelente estado de conservação e possui ambientes específicos para as atividades ligadas a habilidades e temas a serem trabalhados com as crianças: leitura multimídia, faz de conta, corpo e movimento, etc. Dois desses ambientes foram utilizados para a realização da pesquisa: a sala multimídia e a biblioteca. A esse respeito falaremos adiante.

Faz-se necessário informar que o presente projeto de pesquisa encontra-se inserido em um projeto mais amplo, coordenado professora Maria Isabel Pedrosa, intitulado “*Práticas sociais e cultura do grupo de brinquedo: concepções de adultos e perspectivas de crianças*” que objetiva investigar o desenvolvimento de crianças pequenas (9 meses a 6 anos de idade) por meio de observação e videogravação em creches ou pré-escolas para poder compreender como elas, em suas brincadeiras, atribuem significados a experiências e a vários objetos com os quais convivem (PEDROSA, 2015). A partir de sua aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) (ver ANEXO A), iniciou-se o trabalho de campo por meio da aproximação às instituições educacionais (incluindo o CMEI aqui mencionado) e aos familiares e/ou responsáveis legais pelas crianças a fim de obter seu consentimento para realização da pesquisa (ver ANEXO B). Só então, iniciou-se a coleta de dados junto às crianças.

Além da autorização dos responsáveis, necessitávamos do consentimento das próprias crianças. Assim, em contexto mais amplo, dirigíamo-nos às crianças informando-lhes sobre do que se tratava a pesquisa em questão, bem como das atividades envolvidas, deixando-lhes livres para participarem, ou não, quando convidadas. Na presente pesquisa, foram convidadas apenas as crianças do grupo 4 (idades aproximadas entre 4 e 5 anos) e do grupo 5 (idades aproximadas entre 5 e 6 anos). Tal escolha ocorreu em virtude de que, em sua maioria, as crianças desta idade já dominam a fala enquanto importante meio de expressão, o que era fundamental para proposta da pesquisa: pequenos grupos de conversa, instados com material e procedimentos específicos.

Assim, após a apresentação do pesquisador e da proposta de pesquisa de modo mais amplo, as crianças foram agrupadas, aleatoriamente, em trios, respeitando-se apenas sua pertença ao grupo dentro do CMEI (ver quadro abaixo). Em outras palavras, crianças do grupo 4 comporiam trios apenas com crianças deste grupo, o mesmo ocorrendo com o grupo cinco. Esta forma de organização em trios possui três justificativas: (1) em nossa cultura, não é comum que um adulto converse sozinho com uma criança, assim a conversa em grupo

favoreceria um clima mais descontraído, possibilitando que as crianças se sentissem mais confortáveis; (2) na mesma direção, optou-se pelo respeito ao pertencimento da criança ao seu grupo no CMEI, uma vez que estariam mais familiarizadas do que com crianças de outro grupo; (3) por fim, o exame das interações sociais e dos processos de significação se enriquece numa situação de grupo haja vista uma maior variedade de posicionamentos diante do mesmo tema, bem como as próprias interações sociais de coetâneos introduzem relações horizontais no grupo (criança-criança), além da relação vertical-existente (pesquisador-criança) proporcionando, por exemplo, uma maior possibilidade de questionamento e oposições. Neste sentido, por mais permissiva, acolhedora, compreensiva e ética que seja a postura adotada pelo pesquisador, devemos reconhecer a existência de uma desigualdade de poder na relação adulto-criança. Resta-nos, portanto, tomar consciência desta desigualdade e tentar minimizá-la por meio das atitudes acima descritas.

**Quadro 1:** Dados gerais e distribuição dos participantes por trio

Grupos do CMEI	Trios	Nomes <sup>10</sup> dos componentes dos trios	Idade (anos;meses)	Gênero atribuído (F: Feminino/ M: Masculino)
Grupo 4	Trio 1	Lara	5;3	F
		Eva	5;1	F
		Guga	5;1	M
	Trio 2	Mel	4;9	F
		Mia	4;8	F
		Cássio	5;3	M
	Trio 3	Milla	4;7	F
		Tito	5;3	M
		Júlio	5;1	M
	Trio 4	Joca	4;10	M
		Malu	4;8	M
		Rick	5;1	M
	Trio 5	Luci <sup>11</sup>	4;9	F

<sup>10</sup> Todos os nomes das crianças, bem como de seus familiares, são fictícios, a fim de garantir seu anonimato.

		Vic	4;10	M
		Teo	4;5	M
Grupo 5	Tri 6	Fabi	6;2	F
		Nick	5;8	F
		Nino	5;11	M
	Trio 7	Babi	5;8	F
		Dani	5;1	F
		Leo	5;9	M
	Trio 8	Bia	6;4	F
		Joel	6;1	M
		Nanda	5;11	F
	Trio 9	Cris	5;11	F
		Luca	5;7	M
		Maju	6;4	F
	Trio 10	Gui	5;7	M
		Lia	4;10	F
		Cadu	5;11	M
Trio 11	Edu	6;0	M	
	Juca	5;9	M	
	Guto	5;7	M	

Fonte: O Autor, 2016.

#### 4.2. Material e procedimentos de coleta

Concebendo a criança enquanto sujeito ativo na apropriação e construção de significados, propomo-nos a escutá-la. Mas, como fazê-lo? Almeida et al. (2011), a partir de revisão da literatura, afirmam que grande parte dos estudos tem apontado que, quando no estudo com crianças, faz-se necessária flexibilidade, tanto por parte do pesquisador, quanto do método por ele utilizado. Assim, afirmam ser interessante que os pesquisadores utilizem-se de metodologias variadas, lúdicas, que despertem o interesse da criança e que sejam adequadas a sua faixa etária e contexto sociocultural, oferecendo-lhes assim diferentes meios de expressão,

<sup>11</sup> Momentos antes de iniciarmos a roda de conversa, Luci informou-nos seu desejo de não mais participar da pesquisa, no que foi respeitada, retornado para a sala de aula.

dentro de um contexto que lhes seja familiar. Tais procedimentos visam basicamente a promover o engajamento da criança na atividade de pesquisa, o que se origina de uma preocupação com o bem-estar da criança (atividades agradáveis a ela) e com a própria qualidade dos dados produzidos, já que esta está fortemente atrelada à relação da criança com o pesquisador e com a atividade a ser desempenhada.

A partir dos objetivos da presente pesquisa, e das considerações acima citadas, propusemo-nos a *conversar* com as crianças sobre famílias homoparentais. Por conversa, entendemos estar embarcando numa relação dialógica entre pesquisador e crianças, sendo possível a estas posicionarem-se e também questionarem, caracterizando-se o *corpus* da pesquisa como uma construção do grupo (SOLON; COSTA; ROSSETTI-FERREIRA, 2011). Para além de um jogo automatizado de perguntas e respostas, busca-se estabelecer com as crianças uma relação de confiança que nos permita acessar os significados por elas compartilhados, por meio de um modo de expressão autêntico.

Em síntese, grande parte do esforço despendido na criação do presente método girou em torno de dois pontos: (1) encontrar um modo interessante, para as crianças, de apresentação do tema “família homoparental” como mote para nossa conversa; (2) propiciar um clima favorável para que as crianças pudessem conversar entre si e com o pesquisador de maneira sincera e sem constrangimentos. Deste modo, procedeu-se à proposta metodológica abaixo descrita.

Após a formação dos grupos, dava-se início a coleta propriamente dita, que foi realizada em duas diferentes salas da instituição: a sala multimídia e a biblioteca<sup>12</sup>. As atividades eram divididas em três momentos: no primeiro momento, foi proposto às crianças que fizessem, individualmente, o desenho de “uma família”, oferecendo-lhes papel, giz de cera e lápis de cor, e solicitando-se a elas que falassem, enquanto desenhavam, respondendo à pergunta: o que é uma família? (ver figura abaixo). De fato, essa era apenas a pergunta inicial: durante todo o processo de execução do desenho, o pesquisador realizava uma série de questões em torno do objeto família, afinal, o desenho tinha, por função principal, servir como uma forma de instigar e tornar o diálogo mais interessante.

---

<sup>12</sup> Em decorrência das diferenças entre as duas salas do CMEI utilizadas para a realização da pesquisa, em uma delas (Sala Multimídia) fez-se necessária a presença de auxiliar de pesquisa, para que realizasse a filmagem, gerando, portanto, diferentes proporções adulto/criança nos encontros de conversa. Apesar de reconhecermos que a simples presença já é um fator a influenciar as crianças, percebemos também que a presença do auxiliar (talvez por ser estagiário do CMEI) não despertava a curiosidade das crianças, sendo praticamente ausente o direcionamento do olhar para ele ou mesmo menção a sua figura. De qualquer forma, informamos que as sessões geradas com os trios 6, 8, 9, 10 e 11 contaram com a colaboração do estagiário, a quem agradecemos.

**Figura 1** - Momento do desenho de uma família.



Fonte: Arquivos da Pesquisa.

Nesse sentido, é válido destacar que o desenho de família é um clássico recurso de exame psicológico, sendo costumeiramente analisado como um recurso projetivo a partir do qual seria possível obter informações da personalidade (bem como de suas relações familiares) de quem desenha a partir de elementos estruturais do desenho, como pressão e espessura do traço, presença ou ausência de cores, figuras presentes e sua disposição no papel, etc. Em nosso caso além de instigar o diálogo, o desenho teve papel secundário na análise, pois investigávamos tão somente como a família era representada, principalmente as figuras desenhadas. Tal utilização do desenho tem sido utilizada em trabalhos anteriores de nosso grupo de pesquisa, gerando resultados interessantes (LIRA, 2012; INTERAMINENSE, 2015).

No que tange às perguntas realizadas durante a feitura do desenho, elas não eram absolutamente padronizadas, emergindo e sendo formuladas pelo pesquisador, em sua maioria, a partir do conteúdo trazido pelas crianças durante a conversa. Evidentemente, havia perguntas norteadoras da conversa, as quais estavam atreladas aos objetivos da pesquisa e possíveis de atrito com a compreensão da homoparentalidade enquanto família: o que é uma família? Família faz o quê? Quem faz parte da família? Toda família é igual? Uma criança pode ter dois pais? Este tipo de procedimento, em que as perguntas não são padronizadas e, em sua maioria, emergem a partir do contexto interacional da conversa pode parecer estranho e pouco científico, ou, ainda, que a proposta de uma *conversa* com crianças possa ser algo novo ou inovador. Nada, porém, é mais ilusório, haja vista que autores da Psicologia já se utilizaram e ainda se utilizam deste modo de fazer pesquisa. Um exemplo foi Jean Piaget, que denominou seu procedimento de método crítico, desde o início do século XX, mas que vem sendo chamado por outros de método clínico.

O método piagetiano é clínico no sentido de ir além do óbvio, da resposta estereotipada, buscando compreender o ponto de vista da análise do sujeito. As características gerais das explicações, a maneira como o indivíduo resolve os problemas apresentados, como chega às suas explicações, buscando também perceber se guarda coerência, se manifesta contradições, e também, de forma mais peculiar, o que há de criatividade nas respostas [...] (QUEIROZ & LIMA, 2010, p. 111).

Do método clínico piagetiano, inspiramo-nos em sua busca pela compreensão do processo, e não só da resposta; os modos e justificativas apresentadas pela criança, suas contradições e inventividade das respostas. Ademais, Piaget é conhecido pela apresentação de situações de conflito às crianças, entendendo que por meio deles, será instigada a explicitar e elaborar seu modo de pensar. Neste sentido, como o leitor verá mais a frente, em não raros momentos, o pesquisador assume diante das crianças um papel instigador, apresentando contradições e conflitos de suas significações, bem como, por vezes, colocando-se como um “obstáculo” a ser superado, assumindo postura contrária às apresentadas pela criança. De fato, este tipo de postura deve ser cuidadosa, a fim de que não se torne intimidadora, mas, sim, estimuladora; bem como que não se torne demasiadamente cansativa para a criança (haja vista o grande número de questões formuladas) o que desestimularia sua participação na pesquisa, comprometendo a qualidade dos dados. Neste sentido, o pesquisador assume a postura de quem não sabia a respeito do tema, daí o grande número de perguntas, precisando da ajuda das crianças para compreender o que é uma família. Acreditamos ter alcançado o equilíbrio entre o acolhimento e a apresentação de conflitos, uma vez que as crianças não demonstravam sentirem-se intimidadas pelo pesquisador, sempre enfrentando os desafios (conflitos) por ele propostos.

Ao final deste primeiro momento, o pesquisador solicitava às crianças que falassem um pouco acerca do desenho que acabaram de fazer, aproveitando para tirar eventuais dúvidas. Neste momento, era comum que as crianças falassem dos personagens que compunham o desenho de família, os quais o pesquisador costuma anotar no próprio desenho. Deste modo, qualquer palavra presente nas imagens dos desenhos aqui apresentadas são de autoria do pesquisador.

O segundo momento da coleta (ver figura 2) objetivava engendrar um diálogo sobre a homoparentalidade propriamente dita. Assim, o pesquisador apresentava às crianças uma história infantil no formato de e-book, utilizando-se para tal de um notebook. A história “*And Tango Makes Three*”<sup>13</sup> (E com Tango somos três), de autoria de Peter Parnell e Justin

---

<sup>13</sup> Para uma síntese com as principais imagens da história, ver Apêndice A

Richardson (2005), relata a vida de dois pinguins machos que adotam Tango, um pinguim recém-nascido. Baseada em fatos reais, a história trata de Roy e Silo, dois pinguins machos de um zoológico na cidade de Nova Iorque (EUA) que se apaixonam um pelo outro. Assim, como os demais casais de pinguins, Roy e Silo constroem seu ninho à espera de um filhote, porém, logo percebem que diferentemente dos demais casais não podem colocar ovos e, por isso, não teriam o filho tão desejado. Contudo, graças ao cuidador do zoológico, o desejo da parentalidade se torna possível aos dois, uma vez que o funcionário coloca em seu ninho um ovo que precisava de cuidados. Após certo tempo, nasce Tango, uma pinguim bebê que será motivo de grande alegria para Roy e Silo e de grande interesse por parte dos visitantes do zoológico, afinal é a primeira a ter dois pais.

O diálogo implementado com as crianças teve as seguintes perguntas norteadoras: 1) É ou não uma família? 2) Como seria viver nesse tipo de família? 3) Existem diferenças em relação a outras famílias? 4) Quais diferenças? 5) O que acham dessas diferenças? 6) Já conheceram uma família assim?

**Figura 2** - Contação da História “And Tango makes three”



Fonte: Arquivos da Pesquisa.

A escolha por esta história deu-se após leitura e avaliação de um total de 12 sinopses de livros infantis, tendo sido essa a eleita em função de apresentar de maneira mais clara e central a constituição de uma família homoparental por via da adoção, diferentemente de outros livros, onde a temática é tratada de forma secundária. A história encontra-se disponível apenas em inglês, cabendo ao pesquisador a narrativa da história, em português, para as crianças.

Esta narrativa dava-se sempre de modo parcial: muito mais do que contar a história plenamente em seus detalhes, buscávamos apresentar os pontos centrais da história a fim de que o curso do enredo fosse sugerido pelas crianças. Para tanto, a história era contada com uma série de lacunas, logo em seguida aos momentos críticos da história. Conjuntamente, buscava-se descrever as situações trazidas pela história (ex.: dois pinguins meninos começam a fazer tudo juntos; o ninho deles continuava vazio; nasceu um pinguim bebê; muitas pessoas iam ao zoológico ver o pinguim que havia nascido), deixando em aberto os posicionamentos, pensamentos e afetos dos personagens principais (ex.: o que será que o cuidador pensou ao ver os dois pinguins meninos fazendo tudo juntos? Por que os dois pinguins meninos queriam ter um bebê? O que o pinguim bebê achava de ter dois pais?) A ideia aqui é que as crianças pudessem dar vida aos personagens por meio de suas significações. Nesse sentido, também com o intuito de favorecer o engajamento das crianças na atividade, propunha-se a elas que dessem nomes aos pinguins, tanto ao casal de pinguins machos, (originalmente Roy e Silo), quanto a pinguim fêmea<sup>14</sup> (originalmente Tango), filha deste casal. Assim, nos diferentes episódios que serão descritos, diferentes foram os nomes dos personagens, conforme o grupo de crianças.

Ao final da história, introduzia-se o terceiro e último momento dos encontros de conversa, questionado as crianças: E isso (família homoparental) pode acontecer com gente? Assim, se fez uso de uma imagem de vídeo disponível na Internet, onde aparecem uma menina e suas duas mães (ver imagem abaixo). Diferentemente dos demais instrumentos utilizados, o uso da imagem de uma família homoparental real buscava ser o contraponto da ludicidade com que o tema família e homoparentalidade tinha sido, até então, tratado pelo pesquisador. Esta passagem da homoparentalidade do campo da fantasia para o real mostrou-se um fecundo procedimento metodológico, dando origem a um dos subtópicos de análise.

---

<sup>14</sup> O gênero atribuído ao pinguim-bebê também varia: ora masculino, ora feminino.

**Figura 3** - A menina e suas duas mães.



O material construído a partir das conversas com os diferentes grupos de crianças foi registrado por meio de videogravação. A escolha pela videogravação, e não apenas por registros de audiogravação, deve-se ao fato de que, por meio daquela forma de registro ser-nos possível revisitar o momento das conversas, repetida e exaustivamente, a fim de acessar possíveis comportamentos dos participantes, tal como posturas corporais, expressões faciais e entonações vocais, que podem constituir-se como importantes elementos de análise para a compreensão dos significados construídos e compartilhados no grupo. (CARVALHO, et al, 1996). A base de dados gerou um total de 06h12min23s de videogravação, tendo cada sessão (encontro de conversa), em média, a duração de 28min36s.

#### **4.3. Procedimentos de análise**

A partir da base de dados, composta, fundamentalmente, pelas videogravações, procedeu-se a análise do material coletado, tomando por referência os procedimentos de seleção, recorte, transcrição e análise qualitativa de episódios interativos, tal qual propostos por Pedrosa e Carvalho (2005). Assim, o processo de análise consistiu na seleção de trechos das videogravações pertinentes aos objetivos traçados, resultando em 54 episódios interacionais. Utilizamos como critério para a seleção dos episódios as respostas ou posicionamentos adotados pelas crianças diante dos pontos centrais da narrativa (quando da contação da história) ou suas respostas diante das perguntas norteadoras da pesquisa (quando da feitura do desenho de família ou da apresentação da imagem de uma família homoparental de humanos). Fato curioso, é que, costumeiramente, uma pergunta ou informação era selecionada por um dos interagentes do grupo de conversa mobilizando o grupo como um

todo em torno do tema, o qual, com o tempo, tendia a esgotar-se, terminando com o silêncio por parte das crianças ou ainda com o recorte de nova informação que movimentava o grupo em direção a um novo tema. Assim, os episódios possuem duração (e tamanho de descrição) bastante variada.

Após a seleção, ocorreu a transcrição e a interpretação dos dados. Cada trecho de filmagem selecionado consistiu num episódio, que, no presente trabalho, caracterizou-se como sendo sequências interativas de crianças e pesquisador, com o intuito de identificar os significados por elas atribuídos à família, especialmente às famílias homoparentais. A transcrição de tais episódios deu-se de maneira tal que, não só por meio da fala, mas também de posturas corporais, expressões faciais e entonações vocais fosse possível ressaltar os aspectos relevantes para a presente pesquisa. A respeito da noção de interpretação, devemos deixar claro que partimos de uma perspectiva qualitativa para formulação da pesquisa e análise do material coletado. A escolha desta abordagem dá-se em decorrência do problema de pesquisa, a saber, daqueles problemas que se referem a objetos que, em princípio, não podem ser quantificados ou são de difícil quantificação: significados, processos de pensamento, emoções, valores, etc. (MINAYO, 2009; STRAUSS & CORBIN, 2008). Dentro do estudo dos significados, como defendem Bruner (1997) e Geertz (2012) torna-se adequada uma abordagem interpretativa, tendo em vista a dificuldade do estabelecimento de leis de causa e efeito, sendo-nos possível, contudo, interpretações plausíveis e contextualizadas.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao iniciar a análise dos dados, deparamo-nos com uma complexidade de difícil compreensão: de tão denso, o material coletado, por vezes, torna-se opaco, dificultando-nos encontrar nele as respostas que procuramos. Assim, é necessário lembrarmos que os próprios dados não estão prontos (não são “dados”), mas que são construídos a partir da relação entre o pesquisador e o material coletado (CARVALHO; IMPÉRIO-HAMBURGER & PEDROSA, 1999). Nesse sentido, é preciso ter em mente durante o processo de análise a pergunta norteadora da pesquisa e os objetivos a serem alcançados para respondê-la. São eles que juntamente com a perspectiva teórica adotada irão permitir alçar do material coletado os elementos que se transformarão nos dados.

Portanto, lembramos o leitor de que nosso objetivo é compreender as significações de família produzidas por crianças, com especial enfoque para a configuração homoparental partindo do pressuposto de que estas significações constroem-se e/ou atualizam-se no campo interacional social da pesquisa, constituído, resumidamente, pelo pesquisador e os participantes da pesquisa. Por isso, não alimentemos a ideia de que as significações são um fenômeno estático, o qual será encontrado pelo pesquisador, tal qual uma pedra preciosa por um minerador. Como nos informam Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2004), as significações encontram-se articuladas em rede e em um contínuo fluxo (mais rápido ou mais lento) atualizando-se a partir das relações. Assim, os episódios a serem analisados consistem em recortes do fluxo interativo da situação de pesquisa, sendo, portanto, fragmentos e pistas por meio dos quais tentaremos compor um quadro plausível acerca das significações sobre família, identificando possíveis elementos definidores. Em seguida, tentaremos articular as significações de família e a compreensão que as crianças têm sobre a homoparentalidade.

### 5.1 Família: “Tá dentro dum coração... E o papai, a mamãe e os irmãos!”

Neste primeiro momento de análise buscaremos compreender o que as crianças participantes da pesquisa têm a nos dizer sobre o objeto social família, para só então, adentrarmos no tema homoparentalidade propriamente dito. Ao empreender a análise e interpretação dos dados, tentaremos alçar elementos gerais, comuns aos diferentes episódios, sem, contudo, efetuar uma simplificação excessiva que acabe por esconder a complexidade das nuances inerentes ao próprio fenômeno da significação.

### 5.1.1 O Desvelamento da Família

Mas afinal, o que é família? Ou melhor, o que desejamos saber acerca dela? Um primeiro movimento de análise impulsiona-nos a perguntar sobre sua composição: quem faz parte da família? Esta pergunta aparentemente simples, quando feita às crianças, revela-nos a complexidade não só das significações, mas também de seu estudo.

Investigar significações é estar, a todo momento, abrindo e fechando caminhos de reflexões, uma vez que cada atitude tomada pelo pesquisador (mas não só por ele) torna-se um circunscritor da ação dos participantes da pesquisa: as significações são instigadas pela interação sendo inevitável a mútua afetação entre pesquisador e participantes. Portanto, o receio de “contaminar” os dados ou direcioná-los é algo que permanece constante na mente do pesquisador. Por outro lado, a mesma noção de circunscrição revela-nos que cada ação do pesquisador não só limita, mas abre possibilidades de novos rumos ao processo de significação. Ao longo de uma sessão com um mesmo grupo de crianças, suas falas vão trazendo novas informações, por vezes contraditórias, acerca do que consideram ser uma família, quem deve compô-la e até mesmo da composição da sua própria família. Assim, as significações revelam empiricamente sua dimensão processual, seu caráter fenomênico, a saber, daquilo que, ao longo do tempo, revela-se e se oculta aos olhos do investigador.

O primeiro episódio a ser apresentado ilustra um momento inicial de conversa com as crianças. Após aproximação e instrução acerca do funcionamento das atividades propostas, o pesquisador indagava-lhes: O que é família, hein? Geralmente, como se verá, o conteúdo das respostas era valorativamente positivo, atribuindo a afetos positivos a definição de família. Simultaneamente, as primeiras respostas eram dadas rapidamente e por meio de formulações impessoais, generalizadas, não vinculadas às narrativas de suas próprias vidas. Tais características podem ser indicativas de que as repostas dadas estão de acordo com um modelo pré-estabelecido e aprendido previamente do que é família. Vejamos os episódios.

***Episódio # 1: Família tá dentro do coração!***

***Babi (F/5;8); Dani (F/5;1); Leo (M/5;9)***

*Pesquisador: E o que é família, hein?*

*Leo: Tá dentro dum coração... E o papai, a mamãe e os irmãos!*

*Pesquisador: E por que coração?*

*Babi: Porque representa o amor (sorrindo)*

*Pesquisador: E família é amor, é?*

*Babi, Leo: É!*

*Pesquisador: Mas toda família é amor?*

*Babi, Leo e Dani: Não!*

*Babi: Quaaase todas....*

*Pesquisador: E as que não são amor, são o que?*

*Leo: São adultos...*

*Pesquisador: São adultos?*

*Babi e Leo: É...*

*Pesquisador: Entendi...*

Torna-se interessante perceber que a resposta dada por Leo possui um caráter imagético. O menino fala da família não como uma experiência, ou por meio de ações demonstrações de afeto, mas sim como uma espécie de representação idealizada onde os membros da família encontram-se inseridos dentro de um coração. A ideia de que a família citada por Leo está atrelada a um modelo ganha força a partir da interferência de Babi, pois a menina rapidamente responde a pergunta dirigida a Leo, o que seria um possível indicativo do amplo grau de compartilhamento do significado de família enquanto ambiente amoroso.

Evidentemente, não queremos, nem podemos afirmar que toda e qualquer significação de família perpassada por afetos positivos seja tão somente atrelada a um modelo idealizado de família e inexistente na realidade. O que queremos é destacar a forma como a significação é enunciada pelo menino, forma esta que pode dar indício de uma significação fortemente atrelada a representações (inclusive imagéticas), amplamente compartilhadas em nossa sociedade da família ideal. Em última instância, objetivamos evidenciar o quanto nossas significações sobre um determinado objeto social são perpassadas pela matriz sócio-histórica na qual estamos inseridos. Em pesquisa realizada por Borges Neto e Pedrosa (2016, artigo submetido), encontramos também indícios desse atravessamento das significações pela matriz sócio-histórica: aponta-se a mesma conclusão a partir da inserção da significação, a saber, cantigas infantis e letras de música, as quais são meios eficientes de resistência e transmissão geracional de valores e significações historicamente construídos.

Como dito anteriormente, as significações vão revelando-se ao longo da conversa. Ainda neste primeiro episódio, após o questionamento do pesquisador, Leo informa que nem toda família é amor. Aliás, uma parte específica da família não é amor: os adultos! Foi a partir de um questionamento, que Leo começa a revelar as nuances das significações que possui de família. Curiosamente, após esse momento inicial da entrevista, as crianças passam a falar sobre o tema utilizando-se de suas próprias experiências familiares ou de outras experiências do cotidiano. Só então a noção de família passa a ganhar maior complexidade. Leo, por exemplo, que havia descrito a família enquanto “amor”, conta-nos situação de agressão por parte dos pais:

***Episódio # 2: Família é fogo!***

***Babi (F/5;8); Dani (F/5;1); Leo (M/5;9)***

*Pesquisador: Vê: Leo falou que o pai dele trabalha com cavalo, e Babi disse que o pai dela era pedreiro. E a mãe de vocês? Faz o que?*

*Babi: Minha mãe trabalha no laboratório*

*Leo: E minha mãe trabalha no Rio de Janeiro*

*Dani: E a minha avó foi pro Rio de Janeiro*

*Leo (irritado, dirigindo-se a Dani): Tá bom de ser tudo igual!*

*Pesquisador: E tu mora com quem?*

*Leo: Com a minha avó. Minha vó é boazinha. Mas meu pai e minha mãe são ruins: eles me colocam no fogo...*

*Pesquisador: No fogo?*

*Babi: Mentira!*

*Leo: Aí queimou minhas orelhas (risos)*

De modo ainda mais claro do que Leo, Bia evidencia o processo de transformação ou desvelamento das significações. Aos poucos, durante a conversa, a menina nos mostra como experiência familiar cotidiana flexibiliza ou dá novas dimensões a um sentido de família que, a princípio, pode parecer-nos simples ou monolítico.

### ***Episódio # 3: Família não pode brigar!***

***Bia (F/6;4); Joel (M/6;1); Nanda (F/5;11)***

*Pesquisador: E família faz o que?*

*Bia: Aí eu não sei*

*Nanda: Nem eu*

*Pesquisador: Precisa saber não... Basta dizer o que vocês acham*

*Bia (reticente): Eu acho que família faz carinho*

*Pesquisador: E tu, o que acha Nanda?*

*Nanda: Acho que faz carinho*

*Pesquisador: E família é legal?*

*Bia: Eu acho*

*Pesquisador: Mas, toda família é legal?*

*Bia: Minha mãe é um pouquinho brava*

*Pesquisador: Ela faz o que quando fica brava?*

*Bia: Ela me coloca de castigo, dá em mim (bate)*

*(...)*

*Pesquisador: E família briga?*

*Bia e Nanda: Nããão!*

*Bia: Eu nunca vi confusão nenhuma (como se fosse proibido falar sobre o assunto)*

*Pesquisador: Não?*

*Bia e Nanda: Não*

*Pesquisador: Mas, toda família não briga ou só a de vocês?*

*Bia ergue o olhar (como se estivesse desconfiada)*

*Bia: Eu já vi uma....*

*(...)*

*Pesquisador: Me fala do teu desenho. Quem tu desenhou.*

*Bia: Minha mãe, eu, meu irmão, minha irmã, meu outro irmão e uma flor*

*Pesquisador: E irmão faz o que, hein?*

*Bia (tom de voz alto): Meu irmão arenga comigo, me belisca...*

*Nanda: E o meu sobrinho me morde*

*Bia: Ah! Eu esqueci: ele também me morde e me bate e fica brincando (debochando) comigo*

*Nanda: E puxa o cabelo e fica dando em mim*

Os trechos acima estão apresentados do mesmo modo que sua ocorrência durante a sessão. Isso possui um sentido: desejamos mostrar que este processo de desvelamento das significações se dá de maneira não linear. Ao contrário, é marcado por descontinuidade e rupturas que ocorrem mediante os acontecimentos no grupo. No primeiro trecho, Bia apresenta a família enquanto instância de carinho, logo em seguida, reconhece-a também como um possível ambiente de afetos negativos, punição e agressão (Bia: Minha mãe é um pouquinho brava/Pesquisador: Ela faz o que quando fica brava?/Bia: Ela me coloca de castigo, dá em mim (bate)).

Interessante notar o movimento de transição de uma concepção mais generalizada de família (inclusive em decorrência da própria pergunta formulada pelo pesquisador, que questiona sobre “família” e não sobre uma ou várias famílias em específico), para uma dimensão mais específica. Para realizar esta transição, Bia recorre a sua própria experiência familiar (Bia: *Minha mãe* é um pouquinho brava). Ora, isto pode nos parecer óbvio, mas não o é, na medida em que Bia poderia, por exemplo, ter citado a história de outras famílias com quem convive ou mesmo filmes, telenovelas, etc. Destacamos este movimento na medida em que se repete com frequência durante os diferentes momentos, com diferentes crianças nos grupos de conversa. Acreditamos que isso possa ocorrer em decorrência do que Bruner (1997) afirma em seu livro intitulado ‘Atos de significação’: a narrativa é o modo preponderante pelo qual significamos o mundo, principalmente quando ocorre a quebra do canônico, ou seja, a quebra do habitual. Nestes momentos nos quais nos sentimos convocados a dar sentido a algo não familiar, recorremos à narrativa; no caso de Bia, a narrativa de sua própria experiência familiar.

Ainda a respeito da não linearidade do processo de significação (afinal ele ocorre em rede), pontuamos o segundo trecho deste episódio, no qual Bia (juntamente com Nanda) afirma que família não briga, logo após, contudo, confirma já ter visto uma “confusão de família”. Ora, o que mais nos chama a atenção é o receio que Bia demonstra em afirmar que famílias brigam. Ao fazê-lo, o faz de modo desconfiado, como se infringisse uma regra (família não pode brigar ou não se pode falar que família briga). Nesse sentido estaríamos diante de um ponto inflexível da rede de significações entorno do objeto família, funcionando, de certo modo, coercitivamente, na medida em que se impõe de maneira forte. É válido lembrar que tanto no trecho anterior, quanto no trecho posterior a este, Bia narra episódios agonísticos dentro de sua família, mais detalhadamente com seu irmão (Bia (tom de voz alto): Meu irmão arenga comigo, me belisca/... Bia: Ah! Eu esqueci: ele também me morde e me

bate e fica brincando (debochando) comigo). Todavia, no segundo trecho, ao falar já ter visto uma confusão em família, o fala como se fora um evento raro e distante de si (Bia: Eu já vi uma...).

Ainda no que tange a uma concepção de família calcada no afeto, apresentamos o episódio a seguir, onde Júlio revela uma das significações que definem família: o gostar. Aliás, apesar de parecer “proibido” ou não ocupar lugar de destaque nos significados amplamente compartilhados em nossa sociedade, família enquanto local de conflitos também possui representativa na fala das crianças. Tanto brigas em relações horizontais (esposo-esposa; irmãos) quanto verticais (pais-filhos)

***Episódio # 4: Família é um mói de gente!***  
***Milla (F/4;7); Júlio (M/5;1); Tito (M/5;3)***

*Pesquisador: O que tem na família, hein?*

*Júlio: Um mói (monte) de pessoa... que quer ficar..... que a pessoa gosta da pessoa*

*Pesquisador: Ah! 'Um mói de pessoa que gosta da pessoa'*

*Júlio: É*

*Pesquisador: E se não gostar? É da família?*

*Júlio: Não!*

*Tito: A minha só fica dando em mim, e eu não faço nada!*

*Pesquisador: Quem?*

*Tito: A minha irmã... A Júlia não: ela tá machucada*

*Pesquisador: Ah! Ela tá machucada. E tu tem quantas irmãs?*

*Tito: Um bebê, que é meu irmão que nasceu... A minha mãe, a minha irmã e a Júlia*

*Pesquisador: E a Júlia é o que? Ela é tua irmã?*

*Tito: sinal positivo com a cabeça*

***Episódio # 5? Que nem um galo e uma galinha***  
***Edu (M/6;0); Juca (M/5;9); Guto (M/5;7)***

*Pesquisador: O que é uma família? O que vocês vão desenhar, hein?*

*Juca: Esse aqui é eu e aqui é meu pai (apontando para o desenho)*

*Pesquisador: E pai é da família, é?*

*Juca: É, ele fica brigando com mainha, feito um galo beliscando a galinha*

Retomemos agora a pergunta que inicia este capítulo e boa parte de nossos atuais questionamentos sobre a família: Afinal, quem é da família e de que forma ela se compõe? Como dito anteriormente, esta pergunta pode parecer simples, mas não é. Por meio dela descobrimos dois aspectos bastante interessantes acerca do processo de significação. Um deles, já trabalhado, diz respeito ao caráter processual das significações, seu desvelamento ao longo do tempo. O segundo diz respeito ao fato de que diferentes meios de expressão irão exprimir diferentes significados acerca do objeto em estudo. Assim, justifica-se o uso de diferentes vias de acesso (instrumentos e técnicas) às significações, quando de seu estudo. No

episódio # 6, Eva, aos poucos, revela-nos sua real configuração familiar, tal revelação mostra-se fruto da regulação dentro do espaço interacional.

**Episódio # 6: Família em mudança**

**Lara (F/5;3); Eva (F/5;1); Guga (M/5;1)**

*Pesquisador: O que é uma família, mesmo?*

*(Silêncio)*

*Pesquisador: Vocês moram com quem?*

*Eva: Com minha mãe e meu pai*

*Guga: Eu moro com meu padrasto e com a minha mãe e minha irmã*

*Pesquisador: Tua irmã é maior ou menor que tu?*

*Guga: Menor de que eu*

*Pesquisador: Menor do que tu. Ela é bebezinha ainda?*

*Guga: Sinal negativo com a cabeça*

*Eva: A minha é... (irmã)*

*Pesquisador: E tu, Lara?*

*Lara permanece em silêncio e Eva prossegue falando*

*Eva: Mas a minha mãe fica trabalhando aí meu tio fica com ela (irmã bebezinha). Aí meu tio fica cuidando da minha irmã. Aí, depois, tio vai trabalhar e eu fico com mainha. Aí quando mainha tá de folga eu fico com ela*

*Pesquisador: Teu tio mora contigo?*

*Eva: Sinal positivo com a cabeça.... Meu pai não mora comigo não*

*Guga: Nem meu pai*

*Eva: Meu pai mora com "tia" Alessandra*

*Guga: Meu pai mora com minha avó. Só que minha avó é mãe dele*

*Eva: Só que meu pai mora muito longe....*

*Guga: Eu tenho duas vó... uma pertinho da minha casa a outra em Jaboatão*

*Eva: E o meu pai mora em duas casas: uma que é numa praia, e uma que.... E a cachorra dele sumiu.... E morreu, porque painho não deu remédio a ela*

Inicialmente, as crianças mostram-se um pouco resistentes a falar sobre suas famílias, o que evidenciado por seu silêncio. A partir da persistência do pesquisador, Eva lhe dá uma resposta bastante padrão (meu pai e minha mãe). A partir da explicitação de Guga, Eva informa também possuir uma irmã, bem como um tio que mora com ela, dizendo, por último, não morar na mesma casa que seu pai. Do início ao fim do episódio, as respostas acerca de sua realidade familiar mudaram bastante, seja por acréscimo de parentes, seja por informações sobre a dinâmica familiar (rotina de trabalho da mãe, cuidado do tio, não compartilhamento de domicílio com o pai). Se bem observarmos, principalmente ao final do episódio, notaremos que existe entre Guga e Eva um mecanismo de correção (CARVALHO; IMPÉRIO-HAMBURGER & PEDROSA, 1996), onde as informações que cada um dá acerca de sua família enriquecem-se e aprofundam-se simultaneamente.

Esta dinâmica de revelação progressiva das significações também é evidenciada pela ocultação de certos aspectos da família. O não falar deles, deliberadamente, nos mostra o

quanto nossas significações são perpassadas, não só pelo que vemos e vivemos, mas também pelo que desejamos.

**Episódio# 7: Quem omite também revela**  
**Fabi (F/6;2); Nick (F/5;8); Nino (M/5;11)**

*Pesquisador: Vocês estão lembrados que é pra desenhar o que?*

*Nick (larga sobre a mesa o lápis com que estava desenhando): Esse eu não vou falar não. (apontando para uma das figuras de seu desenho).*

*Pesquisador: Não? Porque que tu não vai falar? Do que tu não vai falar*

*Nick: Fica em silêncio e risca a figura do desenho.*

*(...)*

*Nick: Agora eu vou falar do meu*

*Pesquisador: Vamos prestar atenção no que Nick vai falar*

*Nick (apontando no desenho): Aqui é minha casa, aqui é minha mãe e aqui sou eu (Nick omite a figura que anteriormente havia riscado)*

*Pesquisador: E essa parte que tu riscou aqui (apontando no desenho)*

*Nick (acenando com a cabeça em sinal negativo): Nada...*

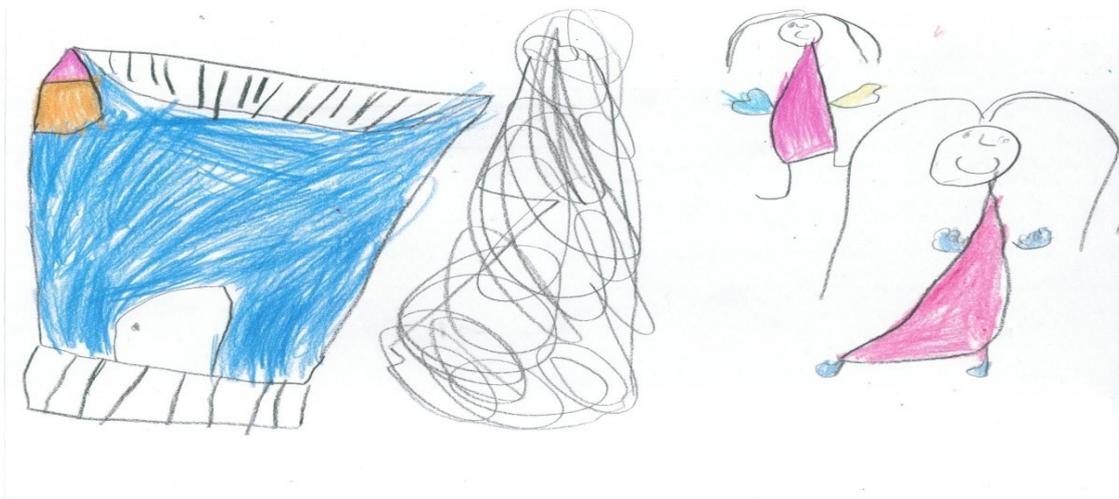
*Pesquisador: Mas porque tu riscou ela?*

*Nick (parece reticente): Porque eu não queria assim*

*Pesquisador: Tá certo... E tem mais alguém na tua família?*

*Nick (direciona o olhar para baixo, parece pensativa): Não*

**Figura 4 - Desenho de Nick sobre família<sup>15</sup>**



Fonte: Arquivos da Pesquisa.

Em síntese, até o presente momento, as significações das crianças sobre família têm sido marcadas por dimensões afetivas (amar, fazer carinho, brigar, arengar, etc.). Mas será que apenas a dimensão afetiva define o que é família para as crianças?

<sup>15</sup> Da esquerda para a direita: a casa, a figura sobre a qual não quis falar, ela e a mãe.

### 5.1.2. Todo mundo tem família! Família é tudo igual!

Para as crianças entrevistadas, a família apresenta-se também como um fato universal, bem como alguns membros que a compõe. Desse modo, em um primeiro momento as significações de família apresentadas pelas crianças não estariam somente vinculadas à dimensão afetiva entre pessoas, mas também a existência de papéis específicos e sempre presentes, ou seja, uma configuração específica.

#### **Episódio # 8: Todo mundo tem mãe!**

**Babi (F/5;8); Dani (F/5;1); Leo (M/5;9)**

*Dani: O senhor tem família?*

*Pesquisador: Não sei... O que tu acha?*

*Leo: O senhor tem mãe? (dirigindo-se ao pesquisador)*

*Pesquisador: Eu tenho mãe....*

*Babi: É claro que todo mundo tem mãe, né! Como é que ia nascer?! Como é que ia nascer?!(em tom de repreensão a Leo, como se a pergunta feita ao pesquisador fosse boba/inadequada)*

*Dani: E também tem família! (balançando a cabeça em sinal positivo)*

*Pesquisador: E é? Todo mundo tem mãe?*

*Babi e Dani: Tem!*

*Dani (complementando e voltando-se para Babi): Mas umas mãe morreram....*

*Babi (em tom de voz mais baixo): É... e alguns pais morreu*

*Leo: Mas eu tenho medo de minha mãe morrer...*

*Babi: Eu também. Eu não quero perder minha família todinha não. Eu já perdi meu pai, meu primo e meu tio Chico.*

*Dani: Chico?*

*Babi: É meu tio irmão do meu pai e filho da minha avó Y.*

*Leo: Tu tem tua avó? (dirigindo-se a Babi)*

*Dani (respondendo a pergunta feita por Leo): Tenho..... Claro!*

*Babi: Claro! Todo mundo tem vó! Tu não tem vó não, é? (em tom de repreensão a Leo, como se a pergunta feita ao pesquisador fosse boba/inadequada)*

*Leo (em tom baixo de voz): Não ela já morreu. (Elevando-se e dirigindo-se a Babi): Minha avó, ela já tá velha.*

*Dani: Mas, pelo menos, tu tem vó.*

*Pesquisador: E vó é da família?*

*Leo: É*

*Dani: Você disse que não (dirigindo-se a Leo)*

*Pesquisador: E como é vó?*

*Babi: Vó é bom.*

*Pesquisador: E o que vó faz que é bom?*

*Babi: Dá presente*

*Leo: Faz comida*

Salta aos olhos a forma imperativa como a necessidade da existência de uma mãe se apresenta na fala de Babi. Novamente, pela forma como o enunciado é proferido, percebemos a existência de uma norma social sustentada por um fato biológico: “É claro que todo mundo tem mãe, né! Como é que ia nascer?! Como é que ia nascer?!” Ora, para a menina o papel social de mãe identifica-se com a figura da genitora, ou seja, mãe é aquela que,

biologicamente, gera o filho. Daí a necessidade de sua existência. Se esta conclusão parece óbvia para Babi, haja vista a maneira como repreende Leo, como se todos soubessem que todos têm mãe; para Leo, não ter mãe é uma possibilidade que existe (“O senhor tem mãe?” (dirigindo-se ao pesquisador)).

Porém, o que era óbvio para Babi, transforma-se, ou refina-se, a partir do contato com o conteúdo de um dos interagentes do campo interacional (Dani) que nos traz a possibilidade da morte como modificador da configuração usual da família. Mais uma vez, percebemos o quanto nossas significações constroem-se por meio das relações que estabelecemos. Indo além, o contato com as significações do outro (diferentes da minha) podem ser um meio (cenário e instrumento) de apropriação da própria experiência familiar vivida (a morte de seu pai). A esse respeito, é interessante notar o modo como Babi está constantemente regulando-se a partir das falas de seus colegas. Quando Dani fala que alguns pais morreram, Babi modifica seu tom de voz, como se estivesse dando conta da morte do próprio pai, contudo, emite uma frase generalizada, repetindo o que Dani disse (É... alguns pais morreram). Todavia será a partir da fala de Leo, expressando o medo de perder seus familiares, que Babi falará da morte de modo mais pessoal, trazendo sua própria experiência do medo da morte de seus familiares, haja vista já ter perdido três (o pai, o tio e um primo).

Babi regula-se por seus parceiros interacionais, os quais, por sua vez, também são regulados por ela. Neste episódio, ao novamente ser repreendido por Babi em uma de suas perguntas (*Leo: Tu tem tua avó? (dirigindo-se a Babi)*), Leo mostra-se tímido em expor o fato de não ter uma avó em decorrência de seu falecimento, afinal “*Todo mundo tem vó!*” Assim, o menino fala em tom de voz baixo que sua avó morreu, mas dirige-se a Babi dizendo que sua avó esta velha.

A fim de dar força a ideia de que as significações sobre família das crianças entrevistadas é também perpassada pela noção de uma configuração familiar específica (pai, mãe e filhos), fruto de um modelo cultural fortemente compartilhado, trazemos o episódio a seguir.

### ***Episódio # 9: Cadê o pai?***

***Cris (F/5;11); Maju (F/6;4); Luca (M/5;7)***

*Pesquisador: Vocês falaram que família é amar, fazer carinho, joga bola... O que família é mais?*

*Maju: Família é passear com o papai, com a mamãe*

*Pesquisador: E toda família tem mamãe e papai?*

*Luca e Maju: Tem!*

*Luca: Eu tenho primo, irmão...*

*Maju: Eu tenho mamãe, papai... do Céu, porque eu não tenho o outro pai não. Meu pai morreu...*

(...)

*Pesquisador: Me fala do teu desenho.*

*Maju: Essa aqui é minha irmã Mayara (apontando para o desenho)*

*Pesquisador: E aqui?*

*Maju: Eu e aqui meu irmão e aqui minha mãe.*

*Pesquisador: E mãe faz o que?*

*Silêncio*

*Pesquisador: E tu não dissesse que toda família tem pai e mãe?*

*Maju: Tem*

*Pesquisador: E cadê? Aqui no desenho não tem pai.*

*Maju: Ah! É! Eu vou fazer... (parece surpresa com a pergunta do pesquisador)*

*Pesquisador: Não precisa desenhar. Mas, porque você não desenhou antes?*

*Maju fica em silêncio (parece ponderar)*

*Pesquisador: Você só desenha se quiser.*

*Maju opta por desenhar.*

**Figura 5** - Desenho de Maju sobre Família<sup>16</sup>



Fonte: Arquivos da Pesquisa.

No momento inicial do episódio, Maju remete-nos, com convicção, a noção de que toda família tem pai e mãe. Todavia, por tratar-se de um modelo idealizado, rapidamente esta ideia perde força ao entrar diante das reais possibilidades de ser família. Assim, Maju nos informa não ter pai, pois o mesmo havia falecido. Contudo, é num segundo momento da sessão, quando as crianças eram convidadas a falar sobre os desenhos de família que fizeram, que Maju acaba por revelar que, ao que tudo indica, suas significações de família oscilam ou são simultaneamente perpassadas pelo modelo culturalmente idealizado de família e por suas próprias experiências familiares. Maju fala-nos de sua própria realidade familiar, composta, ao menos no desenho, por sua mãe e irmãos. Ao ser questionada pelo pesquisador, Maju mostra-se surpresa com a ausência de um pai no seu desenho e prontamente diz que irá

<sup>16</sup> Da esquerda para a direita: sua irmã, ela, seu irmão, sua mãe, e a figura do pai (desenhada por último, nas circunstâncias acima descritas).

desenhá-lo, como se estivesse sendo pressionada pelo pesquisador. Todavia, ao ser informada da não obrigatoriedade, Maju opta por desenhar a figura do pai, possivelmente na tentativa de adequar-se ao modelo familiar que ela própria havia sugerido no início da sessão (papai e mamãe).

De modo similar ocorre com Bia, que também se mostra surpresa ao ser confrontada com a possibilidade de diferentes configurações familiares (seu desenho e o de Nanda), e se apropria da disparidade entre sua configuração familiar e aquilo que “deve ser” uma família.

**Episódio # 10: Toda família é igual?**

**Bia (F/6;4); Joel (M/6;1); Nanda (F/5;11)**

*Pesquisador: Terminasse teu desenho, Nanda?*

*Nanda: Sinal positivo com a cabeça.*

*Pesquisador: Então fala dele pra mim*

*Nanda: Minha mãe, meu pai, eu, meu avô e meu tio*

*Pesquisador: Engraçado! Vê só: nesse desenho aqui (mostrando o desenho de Nanda) tem pai, nesse aqui (mostrando o desenho de Bia) tem não.*

*Nanda ri e Bia parece surpresa (olhos e boca aberta)*

*Pesquisador: Então, toda família é igual?*

*Bia: Quase igual.. Porque eu tenho avô, tio... mas alguns dos meus avós morreram*

*Pesquisador: Mas eles continuam sendo da família mesmo depois de morrer?*

*Bia: Balança a cabeça em sinal positivo.*

**Figura 6 - Desenho de Nanda sobre Família<sup>17</sup>**



Fonte: Arquivos da Pesquisa.

<sup>17</sup> Da esquerda para a direita: sua mãe, seu pai, ela, seu avô e seu tio.

**Figura 7** - Desenho de Bia sobre Família<sup>18</sup>



Fonte: Arquivos da Pesquisa.

Acreditamos que o leitor deva ter percebido que, até o presente momento, a morte tem figurado nas falas das crianças como o principal modo, aceitável ou compreensível, de escape do modelo familiar pai-mãe-filhos. Assim, todos têm pai, mãe e avós, exceto aqueles cujo um desses familiares tenha falecido. Assim, surge-nos a questão: será a morte o único modo de transformação aceitável da configuração familiar? E ainda: será a morte ou outros eventos capazes de romper os vínculos familiares, segundo as significações das crianças? As crianças estariam de acordo com Bia quando ela afirma que as pessoas continuam a fazer parte da família mesmo após a morte?

### 5.1.3. Família: Enlaces, Desenlaces e Reenlaces

A morte aparece como dentro das significações das crianças como a primeira possibilidade de transformação de mudança do arranjo familiar tido como universal: pai, mãe e filhos. Todavia, ela não é a única. A separação conjugal ou o afastamento de uma criança de seu núcleo familiar original para o encaminhamento à adoção também o são. Estas três possibilidades tem em comum a marca da separação e/ou distanciamento. Esta separação, porém, não significa o fim das relações familiares. Ao contrario, pode significar a permanência dos vínculos, sua transformação ou mesmo ampliação. No que se refere especificamente o estudo dos processos de significação, percebemos que o fenômeno da morte revela outra dimensão da compreensão das crianças sobre a família (além da afetividade ou universalidade), a saber, a família enquanto conjunto de papéis que podem ser

<sup>18</sup> Da esquerda para a direita: uma flor, seu irmão, sua irmã, seu outro irmão, ela e sua mãe.

desempenhados por diferentes atores, ou um mesmo papel sendo exercido por mais de um ator social, ou figura mística.

**Episódio # 11: Pai é uma função!**

**Babi (F/5;8); Dani (F/5;1); Leo (M/5;9)**

*Pesquisador (dirigindo-se a Babi): Agora, tu disseses que todo mundo tem mãe... (interrompido por Babi)*

*Babi: e todo mundo tem pai...*

*Pesquisador: E todo mundo tem pai.... Só não os que morreram, né?*

*Crianças em silêncio*

*Pesquisador: E só pode ter um pai e uma mãe?*

*Dani: Não.*

*Pesquisador: E pode ter mais?*

*Dani: Pode*

*Babi: Vó como minha mãe; vô como meu pai; tia como minha mãe; tio como meu pai.*

*Pesquisador: Não entendi. Repete para eu entender.*

*Babi: Vovô como pai*

*Pesquisador: Ah! Vovô como pai? Como se o avô... (interrompido por Babi)*

*Babi: Como se fosse o pai*

*Pesquisador: Ah! Entendi! Como se o avô fosse o pai*

*Dani: E a tia como se fosse a mãe.... Porque quando minha mãe for embora, se separar do meu pai...*

*Eu vou chamar minha avó de mãe*

*Pesquisador: Mas, a tua mãe, que é tua mãe hoje, vai deixar de ser se ela se separar do teu pai?*

*Dani: Não sei*

*(...)*

*Babi: Meu pai é pedreiro... Um dia ele foi se abaixar pra pegar o tijolo. Aí quando ele se levantou o choque bateu nele, ele caiu da escada e morreu.*

*Leo: Aonde? Um cavalo?*

*Babi: Não. Meu pai*

*Pesquisador: Agora me diga uma coisa. Seu pai morreu, ele deixou de ser seu pai?*

*Babi: Não! Ele vai continuar sendo meu pai*

*Dani: É! E o pai de Babi vai ficar do lado de Babi (apontando para o lado de Babi)*

*Babi: É! Olha ele aqui do meu lado*

De maneira bastante clara, Babi demonstra compreender os papéis familiares, de fato, como papéis e que podem ser exercidos por diferentes pessoas não estando fixos a uma só. Ora, esta mesma concepção compõe a rede de significações sobre família da qual Babi compartilha juntamente com a compreensão da mãe como sendo a genitora. Assim, os papéis familiares são lugares a serem ocupados e também laços biológicos. Todavia, esses lugares não podem ser ocupados ou essas funções não podem ser exercidas indiscriminadamente. Observe que no “jogo das cadeiras” dos lugares familiares, descrito por Babi, só participam pessoas que já são membros da família: “Babi: Vó como minha mãe; Vô como meu pai; tia como minha mãe; tio como meu pai...”. Outro elemento é bastante relevante para a ocupação dos diferentes lugares na família, mas sobre ele falaremos mais adiante.

Ainda nesse episódio gostaríamos de destacar um excelente exemplo da dimensão temporal prospectiva das significações (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2004). Referimo-nos à fala de Dani acerca da futura separação de seus pais. Ora, é a partir da expectativa de um possível evento futuro de sua vida (separação dos pais) que Dani compreende a família enquanto lugares que podem ser ocupados por diferentes atores. Em seu caso, quando sua mãe “for embora”, sua avó será por ela colocada no lugar mãe (“*Eu vou chamar minha avó de mãe*”). A ênfase aqui recai sobre o fato de que os papéis sociais devem ser reciprocamente reconhecidos (BERGER; LUCKMANN, 1966/2007). Assim sendo, Dani reconhecerá na avó o lugar de mãe, ainda que não saibamos se a avó reconhecerá a menina como filha. Todavia, é importante ressaltarmos o lugar ativo da criança neste processo. Mais à frente, ao falarmos de adoção, perceberemos a relevância do reconhecimento, por parte da criança, da legitimidade da ocupação de um lugar dentro família por uma pessoa.

Por último, questionamo-nos acerca do que seria capaz de romper os vínculos familiares e encontramos uma situação bastante interessante. Para Babi e Dani, a morte não destituiria uma pessoa do lugar por ela ocupado dentro da família: mesmo depois de morto, o pai de Babi continua sendo seu pai, ainda que outra pessoa possa também ocupá-lo. Só deste modo, seria possível ter dois pais, como nos informam as meninas. Porém, a mesma clareza e convicção não parecem ocorrer em caso de separação dos pais, haja vista a resposta de Dani (“Pesquisador: Mas, a tua mãe, que é tua mãe hoje, vai deixar de ser se ela se separar do teu pai?/Dani: Não sei”).

A possibilidade de um membro da família ocupar o lugar de outro, “acumulando papéis”, por assim dizer, não se apresenta apenas na fala das crianças, mas também em seus desenhos, ainda que a nomeação dos papéis possa confundí-las um pouco, ou gerar incerteza quanto a essa possibilidade.

***Episódio # 12: O tio que virou pai***  
***Lara (F/5;3); Eva (F/5;1); Guga (M/5;1)***

*Pesquisador: E o que tu desenhasse, Eva?*

*Eva: Um sol, uma família e uma florzinha*

*Pesquisador: E quem é a família que tu desenhasse aí?*

*Eva: Mainha, painho, eu e minha tia...*

*Pesquisador: E quem é teu pai aí?*

*Eva: Meu pai?*

*Pesquisador: É! Tu dissesse “meu pai”*

*Eva: Meu tio. É que meu tio agora é meu pai*

*Pesquisador: E tio pode virar pai?*

*Guga: Não...*

*Eva: Mas eu não sei se ele pode virar...*

*Pesquisador: Mas ele é (teu pai)?*

*Eva (apontando para o desenho): É. Aqui tá minha mãe, aqui meu pai, aqui eu e aqui minha tia.*

*Pesquisador: E teu tio que é teu pai, não tá aí não?*

*Eva: Tá! (apontando para a figura do pai)*

**Figura 8** - Desenho de Eva sobre Família<sup>19</sup>



Fonte: Arquivos da Pesquisa.

Evidentemente, nem todas as crianças participantes da pesquisa compartilhavam, ou demonstravam convicção quanto à concepção de que os laços familiares preservam-se após a morte. Porém, a possibilidade de alguém ocupar o lugar do familiar falecido é bastante frequente.

### ***Episódio # 13: Papai... do Céu***

***Cris (F/5;11); Maju (F/6;4); Luca (M/5;7)***

*Maju: Eu tenho mamãe, papai... do Céu, porque eu não tenho o outro pai não. Meu pai morreu...*

*Pesquisador: Ah! Teu pai morreu*

*Luca: Eu tenho avô, meu avô morreu...*

*Pesquisador: E depois que morre continua sendo da família?*

*Maju (pensativa, parece não ter resposta): Acho que... acho que deixa de ser*

*(...)*

*Maju: Mas, mas, mas isso a gente não fala não... Oxi deixa pra lá*

*Pesquisador: Deixa pra lá o que? Pode falar...*

*Maju: Eu ia falar besteira... Deixa pra lá*

*Pesquisador: Que besteira tua ia falar?*

*Maju: Que ele (Luca) não tem avô. Que o avô dele morreu... Mas Deus pode ser o avô dele. Se o pai ou a mãe ou avô morrer... pode ser Deus... qualquer um pode ser. Pode doar também, se quiser.*

Curioso perceber, neste episódio, o que pode ser compreendido como uma exceção. Nos episódios anteriormente apresentados, a ocupação do lugar de um familiar falecido só

<sup>19</sup> Da esquerda pra a direita: sua tia, ela, seu pai e sua mãe.

poderia ocorrer por outro membro da família (avô, tio, etc.). Neste episódio, a figura do Papai do Céu/Deus mostra-se polivalente, podendo ocupar o lugar de qualquer familiar falecido, inclusive lugares tradicionalmente tidos como femininos (mãe). Deste modo revelamos o segundo elemento norteador da organização da “dança das cadeiras”, da troca e/ou acumulação de papéis dentro da família, o qual anunciamos anteriormente, quando da análise do episódio # 11: o gênero. Excetuando-se a figura de Deus, somente mulheres poderiam exercer papéis tidos como femininos e, conseqüentemente, só homens poderiam exercer papéis masculinos. Nas palavras de Babi (episódio # 11): “*Vó como minha mãe; Vô como meu pai; tia como minha mãe; tio como meu pai*”. Esta proposição confirma-se a partir dos episódios a seguir.

***Episódio # 14: Só se colar vestidinho...***

***Babi (F/5;8); Dani (F/5;1); Leo (M/5;9)***

*Pesquisador: Agora, um pai pode ser uma mãe? Pai pode ser mãe?*

*Dani, Leo e Babi: Não!*

*Pesquisador: Por quê?*

*Dani: Porque... Só se colocar peruca, e o sapato, batom... E sabe o quê?*

*Pesquisador: Não...*

*Dani: Vestido... um vestidinho*

*Dani e Babi riem*

*Pesquisador: E qual a diferença entre pai e mãe, hein? Tem diferença?*

*Dani e Babi: Tem!*

*Pesquisador: Qual a diferença?*

*Babi: É porque pai tem muito pelo (apontando para o próprio braço). Ai, não parece com mãe...*

*Pesquisador: Ah! Entendi! “É porque pai tem muito pelo. Ai, não parece com mãe...”*

*(...)*

*Babi: Eu ia fazer meu pai aqui, mas não dá pra fazer um homem*

*Pesquisador: E por que não dá pra fazer?*

*Dani: Ela fez cabelo*

*Pesquisador: Oxente! E homem não tem cabelo, não?*

*Leo: Tem (apontando para o próprio cabelo)*

*Babi: Homem não tem cabelo assim (comprido), tem assim (curto e espetado). Babi desenha no papel*

Como fica claro, a questão de gênero mostra-se como uma norma social bastante forte no que se refere à definição dos papéis familiares. Todavia, o mais interessante de ser percebido é que, apesar da pergunta do pesquisador quanto à diferença entre pais e mães ocorrer dentro do âmbito familiar, as respostas das crianças referiram-se não a tarefas do cotidiano ou comportamentos, mas a características físicas ligadas à estética e vestuário (comprimento do cabelo; quantidade de pelos corporais, uso de maquiagem e vestuário). E o status dado a essas características é bastante elevado, haja vista, caso um homem os adote pode até mesmo tornar-se mãe, como nos disse Dani. Ou ainda, como pode ser visto no

episódio a seguir, tais características se tornam quase que necessárias ao papel familiar (no caso a seguir, o de mãe).

***Episódio # 15: Cadê o cabelo?***

***Edu (M/6;0); Juca (M/5;9); Guto (M/5;7)***

*Edu: Minha mãe tá segurando a pipa (mostrando o desenho)*

*Juca (em tom de repreensão): E tua mãe não tem cabelo não, menino?! (simulando desenhar um cabelo longo na figura da mãe de Victor)*

*Pesquisador: E tem que ter cabelo?*

*Juca e Guto: Tem.*

Além da morte, outro acontecimento aparece como possibilidade de mudança da configuração familiar, permitindo a existência de dois pais ou duas mães na família: a adoção, ou “doação” nas palavras de Maju.

***Episódio # 16: É filho da minha mãe, mas não é meu irmão...***

***Cris (F/5;11); Maju (F/6;4); Luca (M/5;7)***

*Pesquisador: Que besteira tu ia falar?*

*Maju: Que ele (Luca) não tem avô. Que o avô dele morreu... Mas Deus pode ser o avô dele. Se o pai ou a mãe ou avô morrer... pode ser Deus... qualquer um pode ser. Pode doar também, se quiser.*

*Pesquisador: Doar? Como é que é isso “doar”?*

*Luca: Doar, doar*

*Maju: Veja: o filho da pessoa tá num abrigo. Aí, tá perto de dar para outra pessoa. Aí a pessoa tem pena e diz “Não passe não que eu quero”. Isso é que é doar.*

*Pesquisador: Mas, quem é que doa?*

*Maju: A mulher do abrigo... Ia doar meu primo só que não doou. Minha mãe quis ele*

*Pesquisador: E tua mãe é o que dele?*

*Maju: Mãe! Porque a mãe dele morreu*

*Pesquisador: E tua mãe pode virar mãe dele?*

*Maju: Não! Porque ela já tá enterrada (parece ter entendido o termo “virar” literalmente)*

*Pesquisador: Não. Vê: tu dissesse que tua mãe virou mãe do teu primo?*

*Maju: Foi! Porque a mãe dele morreu. Aí ele chama minha mãe de mãe.*

*Pesquisador: Mas ela é mãe dele?*

*Maju: Não, a mãe dele morreu. Mas é que minha mãe considera ele como filho e ele chama ela de mãe*

*Pesquisador: E o que ele é pra tu?*

*Maju: Eu acho que pra mim... ele parece um primo pra mim. Ele era meu primo, mas agora...*

Por meio da adoção, o primo de Maju, no seu entender, torna-se filho de sua mãe, já que esta assim o considera. Todavia, este reconhecimento, apesar de importante, não é por si só suficiente para que o menino tenha tornado-se filho da mãe de Maju. Por vezes, a menina justifica/legitima a adoção por meio da morte da mãe (genitora) de seu primo. Novamente, a morte aparece como grande possibilidade legítima de mudança da configuração familiar, mas, desta vez, indiretamente, já que a ela (morte) apenas abre espaço para que a adoção ocorra. O que este episódio traz de novo, para nossa compreensão das significações de família, por parte

da criança, é a necessidade do *reconhecimento* de um determinado laço de parentesco: no caso de Maju, o fato de sua mãe reconhecer o menino como filho torna-o filho. Entretanto, isso não implica que ele se torne seu irmão; Maju permanece reconhecendo-o como primo, ainda que pareça estar havendo um processo de acomodação a uma nova realidade: “Ele *era* meu primo, *mas agora...*”. Ou seja, os laços familiares constroem-se e transformam-se por meio do reconhecimento processual.

#### 5. 1.4. Para além do amor: O que é mesmo família?

Além da dimensão afetiva e da universalidade, outros significados articulam-se na compreensão das crianças sobre família. Um deles é a família como encontro de pessoas (e animais também?).

##### ***Episódio # 17: Encontro gera família***

***Babi (F/5;8); Dani (F/5;1); Leo (M/5;9)***

*Leo começa a desenhar um cavalo*

*Pesquisador: E cavalo tem família?*

*Leo: Não*

*Dani: Tem! Tem! Cavalo tem família sim: cavalo com outro cavalo.*

*Leo: Tem não, porque cavalo é animal. Pessoa é que tem (responde de maneira um pouco agressiva)*

*Pesquisador: Ah! Pessoa é que tem família, animal não...*

*Dani: Tem sim! Sabe por quê? Um cavalo se encontra com outro cavalo. Então, é família. Boi se encontra com boi,*

*Babi: É, né tio?*

*Pesquisador: Como assim, “se encontra”?*

*Babi (cruzando os braços como se a pergunta feita pelo pesquisador fosse boba): O senhor não sabe o que é se encontrar? Uma mulé com um homem?*

*Dani: Não, assim: o pessoal tinha o boi. O boi foge correndo. Aí o outro boi que tiver correndo por perto fica amigo.*

*Leo interrompe Dani: Meu pai tá cheio de cavalo. Muito cavalo, muito cavalo. Aí eu monto neles pra aprender. Lá é massa!*

As significações coexistem em multiplicidade, todavia, este convívio não se dá sem conflitos. No episódio descrito percebemos o emergir de uma questão polêmica para o grupo: família é um fenômeno unicamente humano, ou os animais também dele participam? É evidente que para essas crianças o ser humano não está sendo considerado animal, daí a discussão realizada entre elas! Dani mostra-se favorável a ideia de famílias formadas por animais. Leo, por sua vez, se posiciona (vigorosamente) de maneira contrária a esta ideia de família. Mas, qual a razão do conflito? Ora, é justamente em decorrência do confronto entre dois significados importantes acerca do objeto família. Interessante recordar que Leo (episódio # 1) define família a partir de um conjunto de *pessoas* unidas pelo afeto (“Tá dentro dum coração... E o papai, a mamãe e os irmãos!”), possivelmente, a partir de nossa

interpretação, calcado em um modelo idealizado de família. Dani, não obstante, durante a sessão, ponderava afirmações taxativas e simplistas acerca da família, trazendo elementos cotidianos, que revelassem as “exceções” dos modos de ser família (episódio # 8): “Dani (complementando e voltando-se para Babi): Mas umas mãe morreram...”. Agora, Dani apresenta um significado de família enquanto encontro de pessoas ou animais.

É interessante percebermos não só a multiplicidade dos significados, mas também a polissemia das palavras. Babi, possivelmente, entende o termo encontro com características afetivas/românticas/sexuais. No entanto, Dani explica o sentido da palavra, contando-nos uma breve situação onde um boi torna-se amigo do outro em uma situação de fuga. Deste modo, para Dani, o encontro que possibilita o surgimento de uma família não é o afetivo/romântico, mas sim aquele decorrente da proximidade e amizade, bem como de agrupamento de semelhantes, afinal unem-se “cavalo com cavalo e boi com boi” Em consonância a essa ideia, temos a fala de Lia.

***Episódio # 18: Família é ficar junto***  
***Gui (M/5;7); Lia (F/4;10); Cadu (M/5;11)***

*Pesquisador: O que é uma família mesmo?*

*Lia: É quando a pessoa fica junto*

*Pesquisador: Então a gente aqui é uma família? Porque a gente tá junto...*

*Lia: Balança a cabeça em sinal positivo.*

A noção de família enquanto agrupamento, também nos é revelada por Guto. De maneira particular, podemos ver na fala dele a apropriação peculiar que as crianças fazem dos significados do mundo adulto, trazendo-os de modo para atender as suas próprias necessidades interacionais com seus parceiros, remetendo-nos ao conceito de reprodução interpretativa de Corsaro (2011). A palavra família circula no mundo adulto, muitas vezes, como sinônimo de grupo de pessoas fortemente ligadas por uma característica em comum que constitui as identidades dos indivíduos. Assim, nações, times de futebol e empresas podem autodesignar-se como família. E as crianças apropriam-se também destes significados.

***Episódio # 19: A grande família brasileira...***

***Guto (5;7); Juca (5;9); Edu (6;0)***

*Pesquisador: E tu, Juca? Tá desenhando o que?*

*Juca: Meu primo*

*Pesquisador: E família tem mais quem?*

*Guto: Meu irmão*

*Pesquisador: E irmão é família?*

*Guto: sinal positivo com a cabeça... Os tios... Os tios também é família... o senhor também é família, né? (dirigindo-se ao Pesquisador)*

*Pesquisador: Eu sou da sua família? Por quê?*

*Guto: É! Porque o senhor é do Brasil. Eu sou do Brasil e toda família é do Brasil*  
*Juca: Eu sou do Sport, eu sou do Sport! (time de futebol pernambucano)*  
*Pesquisador: E o Sport é família?*  
*Juca: Eu sou jogador do Sport...*

Apesar de mais abrangente do que a noção de família enquanto uma configuração específica (pai, mãe e filhos), a noção de encontro e proximidade também abarca o polimorfismo do fenômeno familiar. Deixa ainda em aberto a questão do que é a família e abre-os uma nova inquietação: Família é só quem está próximo?

### **5.1.5. Família é com quem a gente mora?<sup>20</sup>**

O binômio proximidade-separação parece estar intimamente relacionado às significações de família das crianças participantes dessa pesquisa, perpassando os acontecimentos de morte e separação conjugal (ver tópico 5.1.3), bem como noção de encontro (5.1.4). Paralelamente, temos a concepção de família a partir de relações de parentesco. Ambos os elementos articulam-se, ora sobrepondo-se, ora justapondo-se. Ilustremos essa ideia com o episódio a seguir.

#### ***Episódio # 20: Todo mundo lá de casa... Joca (M/4;10); Malu (F/4;8); Rick (M/5;1)***

*Malu: Meu pai é meio doidinho....*  
*Pesquisador: Doidinho? Como assim doidinho?*  
*Malu: Porque ele fica bebendo na rua*  
*Pesquisador: Entendi...*  
*Malu: Ele só não gosta de beber na casa da minha madrasta*  
*Pesquisador: Tu tem madrasta?*  
*Malu: Sinal positivo com a cabeça*  
*Pesquisador: E madrasta faz parte da família*  
*Malu (expressão de obviedade) sinal positivo com a cabeça*  
*Pesquisador: E quem mais faz parte da família?*  
*Malu: Minha mãe, meu tio... todo mundo lá de casa...*  
*Pesquisador: Mas, todo mundo mora junto na mesma casa?*  
*Malu: Só que meu pai mora em outra casa, e meus tios novos moram na mesma casa que meu pai mora. Que são os irmãos do meu pai. Ele tem um mói de irmão*  
*Pesquisador: Malu já falou quem faz parte da família dela. Falta vocês (orientando-se para as outras crianças).*  
*Rick: A minha avó Sueely, minha mãe Laís, meu avô Henrique, meu tio Marcelo... Eu tenho um bocado de família, só que eu não sei o nome...*  
*Pesquisador: Um bocado de família? E tu não conhece tua família toda, não?*

---

<sup>20</sup> Neste tópico, realçamos, como importante elemento das significações de família das crianças, o espaço de moradia (casa). Para alguns leitores, é possível pensar que o elemento “casa” vincula-se à noção de convivência, daí, para as crianças, família seria aqueles seres com os quais convivemos. Contudo, conforme demonstrarão os dados a serem apresentados, para além da convivência, a casa enquanto o próprio espaço físico de coabitação mostra-se também como importante elemento na definição de quem faz e de quem não faz parte da família.

*Rick: Não*

*Pesquisador: Vê! Malu falou que a família dela mora com ela e Rick falou que nem toda família dele mora com ele. Pra ser família tem que morar junto?*

*Malu: Sim*

*Rick: Sinal negativo com a cabeça e com o dedo*

*Pesquisador: Tem alguém da tua família que não mora contigo, Malu?*

*Malu (sinal negativo com a cabeça): Meu pai, meus tios*

A fala de Malu revela-nos, de outro modo, a relação de proximidade como importante na construção dos significados sobre família. Referimo-nos à figura da casa: local de moradia e convivência da família. A própria expressão utilizada por Malu para referir-se a sua família já é bastante sugestiva: “...*todo mundo lá de casa...*”. Ora, parece haver uma relação de forte identidade entre família e moradia, a ponto de Malu responder afirmativamente quando questionada se, para ser família, tem que morar junto. Nesse momento o elemento proximidade parece sobrepor-se ao laço de parentesco na significação sobre família. Todavia, já anteriormente a esta afirmação, Malu informava-nos de membros de sua família que não moram na mesma casa que a sua. Neste momento, o elemento parentesco parece sobrepor-se ao elemento proximidade. Por fim, esses elementos justapõem-se quando Malu é indagada sobre a existência de familiares que não morassem com ela: a menina responde negativamente por meio de um gesto e afirmativamente por meio da fala. Em outros momentos ainda, os laços de parentesco parecem ser os únicos elementos considerados para a definição da família, haja vista que Rick informa-nos não conhecer sua família em totalidade, não tendo, portanto, proximidade com seus parentes. Evidenciamos assim o constante movimento de figura-fundo na articulação dos diferentes elementos que compõem a rede de significação (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2004).

Se o posicionamento de Malu nos permite pensar que nem todos que são da família convivem em uma mesma moradia, Bia, no episódio a seguir, evidencia que o inverso também é verdadeiro: nem todos que moram na mesma casa são considerados da família.

***Episódio # 21: Cadê a avó?***

***Bia (F/6;4); Joel (M/6;1); Nanda (F/5;11)***

*Pesquisador: E o que é uma família, hein?*

*Bia: Tô desenhando eu, minha mãe e meu pai*

*Pesquisador: E tu Nanda?*

*Nanda: Minha família*

*Pesquisador: E quem é tua família?*

*Nanda: Meu avô, minha avó, minha tia, meu pai, minha mãe e eu... E meu irmão*

*(...)*

*Pesquisador: Vocês moram com quem?*

*Bia: Eu moro com minha avó.*

*Nanda: Eu moro com meu irmão, minha irmã e minha mãe*

*Pesquisador: E tu Joel?*

*Joel: Eu moro com a minha mãe e com meu pai*

*Pesquisador: E tu vai desenhar quem?*

*Joel: Um monte de família*

*Pesquisador: E como é um monte de família?*

*Joel: Meu avô, tia...*

Observemos que ao ser perguntada sobre o que seria uma família, Bia diz estar desenhando, a si, seu pai e sua mãe. Ao ser questionada sobre com quem mora, a menina prontamente responde que mora com sua avó. Curiosamente, a figura da avó não aparece no desenho de Bia. Deste modo, nos deparamos com algo surpreendente: apesar de conviver na mesma casa (proximidade) e possuir laços de parentesco, a avó não se insere nem no discurso, nem na representação gráfica de família concebida por Bia. Nesse caso, nem um dos dois elementos até agora apresentados como fortes definidores de família foram suficientes para que a avó fosse incluída.

Uma situação concreta onde podemos enxergar o conflito existente entre proximidade e parentesco no processo de significação de família é a separação dos pais. Vejamos o episódio a seguir, focalizando, a princípio, a figura de Cadu.

***Episódio # 22: Porque eu não tenho família.***

***Gui (M/5;7); Lia (F/4;10); Cadu (M/5;11)***

*Pesquisador: E a professora de vocês é da família de vocês?*

*Cadu: É não... ela não é mãe da gente?*

*Lia: Nem mora com a gente*

*Pesquisador: E pra ser da família tem que morar junto?*

*Lia e Cadu: Tem.*

*Pesquisador: E se não morar junto?*

*Cadu: Ai vai ficar numa briga (olhar distante, parece pensativo)*

*Pesquisador: Briga de quem?*

*Cadu: Da mãe com a família... Da mãe com o pai*

*Pesquisador: E por que eles tão brigando?*

*Cadu: Porque eu não tenho família*

*(...)*

*Cadu: Já desenhei*

*Pesquisador: Já desenhasse? Então me diz o que tu desenhasse?*

*Cadu: Minha família*

*Pesquisador: E quem é tua família?*

*Cadu: Meu pai e eu. O nome do meu pai é Cadu também*

*Pesquisador: E toda família tem pai?*

*Lia, Cadu e Gui: Tem!*

*Lia (dirigindo-se a Cadu olhando para o desenho dele): E tua mãe, menino?*

*Pesquisador: E mãe é da família?*

*Lia, Cadu e Gui: É!*

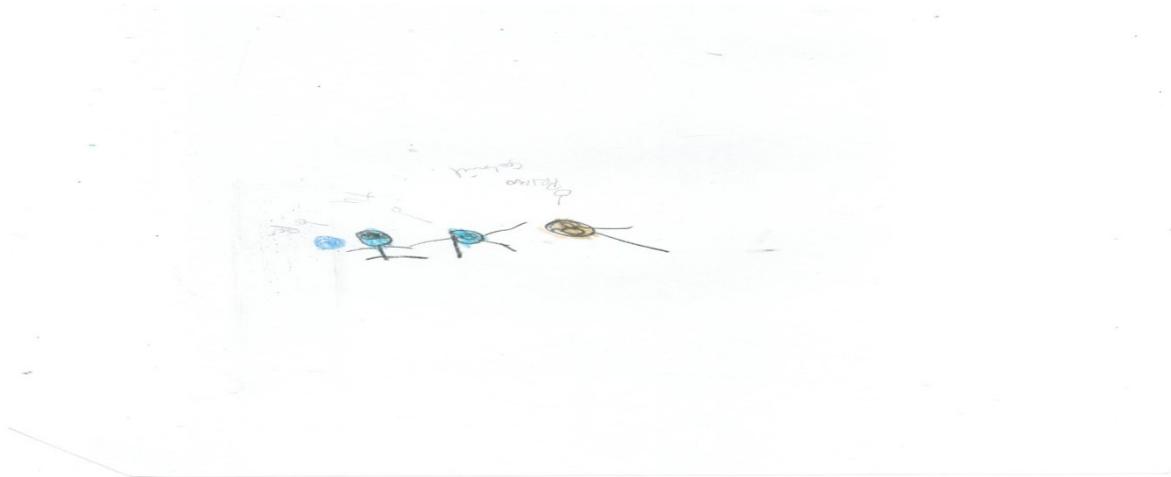
*Pesquisador: E toda família tem mãe?*

*Lia, Cadu e Gui: Tem!*

*Pesquisador: Eu já ouvi falar de família que não tem mãe...*

*Lia: Até meu cachorrinho que é pequenininho é da família. Eu tenho dois cachorros.  
 Cadu: A minha mãe é.... O nome da minha mãe é Juliana.  
 Pesquisador: E ela faz parte da tua família?  
 Cadu: Faz*

**Figura 9** - Desenho de Cadu sobre Família<sup>21</sup>



Fonte: Arquivos da Pesquisa.

No início do episódio, Cadu afirma juntamente com Lia, a necessidade de morar junto para ser família. Questionado sobre o que ocorreria caso isso não fosse possível, o menino narra uma situação de conflito familiar entre um pai e uma mãe. Ainda que não tenhamos indícios suficientes, cogitamos a possibilidade de Cadu estar narrando sua própria experiência familiar, em decorrência da mudança de sua postura, direção do olhar e mudança no tom de voz. Além disso, quando questionado porque o pai e a mãe brigavam, o menino responde referindo-se a si próprio: “Porque eu não tenho família”. Deste modo, a situação de conflito entre os pais e consequente mudança de domicílio de um deles faz o menino ter seu sentido de família abalado.

Ao final do episódio, Cadu diz o nome de sua mãe e afirma que ela faz parte de sua família. Contudo, curiosamente, ao ser questionado quem era sua família, Cadu refere-se apenas a si e ao pai, únicas figuras também a constarem em seu desenho. Nesse sentido, em diferentes momentos interacionais e por diferentes meios de acesso (fala e desenho) obtivemos significações aparentemente contraditórias, o que pode refletir o atual estado de questionamento e revisão da noção de família do menino, em decorrência de uma possível separação dos pais. Com isso, porém, não afirmamos que a experiência vivida por Cadu seja

<sup>21</sup> Da esquerda para a direita: seu pai, ele e seu primo.

igual para todas as crianças: que a separação dos pais gere questionamentos sobre a noção de família. Estudo recente demonstra que as crianças não possuem alteração significativa em sua percepção de família após a separação dos pais (INTERAMINENSE, 2015). Ademais, Gui, que faz parte do grupo de Cadu, também relata viver a experiência de separação dos pais, sem, contudo, apresentar dentro da sessão de videogravação qualquer indício de questionamento sobre seu significado de família, representando, inclusive seu pai no seu desenho de família.

**Episódio # 23: Pai separado...**

**Gui (M/5;7); Lia (F/4;10); Cadu (M/5;11)**

*Pesquisador: E família faz o que?*

*Cadu: Brinca, joga com a pessoa...*

*Lia: E tem o cachorro...*

*Pesquisador: E o cachorro é da família?*

*Lia: É. Ele mora comigo*

*Pesquisador: E tem alguém da tua família que não mora contigo*

*Lia: Tem! Meu tio*

*Cadu: Meu primo também não mora comigo. Ele gosta muito de computador*

*Gui: Meu pai tá separado da minha mãe*

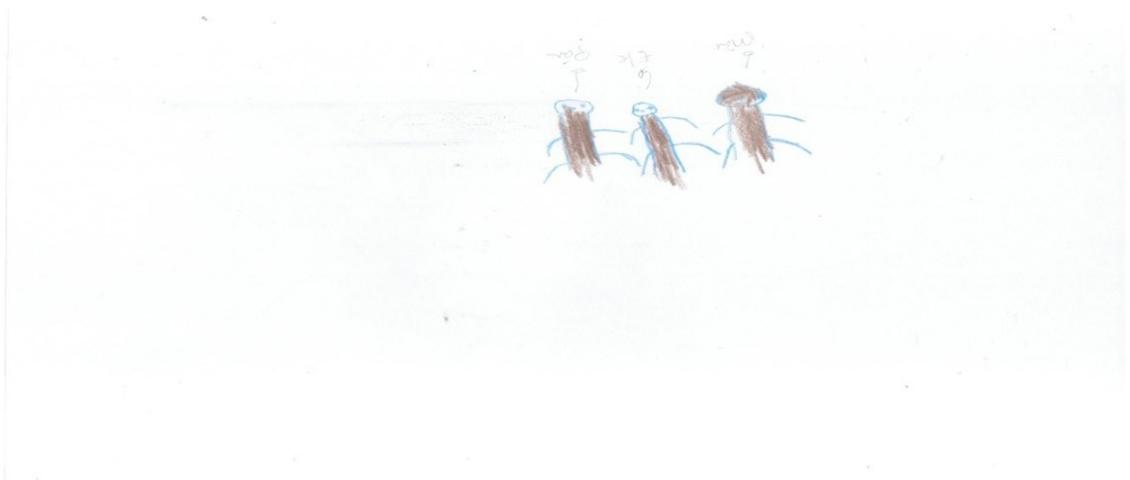
*Pesquisador: Mas, ele é da tua família?*

*Gui: É...*

*Pesquisador: Mas ele mora contigo?*

*Gui: Não*

**Figura 10 - Desenho de Gui sobre Família<sup>22</sup>**



Fonte: Arquivos da Pesquisa.

Por meio destes tópicos, buscávamos compreender a rede de significações em torno do objeto social família, tal qual apreendido pelas crianças. Todavia, esta compreensão é apenas o primeiro passo para entendermos de que forma as crianças concebem uma configuração

<sup>22</sup> Da esquerda para a direita: seu pai, ele e sua mãe.

familiar específica, a saber, a família homoparental. De modo sintético, podemos firmar que as principais significações definidoras de família para as crianças são a afetividade, a universalidade (todos tem família), as relações de parentesco, a flexibilidade dos papéis familiares (diferente pessoas podem ocupar um mesmo papel), o encontro e a proximidade. Em princípio, nenhuma dessas significações colocaria em xeque o status de família da configuração homoparental; duas outras, entretanto, colocariam-no: o gênero, como regra delimitadora do exercício de determinados papéis familiares; e a compreensão da família, como modelo específico a ser seguido (“pai, mãe e filhos”). Resta-nos agora aproximarmos do modo como esses diferentes elementos de significação irão articular-se na compreensão da homoparentalidade por parte das crianças.

## **5.2. Homoparentalidade: com a palavra, as crianças!**

Chegamos ao ponto central deste trabalho, a saber, a análise a respeito da compreensão que as crianças têm acerca da homoparentalidade. Antes, contudo, faz-se necessário uma informação que perpassará toda a análise: a homoparentalidade é um objeto social não familiar às crianças participantes da pesquisa. Deste modo, as significações acerca da homoparentalidade (propriamente dita) vão se construindo durante as conversas com elas. Evidentemente, a homoparentalidade não se encontra desarticulada de outros objetos sociais como a família, sexualidade, gênero, reprodução humana entre outros. Aliás, compreender os significados acerca de um objeto social consiste, no nosso entender, revelarmos as articulações que essas significações estabelecem com as significações de outros objetos sociais. Não à toa, utilizamo-nos da metáfora da rede para nos referirmos ao modo como ocorrem os processos de significação. Assim, será por meio das significações que compartilham sobre família, gênero, sexualidade e reprodução humana que as crianças darão significado à homoparentalidade.

Ao falarmos em homoparentalidade em nosso cotidiano, implicitamente, qualificamos o modo ser pai ou mãe (parentalidade) a partir da orientação/condição sexual-afetiva (homoafetividade) da pessoa. Admitimos, portanto, que a sexualidade pode interferir na parentalidade. Assim sendo, coerentemente, iniciamos nossa análise buscando desvelar a compreensão que as crianças têm sobre a homoafetividade.

### **5.2.1: Homoafetividade? Só em sonho!**

Como dissemos anteriormente, uma das grandes questões dentro dos estudos sobre os processos de significação refere-se a suas relações com a linguagem. Algumas correntes de pensamento tendem ao que muitos chamam de uma supervalorização da linguagem, entendendo que somente por meio dela torna-se possível o ato de significar. Outros defendem a ideia de que os processos de significação transcenderiam o campo da linguagem, encontrando no corpo e nas emoções um meio de conferirmos significado a nós mesmos, ao outro e ao mundo (FURLAN, 2004).

***Episódio # 24: Tô com vergonha de dizer...***

***Fabi (F/6;2); Nick (F/5;8); Nino (M/5;11)***

*Pesquisador: Ta vendo esse homem aqui? Ele é cuidador dos pinguins e ele começou a perceber que Mateus e Victor estavam fazendo tudo juntos. O que será que ele pensou que estava acontecendo?*

*Fabi e Nick permanecem em silêncio.*

*Nino: Que eles eram amigos?*

*Nick dá um leve sorriso abaixando a cabeça demonstrando certa timidez.*

*Pesquisador: Vocês concordam? Querem falar alguma coisa (dirigindo-se a Fabi e Nick)*

*Nick: Não... (riso tímido) Eu tô com vergonha de dizer*

*Pesquisador (Aproximando-se de Nick): Fala bem baixinho pra mim.*

*Nick (ainda rindo timidamente): Não*

*Nick permanece pensativa*

*Pesquisador: Conta aqui, só pra mim. O que você estava com vergonha de dizer?*

*Nick: Que eles fossem irmãos (como uma forma de escapar da insistência do pesquisador)*

*Pesquisador: Sabe o que o cuidador pensou? Que eles estavam apaixonados! Que Mateus e Victor estavam namorando.*

*Todos riem timidamente. Nino leva as duas mãos à boca na tentativa de esconder o riso.*

*Pesquisador? E o que vocês acham disso? Acham que eles estavam namorando mesmo?*

*Nick (lança constantemente olhares fugidios e rápidos em direção do pesquisador, parecendo monitorar sua reação): Não.*

*Durante toda a sessão, Nick concentra seu olhar nas imagens com expressão de certo espanto: olhos bem abertos e boca levemente aberta.*

Para além das polêmicas, é interessante perceber como, no que se refere à homoafetividade, o primeiro dado que ganha relevância e do qual depreendemos importante informação sobre como as crianças a concebem, provém não de palavras, mas de uma expressão emocional: o riso.

Associado a uma série de posturas corporais, fisionômicas e ações (abaixar a cabeça, franzir a testa, levar as mãos à boca escondendo o sorriso), o riso expressa um conjunto de comportamentos característicos ao sentimento de vergonha. É este sentimento a primeira reação das crianças diante da homoafetividade, como pode ser percebido a partir de Nick. Posteriormente, as palavras vêm a confirmar o que já era notório: “Nick: Não... (riso tímido) Eu tô com vergonha de dizer”. Ora, a vergonha origina-se da noção de proibição, ou seja, de estar diante de algo que não poderia ocorrer, a homoafetividade. Em nosso caso, a proibição é

tamanha que não se pode sequer falar sobre o assunto. Apesar de não termos neste episódio pistas suficientes para afirmarmos categoricamente que a vergonha refere-se à homoafetividade (e não ao namoro em si), acreditamos que esta interpretação ganha força a partir de perguntas feitas por Nick, em momento posterior da conversa, questionando o pesquisador acerca da ausência de uma pinguim menina no namoro dos pinguins meninos. Além disso, reações de vergonha similares diante da homoafetividade foram encontradas em pesquisa recente com crianças na faixa etária de 6 a 9 anos na cidade do Recife-PE (BORGES NETO; PEDROSA, 2016, artigo submetido).

Um detalhe ao final do episódio também nos traz uma informação relevante para pensarmos a investigação dos processos de significação, ratificando sua dimensão interativa e a regulação inerente ao campo social (CARVALHO; IMPÉRIO-HAMBURGER; PEDROSA 1996). Nick lança constantemente olhares fugidios e rápidos em direção do pesquisador. Tais olhares são característicos de um comportamento de monitoramento da reação do outro (CARVALHO, 1993), base para a regulação do comportamento. Deste modo, Nick parece desejar entender a resposta esperada pelo pesquisador.

Continuando nossa reflexão a partir das expressões emocionais, é possível deprendermos informações importantes também a partir da associação entre palavra e emoção, corpo e linguagem.

***Episódio # 25: Um pouquinho frango<sup>23</sup>...***

***Bia (F/6;4); Joel (M/6;1); Nanda (F/5;11)***

*Pesquisador: E sabe o que acontece? Todo ano os pinguins meninos começam a namorar as pinguins meninas... e vão formando casais. Sabe aqueles dois pinguins meninos? Peixe-boi e Robson...*

*Bia balança a cabeça em sinal positivo*

*Pesquisador: Eles começaram a fazer tudo juntos: eles estavam nadando junto, eles estavam cantando, passeando.... Por que será que eles estavam tão juntos?*

*Bia: Tavam, tavam, tavam sendo amigos? (hesitante)*

*Nanda: Eu acho que não...*

*Bia: Tava sendo irmão!*

*Pesquisador: Vê: lá no zoológico tem um homem pra cuidar dos pinguins, um cuidador. Que nem a tia de vocês. E sabe o que ele pensou quando viu eles dois juntos?*

*(Silencio)*

*Pesquisador: 'Eles devem estar namorando. Peixe-boi e Robson devem ser namorados.'*

*Bia (olhos bem abertos, levando as duas mãos a boca aberta, em sinal de surpresa): Meu Deus!*

*Pesquisador: Que foi?*

*Bia: Nunca percebi que dois homens...*

*Nanda: Namoram*

*Bia: ...namoram*

*Pesquisador: É! Pelo menos era o que o cuidador tava achando... E parece que era verdade mesmo: Robson e Peixe-boi estavam namorando... E o que vocês acham disso?*

---

<sup>23</sup> Termo popular pernambucano, potencialmente pejorativo, para designar homens homossexuais.

*Bia: Eu acho um pouquinho assim (fazendo gesto com a mão) frango*

*Pesquisador: E o que é frango?*

*Bia: Frango, frango, frango (em tom de obviedade, como se todos soubessem). Assim...*

*Pesquisador: Assim....?*

*Bia: Assim, menino, dois juntos*

*Pesquisador: E se fossem duas meninas?*

*Bia: Parece sapatão*

*Nanda: Sapatão, sapatão (leve riso)*

*Bia: Frango parece comida... sapatão parece sapato*

*Pesquisador: Huhumm (em sinal de compreensão)*

Ao ser comunicada da relação de namoro existente entre os dois pinguins meninos da história, Bia reage com surpresa, a qual está inscrita em dois planos: (1) o corpo, por meio dos olhos bem abertos e das mãos e levadas em direção da boca (também aberta) ; (2) da fala, ao dizer “Meu Deus!” interjeição costumeira em nossa cultura, utilizada em situações inesperadas. Este comentário pode parecer, a princípio, um pouco óbvio, afinal, é de esperar certa consonância entre o conteúdo da fala, sua forma e as ações corporais associadas. Todavia, isto deixa de ser óbvio ao retermos o episódio # 20 no tópico anterior. Lá, Malu, ao responder se haveria alguém de sua família com quem ela não morava junto, responde: “*Malu (sinal negativo com a cabeça): Meu pai, meus tios*”. Ora, nesta situação, notamos uma dissonância (na verdade, uma oposição) entre os sentidos apreendidos pelo corpo e pela fala, levando-nos a cogitar a possibilidade de que corpo e linguagem consistem em diferentes campos de inscrição dos significados. Evidentemente, até aqui, referimo-nos ao processo de apreensão de significados por parte do pesquisador e/ou sua expressão por parte da criança. Porém, não seria possível pensar que estas duas diferentes vias também mantivessem certa autonomia no processo de construção de significados?

Ainda do episódio acima, é possível percebermos aspecto importante sobre a homoafetividade: o amplo grau de compartilhamento social a respeito do tema. Ao ser perguntado: “O que é ser frango?” Bia responde a pergunta como se a resposta fosse óbvia e como se o pesquisador já o soubesse, bastando repetir a palavra algumas vezes para que ele (pesquisador) recordasse o significado da palavra. Daí, entendemos que, para Bia, o significado de “frango” (homossexual) é algo que todos conhecem, a saber, dois meninos que namoram; sendo o mesmo verdadeiro para o termo “sapatão”, duas mulheres que namoram. É curioso perceber que, para Bia e demais crianças participantes dessa pesquisa, a homossexualidade não é percebida a partir de traços de uma performance de gênero (vestimentas, tipo de cabelo, etc.), mas sim a partir de uma relação afetiva (“dois meninos juntos”).

Dizemos isto, pois, em trabalho anterior sobre o tema, com crianças também da cidade do Recife-PE (BORGES NETO; PEDROSA, 2016, artigo submetido), a homossexualidade era percebida, ao menos inicialmente, a partir da performance de gênero e não da relação afetiva. Por exemplo, Lucay, uma das crianças participantes da pesquisa citada, comenta acerca do cabelo do cantor canadense Justin Bieber (atualmente bastante reconhecido, principalmente entre o público infanto-juvenil), não sendo sua relação com outro homem que primariamente a fez caracterizá-lo como “frango”, mas sim o seu cabelo. Possivelmente, para a menina, o cabelo utilizado pelo cantor canadense não estaria adequado a alguém do gênero masculino, sendo um indicativo, portanto, de sua possível homossexualidade.

Contudo, este alto grau de compartilhamento dos significados acerca da homoafetividade não implica uma ampla convivência com ela. Assim, significação e experiência mantém certa distância, o que não é estranho, se levarmos em consideração que o primeiro significado que depreendemos acerca da homoafetividade, conversando com as crianças, é o de proibição (vergonha). Ou seja, todos compartilham o que seja a homoafetividade (frango), mas parece que ela não existe (proibição/vergonha). Vejamos o episódio a seguir, que ilustra a invisibilidade das relações homoafetivas.

***Episódio # 26: Nunca vi dois meninos namorando...***

***Gui (M/5;7); Lia (F/4;10); Cadu (M/5;11)***

*Pesquisador: Uma vez por ano os pinguins meninos começam a namorar as pinguins meninas. Só que esse ano aconteceu uma coisa diferente. Tão vendo esses dois pinguins meninos? Eles começaram a fazer tudo juntos. O que eles estão fazendo?*

*Gui: Eles tão se beijando*

*Pesquisador: Eles tão se beijando?*

*Gui: Eles queriam se beijar (apontando para a tela)*

*Pesquisador: Tá certo. Se vocês tão dizendo... Aí, acontece que eles tinham um “tio” que nem a “tia” (professora) que cuidava deles. Esse tio viu que eles estavam muito tempo juntos e pensou: ‘Eles devem estar namorando’...*

*Lia (interrompendo a fala do pesquisador): Namorando?*

*Pesquisador: É!*

*Lia: Nunca vi dois meninos namorando.... (em tom de repreensão)*

A frase de Lia (“Nunca vi dois meninos namorando...”) traz em si uma complexidade bastante interessante. Simultaneamente, traz expressos a “causa” e o “efeito” do mecanismo de perpetuação do preconceito contra a homoafetividade. Como “causa” referimo-nos a repressão da homoafetividade, dita em tom de repreensão de Bia: ‘Não é possível dois meninos namorem’; por efeito referimo-nos ao sentido mais superficial da frase, a saber, a convivência com uma relação de namoro entre dois meninos: ‘Nunca vi (presenciei) dois meninos namorando’. Neste sentido, a invisibilidade parece estar na base de um ciclo vicioso,

que opera nos discursos socialmente produzidos sobre a homoafetividade, travestidos de aceitação: a homoafetividade pode existir desde que não seja vivenciada/demonstrada em espaços públicos, pois pode causar certo estranhamento e desconforto (especialmente nas crianças); esta invisibilidade, por sua vez, gera estranhamento diante do desconhecido, alimentando o preconceito e reforçando a norma proibitiva que incide sobre a homoafetividade (BORGES NETO, 2014). Evidentemente, está na base da invisibilidade da homoafetividade e conseqüente estranhamento diante dela, a noção heteronormativa das relações afetivo-sexuais. Em outras palavras, só é considerado legítimo o relacionamento entre homem e mulher.

***Episódio # 27: Namoro é sempre heterossexual***

***Milla (F/4;7); Júlio (M/5;1); Tito (M/5;3)***

*Pesquisador: Aqueles dois pinguins meninos e aquele pinguim bebê são uma família?*

*Milla e Júlio: São!*

*Pesquisador: E pode uma família com dois pais?*

*Milla, Tito e Júlio: Nããão!*

*Milla (apontando para a imagem): O filho, a mãe e o pai.*

*Pesquisador: Não tem mãe aí não. Só pai... E se fossem duas mulheres e elas fossem mãe do pinguinzinho, elas poderiam namorar?*

*Júlio: Não. Porque se fosse um homem e uma mulher, aí namorava*

Ora, uma das possíveis expressões do estranhamento é a rejeição a homoafetividade:

***Episódio #28: Acho que vou vomitar...***

***Babi (F/5;8); Dani (F/5;1); Leo (M/5;9)***

*Pesquisador: Chega uma época do ano em que os pinguins homens começam a namorar pinguins..... (incitando as crianças a completarem a frase)*

*Dani: Mulher*

*Pesquisador: Mulheres. E aí vão formando casais. Sendo que aconteceu uma coisa diferente nesse ano: João e José começaram a passar muito tempo juntos. Vê: o que eles estão fazendo aqui (mostrando as imagens no computador).*

*Leo: Nadando, brincando*

*Pesquisador: E sabe quem é esse aqui? Esse aqui é o cuidador dos pinguins, que nem a professora de vocês cuida de vocês. Esse tio (cuidador) começou a ver João e José o tempo todo juntos, fazendo tudo juntos. O que será que ele pensou?*

*(Silêncio)*

*Pesquisador: Ele começou a achar que João e José estavam namorando...*

*Todos começam a rir. Babi e Dani riem mais intensamente, levando as duas mãos a boca, como possível sinal de vergonha.*

*Babi: Acho que eu vou vomitar*

*Dani: Eu também acho que estou com vontade de vomitar*

*Pesquisador: Por quê?*

*Dani: Porque....*

Após as reações de vergonha e surpresa, Babi e Dani demonstram uma rejeição extremada ao fato dos dois pinguins meninos namorarem, a ponto de afirmarem o desejo de

vomitam. É como não fosse possível “engolir” o fato narrado pelo pesquisador. Ademais, é curioso perceber como esta rejeição revela um preconceito “sem explicações”. Em nenhum momento as crianças justificam o motivo pelo qual estranham o fato dos dois pinguins meninos namorarem. Ainda que ensaiem uma justificativa: “Dani: Porque...”. Deste modo, a regra de proibição é aprendida sem estar necessariamente atrelada a uma justificativa. Talvez, isso nos aponte um possível mecanismo de apreensão das regras sociais pelas crianças: primeiro aprendem a regra, para, posteriormente assimilarem seus discursos legitimadores.

Outra possível reação associada ao estranhamento é a aceitação:

***Episódio # 29: Oxi! Namorando?!***

***Edu (M/6;0); Juca (M/5;9); Guto (M/5;7)***

*Pesquisador: Uma vez no ano, os pinguins meninos, os pinguins homens começam a namorar as pinguins meninas.*

*Juca: Meninas?*

*Pesquisador: É! Mas esse ano aconteceu um negócio diferente. Aqueles dois pinguins do começo da história, Estevão e Carlos, começaram a fazer tudo juntos...*

*Juca (vendo a imagem): Eles tavam cantando, andando....*

*Pesquisador: Huhumm. E quando dois pinguins meninos começam a fazer tudo juntos, eles são o que? Silêncio*

*Pesquisador: Vê! Aqui tem gente pra cuidar de vocês, né? Lá no zoológico também tem gente pra cuidar dos pinguins. Esse tio aqui, olha (mostrando a imagem). Ele viu que Estevão e Carlos estavam juntos, e pensou: ‘Eu acho que eles estão namorando!’*

*Juca: Oxi! Namorando?!*

*Pesquisador: É! Pelo menos é o que tá dizendo a história. E por que tu dissesse ‘Oxi!’ quando eu disse que Estevão e Carlos estavam namorando?*

*Juca: leve sorriso*

*Pesquisador: Quando dois meninos namoram, eles são o que?*

*Juca: Namorados...*

De modo similar a Babi, Juca parece estranhar o fato do namoro. Mais uma vez, não temos pistas suficientes que nos permitam distinguir se o estranhamento se dá por conta do namoro simplesmente ou pelo fato de os namorados serem dois pinguins meninos. De qualquer forma, é interessante perceber que Juca, tanto neste episódio, como ao longo de toda a conversa, apesar do estranhamento inicial e do reconhecimento da relação de namoro entre os dois pinguins meninos, não utiliza de termos populares (frango, gay, etc.), ou quaisquer outros, para classificar esta relação como de um tipo diferente. Mesmo após o estranhamento a respeito do namoro, Juca se refere aos dois pinguins meninos como, simplesmente, namorados. Por algum motivo, Juca parece não ter se apropriado nem do vocabulário nem dos discursos hegemônicos e posicionamentos sociais a eles atrelados a respeito da homoafetividade. Talvez seja justamente esta inapropriação que tenha possibilitado a Juca um posicionamento de naturalidade após o estranhamento inicial. Como veremos mais adiante, o

trio composto por Juca, Guto e Edu (três meninos) apresenta outro aspecto bastante interessante: foi o único que, ao ser informado que a história a ser contada era de uma família, nomeou a todos os personagens com nomes tidos como masculinos. Em outras palavras, uma família apenas com seres do sexo masculino.

O estranhamento em relação à homoafetividade pode ainda se apresentar por meio de uma resistência, seguida pela tentativa de modificação do novo conteúdo a fim de que ele se adeque (articule-se) ao conhecimento (rede de significações) pré-existente.

***Episódio # 30: Gay? Só em sonho***

***Milla (F/4;7); Júlio (M/5;1); Tito (M/5;3)***

*Pesquisador: Mas eles começaram a andar tão juntos que o cuidador dos pinguins, tipo um fazendeiro de pinguins, começou a pensar que esses dois pinguins meninos estavam namorando. O que vocês acham? Eles tão namorando ou não?*

*Milla e Júlio: Não!*

*Júlio: Eles tão brincando assim pra dizer que são os patos*

*Pesquisador: Mas vamos dizer que eles tão namorando. Faz de conta que eles tão namorando*

*Júlio: Bora. Aí eles foi por traz do outro, encostando a cabeça assim. Aí parece que eles estão namorando*

*Pesquisador: E o nome desses dois pinguins, vocês sabem?*

*Júlio (apontando para a imagem): Um menino, outro menino... E as meninas tão aonde?*

*Pesquisador: Não tem menina. São só esses dois pinguins meninos que namoram...*

*Júlio: Eles tão namorando com as meninas*

*Pesquisador: Não... os dois meninos tão namorando*

*Júlio: E porque o senhor disse que tinha umas meninas?*

*Pesquisador: Então: É porque tem pinguim menino, na história, que namora pinguim menino-A e tem pinguim menino que namora outro pinguim menino-O. Como se fossem dois homens namorando. Entendeu?*

*Júlio (fazendo sinal positivo com a cabeça): Não! É porque eles tão pensando que são as meninas!*

*Pesquisador: É porque eles tão pensando que são as meninas? Como assim?*

*Júlio: Assim! Porque menina não tem cabelo aí na história. Só ela que tem (apontando para Milla). Pinguins meninas não tem cabelo. Porque isso aí (a história) não é de verdade. É de mentirinha. Só pra pessoa vê.*

*Pesquisador: Huhumm. Mas na história tá dizendo que esses dois pinguins, tipo dois homens, tão namorando.*

*Júlio: É. Mas é porque eles tão sonhando... eles tão sonhando*

Neste episódio, o mais interessante é notar o movimento contínuo e progressivo de Júlio em realizar alterações criativas na história a fim de que o casal principal adeque-se ao modelo heterossexual. Dizemos contínuo, pois Júlio demonstra-se persistente no empreendimento de tonar o casal de pinguins meninos em um casal heterossexual. E progressivo, pois o menino parte da negação do namoro, passando pela ideia de um simples engano interpretativo por parte da história, até chegar à negação da realidade da relação homoafetiva narrada. A homoafetividade dos pinguins começa sendo considerada apenas como uma brincadeira. Em seguida, curiosamente o único momento em que Júlio não se opõe

à fala do pesquisador é quando ele diz: “Faz de conta que eles estão namorando”, ao que o menino responde positivamente e ainda imita os personagens (ver a imagem abaixo). Ou seja, no campo da fantasia, torna-se possível a assimilação de uma relação homoafetiva. Esta ideia ganhará força mais adiante quando dedicaremos um subtópico exclusivo sobre a reação das crianças à apresentação de uma família homoparental de humanos. Nele, não só a homossexualidade, mas também a homoparentalidade são, a princípio, vistas como impossíveis.

Retornando a Júlio, apesar da aparente aceitação do casal no campo da fantasia, rapidamente o menino se dá conta da ausência de meninas na história, “Cadê as meninas?” Ao ser explicado acerca da diversidade de casais, Júlio não concorda. Dessa vez, o engano não é da parte da história ou do pesquisador que a conta, mas sim dos próprios pinguins: “É porque eles tão pensando que são as meninas!” E ainda justifica o engano dos pinguins meninos a partir de uma análise comparada entre o dimorfismo<sup>24</sup> sexual entre humanos e pinguins, reconhecendo a ausência, na espécie dos pinguins, de uma característica bastante importante (na sua compreensão) para a diferenciação de gênero na espécie humana: o cabelo. Milla, a menina apontada por Júlio, tem cabelo comprido, já as pinguins meninas não (“Pinguins meninas não têm cabelo”). Justificada está, portanto, a confusão por parte dos pinguins meninos. Novamente, estamos diante da compreensão de gênero das crianças calcada em aspectos físicos/estéticos da performance de gênero (ver análise do episódio # 14). De qualquer forma, isto não é tão importante, afinal: “Porque isso aí (a história) não é de verdade. É de mentirinha. Só pra pessoa vê.”

Por fim, Júlio, deparando-se novamente com a persistência do pesquisador em afirmar a realidade do casal homoafetivo, lança mão de um recurso aparentemente novo, mas de mesma base que o anterior. Agora, a homoafetividade não é (1) um engano (nem da interpretação dos outros, nem dos próprios pinguins); (2) apenas algo do pensamento (“Eles pensam...”); (3) nem “é só de mentirinha”, mas sim o fruto de um sonho (“... eles tão sonhando”).

Ora, a homoafetividade, para Júlio, não parece ser da ordem do real. Curiosamente, ela só pode existir no campo da fantasia. Todavia, neste campo, ela não só pode existir, como também pode ganhar vida no corpo do menino, que imita a postura corporal dos dois pinguins machos que leva a crer que estão namorando. Evidentemente que com isso, não estamos afirmando que Júlio seja homossexual, ou que se dê conta de que está representando a

---

<sup>24</sup> Em biologia, o dimorfismo sexual é considerado quando há ocorrência de indivíduos do sexo masculino e feminino de uma espécie com características físicas não sexuais marcadamente diferentes.

homoafetividade com seu corpo. Queremos apenas evidenciar que no campo da fantasia, por uma articulação menos rígida de significações, o inaceitável torna-se possível. Em outras palavras, a fantasia é um campo legítimo de experimento e elaboração de significações, inclusive aquelas cujo real, por suas regras, não comporta (SANTOS, 2015).

Além do estranhamento em relação à homoafetividade, outro elemento parece articular-se e dificultar a compreensão da possibilidade de existência da homoparentalidade, por parte das crianças: o modelo familiar pai-mãe-filhos.

### 5.2.2. O Modelo Pai-Mãe-Filhos

Ao final da primeira parte deste capítulo, citamos alguns dos principais elementos que perpassam e constituem as significações de família das crianças participantes da pesquisa. Dentre eles, destacamos a noção de família calcada em uma configuração específica, a saber, aquela formada por casal heterossexual e seus filhos, a qual será por vezes referida neste trabalho como “modelo pai-mãe-filhos”. É justamente esta noção de família como um modelo configuracional a ser seguido, um dos entraves para a compreensão da homoparentalidade como um modo possível de ser família, por parte das crianças.

#### *Episódio # 31: Sempre teve dois pais?*

*Babi (F/5;8); Dani (F/5;1); Leo (M/5;9)*

*Pesquisador: Me disseram que é a história de uma família. Bora dar nome para esses pinguins?*

*Leo: Geldo, Leo (o pequeno), e a mãe... Jonilda*

*Pesquisador: Mãe? Onde é que tem mãe aí?*

*Leo e Dani: Aqui! (apontando para o pinguim com a cabeça recostada no colo do outro pinguim maior).*

*Após uma longa discussão sobre os nomes a serem dados...*

*Pesquisador: Tá bom! Então eu posso dar os nomes?*

*Todos respondem: Sim!*

*Pesquisador: José, João e Priscila... São dois homens. E na história tá dizendo que eles dois são pais de Priscila: ela tem dois pais.*

*Silêncio de todos*

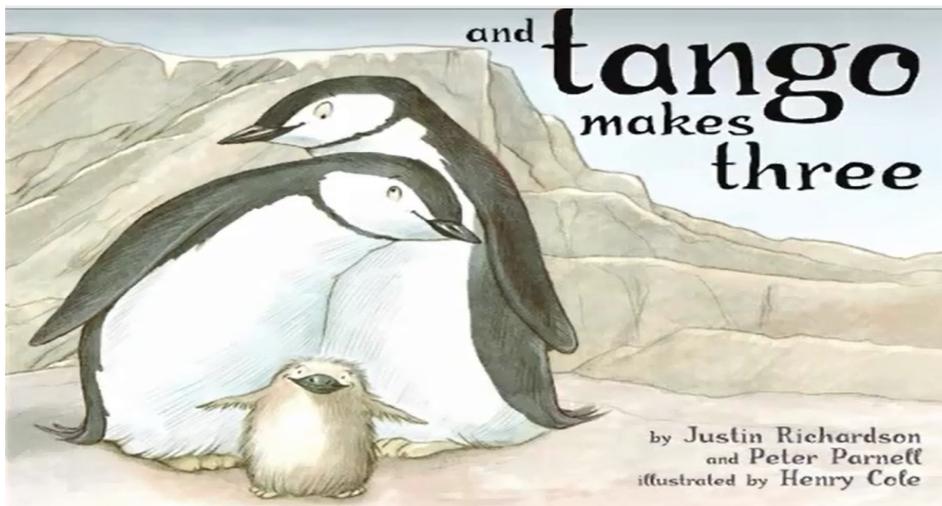
*Dani: Mas, por quê?*

*Pesquisador: Na história é que tá dizendo*

*Dani: Já sei! É porque a mãe morreu!*

*Pesquisador: “Porque a mãe morreu”?... Na história não tá dizendo que a mãe morreu não. Diz que ela (Priscila) sempre teve dois pais.*

**Figura 11** - Imagem inicial da História



Fonte: Richardson e Parnell, 2005.

Algo bastante recorrente durante os diferentes encontros de conversas realizadas na pesquisa refere-se ao momento da contação da história. O pesquisador costumava iniciar este momento apenas informando tratar-se de uma história sobre uma família, ou ainda, apenas uma história sobre pinguins. Quase que invariavelmente, com exceção de um trio (a ser descrito mais adiante), a simples menção à ideia de família ou a apresentação da imagem inicial da história (ver imagem acima) remetia as crianças ao modelo pai-mãe-filhos, o qual era expresso por meio do reconhecimento e apontamento na imagem destes três papéis familiares, ou ainda, no ato de nomear aos pinguins, onde, um dos pinguins adultos sempre era nomeado com nome feminino e o outro com nome masculino.

No episódio acima, ocorre um misto dessas duas possibilidades, como é percebido na fala de Leo, ao nomear os pinguins: “Geldo, Leo (o pequeno), e a mãe... Jonilda. Imediatamente, uma questão deve vir à mente do leitor: como as crianças identificam essas três figuras se, no caso dos pinguins, não encontramos dimorfismo sexual acentuado? A resposta simples nos é dada, em conjunto unânime, pelas crianças: a altura do pinguim, associada a sua postura corporal. Nesse caso, será identificado como a mãe aquele pinguim de menor estatura e com a cabeça levemente inclinada sobre o colo do pinguim de maior

estatura, que, por sua vez, será indicado como pai. Como pode ser melhor ilustrado pelo episódio a seguir.

***Episódio # 32: A mãe é pequenininha...***

***Cris (F/5;11); Maju (F/6;4); Luca (M/5;7)***

*Pesquisador: A história é sobre esses pinguins aí...*

*Luca: Tem a mãe, tem o pai e tem o filho (apontando para a imagem)*

*Pesquisador: Aonde que tem a mãe, o pai e o filho?*

*Luca e Maju apontam na tela: Mãe, filho e pai (a mãe é o pinguim com a cabeça recostada sobre o colo do pinguim maior)*

*Pesquisador: Por que essa é a mãe?*

*Maju: Porque essa é a pequenininha...*

*Pesquisador: Quando me contaram essa história, me disseram que não tinha mãe não. Que eram dois pais e a filha*

*Luca: Não! É uma mãe, um pai, e um filho*

De ambos os episódios é possível depararmos novamente com identificação de gênero a partir de características físicas e ou posturais. Ora, a pronta identificação das figuras de pai, mãe e filhos na imagem mostrada, bem como sua incidência em quase a totalidade dos dados, faz-nos conceber este significado de família como amplamente compartilhado em nossa sociedade. Todavia, é por meio da reação das crianças à informação de que, de fato, a história trata de uma família com dois pais e um filho/filha, que depreendermos o caráter modelar ou normativo desta configuração familiar. As crianças afirmavam convictamente que a história estava errada, e que se tratava de “uma mãe, um pai, e um filho”, só sendo possível a ausência da mãe em uma família por meio de sua morte: “Dani: Já sei! É porque a mãe morreu!”

Ainda nesse aspecto, é interessante notar que a norma deriva e incide precisamente sobre a configuração familiar, não se tratando, neste momento, de um preconceito relativo à orientação/condição afetivo-sexual dos pais-pinguins, ou também da orientação/condição afetivo-sexual de humanos. Vejamos o próximo episódio.

***Episódio # 33: Sapatão pode ter filho?***

***Babi (F/5;8); Dani (F/5;1); Leo (M/5;9)***

*Pesquisador: E se fossem duas mulheres? E se ela (Priscila) tivesse duas mães, podia?*

*Dani: Podia! Sabe por quê? Porque elas eram sapatona.*

*Pesquisador: E se são dois homens não pode ser sapatão não?*

*Dani: Sapatão*

*Pesquisador: Sapatão? Quando dois homens namoram é sapatão?*

*Dani: rindo, faz sinal positivo com a cabeça.*

*Babi: Quando dois homens namoram é sapatão. Quando duas mulheres namoram é sapatona.*

*Pesquisador: E sapatão pode ter filho?*

*Babi: Pode...*

*Pesquisador: E sapatona pode?*

*Babi: Pode*

Fica claro neste episódio que é o modelo pai-mãe-filhos que impede a aceitação de dois pais em uma família, e não orientação sexual dos mesmos. Afinal, segundo Dani e Babi, tanto “sapatonas” quanto “sapatões” podem ter filhos.

Para algumas das crianças, o modelo pai-mãe-filhos parece ser o elemento preponderante em suas significações de família, a tal ponto de reconhecerem a parentalidade dos dois pinguins machos da história, mas não seu status de família.

***Episódio # 34: Pra ser família, tem que ter fêmea!***

***Bia (F/6;4); Joel (M/6;1); Nanda (F/5;11)***

*Pesquisador: O pinguinzinho nasceu e os dois pinguins macho começaram a tomar conta dele, Peixeboi e Robson...*

*Nanda: E ficou feliz*

*Pesquisador: E ficou feliz? Por que ficou feliz? Como é que tu sabe que ficou feliz?*

*Nanda: Porque nasceu... Porque eles conseguiu .... Porque o dono (cuidador) veio e colocou o ovo e ele nasceu*

*Bia (interrompendo Nanda): Eu já sei! Eu já sei! Eu já sei! Ai eles ficaram família e foram felizes*

*Pesquisador: E como é que faz para ficar família?*

*Bia: Pra ficar família? Pra ficar família tem que ter fêmea e macho e irmão e tia e avó e avô...*

*Pesquisador: mas aqui não tem fêmea não (apontando para a história). Aqui só tem dois machos e um bebezinho. Então, é família ou não é?*

*Bia: É (reticente)*

*Nanda: Não!*

*Bia: É... não. É não! Porque tem que ter fêmea*

*Nanda: É! Tem que ter fêmea!*

*Pesquisador: Mas, eles dois são pais do pinguinzinho?*

*Bia e Nanda: São!*

*Pesquisador: São pais e não são família?*

*Bia: Não!*

*Pesquisador: Ah, tá! (em sinal de compreensão). Mas vocês acham que a pinguinzinha gostava deles?*

*Bia e Nanda: Gostava!*

A centralidade deste episódio encontra-se precisamente no processo para que um conjunto de seres (em nosso caso, pinguins) ganhe o status de família. É interessante notar que não só as figuras de pai e mãe são necessárias, mas também a dos filhos. Curiosamente, Bia só refere-se à família de pinguins após o nascimento do bebê pinguim, informando-nos, por meio de suas palavras, a mudança de status: “Aí eles ficaram família”. Ora, o termo ficaram parece indicar uma passagem de um estado de não família para o de família. A necessidade da presença de filhos para ser família fica mais bem ilustrada no trecho a seguir:

**Episódio # 35: Pra ser família, tem que ter filho!**

**Bia (F/6;4); Joel (M/6;1); Nanda (F/5;11)**

*Pesquisador: Construir um ninho. Pra que construir um ninho?*

*Bia: Eu acho que é pra..... esqueci o nome (pensativa)*

*Pesquisador: Olha aqui essa figura*

*Bia: Ah! Pra nascer um pintinho*

*Nanda: Um pintinho....*

*Pesquisador: Pra nascer um pintinho! Eles queriam um bebê. Os dois pinguins homens, Peixe-boi e Robson, queriam um bebê. Eles viam que todos os outros casais tinham um bebê e eles queriam ter um bebê também. E porque eles queriam um bebê?*

*Bia: Eu acho que... porque eles queriam formar uma família*

*Pesquisador: E pra ser família tem que ter bebê?*

*Nanda: Não*

*Bia: Tem*

*Pesquisador: Tem?*

*Bia: Tem que ter!*

Associado ao nascimento do filho e a passagem do status de família está o sentimento de felicidade que, por fim, parece também fazer parte do modelo pai-mãe-filhos. Neste sentido parecemos estar diante do que Júnior, Moraes e Coimbra (2015) denominam de família “margarina”, aquela formada por casal heterossexual e filhos e que compartilham de um sentimento de felicidade contínuo, sem espaços para conflitos, Aliás, a não permissão de conflitos nas significações de família também se fez presente em nossa pesquisa (ver episódio # 3).

Tendo suas significações de família questionadas pelo pesquisador, precisamente em suas articulações como o modelo tradicional de família, Bia e Nanda se veem em dúvida.

*Pesquisador: E como é que faz para ficar família?*

*Bia: Pra ficar família? Pra ficar família tem que ter fêmea e macho e irmão e tia e avó e avô...*

*Pesquisador: mas aqui não tem fêmea não (apontando para a história). Aqui só tem dois machos e um bebezinho. Então, é família ou não é?*

*Bia: É (reticente)*

Todavia, rapidamente, as meninas optam por reafirmar a necessidade de enquadrar no modelo, cumprindo suas exigências: “Bia: É... não. É não! Porque tem que ter fêmea /Nanda: É! Tem que ter fêmea!”. Curiosamente, a fim de darem conta de dois fatos aparentemente contraditórios (a parentalidade dos dois pinguins machos e a necessidade de uma fêmea para compor uma família) as meninas distinguem os dois fenômenos. Assim, é possível ao pinguim bebê ter dois pais, mas não que esse dois pais sejam sua família.

*Pesquisador: Mas, eles dois são pais do pinguinzinho?*

*Bia e Nanda: São!*

*Pesquisador: São pais e não são família?*

*Bia: Não!*

No episódio # 34 nos é possível ainda observar o modo como a afetividade é colocada em segundo plano em relação ao modelo pai-mãe-filhos no que se refere à construção das significações de família. Segundo Bia e Nanda, a pinguinzinha bebê gostava de seus dois pais, porém, isto não foi o suficiente para torná-los, na compreensão das meninas, sua família. Lembremos, portanto, que as significações articulam-se em um constante movimento de figura-fundo. Um único elemento, além da morte, contudo, pode emergir e permitir o descumprimento do modelo/norma familiar, segundo o qual só poderia haver um pai e uma mãe, a saber, papai do Céu.

***Episódio # 36: Tem a mãe, o pai e o filho... e o papai do Céu***  
***Cris (F/5;11); Maju (F/6;4); Luca (M/5;7)***

*Pesquisador: E bicho tem família?*

*Maju: Não*

*Luca: Tem sim! Tem sim*

*Maju: Tem sim... ursos*

*Luca: Dois pais (voz baixa)*

*Maju: Dois pais (em tom de estranhamento)?! Que eu saiba é uma mãe, um pai e um filho...*

*Pesquisador: Por que não dois pais?*

*Maju: Só se for papai do céu e outro pai*

Como muito anunciado, apenas em uma das conversas, as crianças se referiram a uma família apenas com pinguins do sexo masculino, como vemos abaixo.

***Episódio # 37: Três meninos!***  
***Edu (M/6;0); Juca (M/5;9); Guto (F/5;7)***

*Pesquisador: É a história de uma família de pinguim. Vamos dar um nome pra eles? Cada um diz um nome*

*Juca: O nome desse vai ser Carlos*

*Edu: E o nome desse daqui vai ser Estevão*

*Guto: Steve (o bebê)*

*Pesquisador: Ok, então! Estevão, Carlos e Steve*

Curiosamente, é este mesmo grupo que não se posiciona com resistência ou rejeição ao fato dos dois pinguins machos namorarem. Logo após reação de estranhamento, seguiu-se uma reação de naturalidade diante do namoro, demonstrando o não compartilhamento de qualquer tipo de preconceito em relação à homoafetividade. Isto poderia levar-nos a crer que os meninos também apresentariam uma maior flexibilidade de compreensão quanto à composição familiar. Todavia, isto não ocorre: o modelo pai-mãe-filhos permanece sendo um importante elemento em suas formas de significar a família.

**Episódio # 38: A mãe foi para o trabalho**  
**Edu (M/6;0); Juca (M/5;9); Guto (F/5;7)**

*Pesquisador: Agora. Me tira uma dúvida: Steve tem família?*

*Juca: Tem!*

*Pesquisador: Quem é a família dele?*

*Juca: O Pai*

*Pesquisador: O pai?*

*Juca: A mãe...? (hesitante)*

*Guto: Os dois*

*Pesquisador: Os dois quem?*

*Guto: A mãe e o pai*

*Juca: É*

*Pesquisador: Mas na história tá dizendo que ele não tem mãe não. Só tem dois pais: o Carlos e o Estevão*

*Silêncio, parecem pensativos*

*Juca: Ele tem mãe, só que a mãe dele foi embora para o trabalho*

*Pesquisador: Bem, na história tá dizendo que o Steve tem dois pais e nenhuma mãe. E que os dois pais dele são o Carlos e o Estevão*

*Juca: Ele tem dois pais e duas mães!*

*Pesquisador (apontando a imagem): Aqui, ó: O Carlos, o Estevam e o Steve*

*Juca (apontando na imagem): É a mãe, né?*

*Pesquisador: Não. É o pai, os dois pais. Pelo menos é o que tá dizendo na história. Porque não tem menina na história. Só tem menino: Carlos, Estevão e Steve*

*Juca: Mas ele só gostou de Estevão*

*Guto: Ele só gostou de um, de Estevão*

*Pesquisador: Por que ele só gostou de Estevão?*

*Juca: Porque ele não queria ser amigo do outro não. Ele só queria brincar com esse (Estevão)*

*Pesquisador: Por que?*

*(Silêncio)*

Mais uma vez, recorreremos à noção de regulação do comportamento dentro do campo interacional para compreendermos a produção de significados por parte das crianças. A princípio, quando perguntado a respeito da família do pinguim bebê (Steve), Juca não só afirma que ele a tem, como afirma também que ela é composta por um pai. A partir do questionamento do pesquisador, o menino muda de resposta, referindo-se à figura de uma mãe. A resposta na forma de questionamento e em tom hesitante permite-nos cogitar que Juca tenha entendido a pergunta do pesquisador (“O pai?”) como uma correção à sua resposta anterior. Assim, o menino parece querer “acertar” a resposta à pergunta feita, ou seja, adequá-la a um suposto desejo do pesquisador.

Ademais, os posicionamentos seguintes de Juca são apenas de concordância com o colega de grupo Guto ou postura pensativa, como se a fala do pesquisador (“Mas na história tá dizendo que ele não tem mãe não. Só tem dois pais: o Carlos e o Estevão”) associada à fala de Guto (“A mãe e o pai”) gerasse nele algum tipo de conflito. Após o silêncio, Juca responde com uma proposição que contemplaria ambas as afirmativas anteriores: “Ele tem mãe, só que

a mãe dele foi embora para o trabalho”. Juca realiza novo ajustamento em sua fala após o pesquisador, mais uma vez, reafirmar a inexistência de uma mãe. Agora, o pinguim bebê teria duas mães e dois pais, o que equilibraria a equação do modelo familiar pai-mãe-filhos. Em nossas palavras: um bebê não pode ter dois pais e nenhuma mãe, mas pode ter dois pais e duas mães. Pela última vez neste episódio, o pesquisador reafirma a existência de dois pais e nenhuma mãe. Dessa vez, Juca responde com uma proposição bastante interessante: o pinguim bebê pode até ter dois pais, mas só gosta e quer brincar com um deles. Assim, só haveria um pai afetivamente significativo.

Em síntese, durante todo este episódio nos deparamos com a constante regulação das significações expressas por Juca, dentro do campo interacional social. Nesse sentido, é válido lembrarmos que esta regulação não ocorre somente em relação ao interagente presente fisicamente na situação (sentido interpessoal do termo social), mas também, como é característico à espécie humana, àqueles elementos sócio-históricos de caráter semiótico (CARVALHO; IMPÉRIO-HAMBURGER; PEDROSA 1996). Por isso, Miguel tentava ajustar sua resposta a um suposto desejo do pesquisador e às proposições por ele trazidas, bem como ao modelo de família pai-mãe-filhos, sócio-historicamente construído. Assim, evidencia-se a articulação entre a temporalidade histórica das significações (que é *locus* do imaginário social, construído durante períodos relativamente longos de uma sociedade sendo responsável pelas formações discursivas e ideológicas) e o tempo presente ou microgenético, caracterizado pelas trocas discursivas interpessoais no aqui-agora (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM; SILVA, 2004).

### 5.2.3. Como nascem os bebês?

Aprendemos no tópico anterior, que, para as crianças, um grupo de animais só será considerado família se for composto por pai-mãe-filhos. Ao falarmos em filhos, podemos nos remeter quase que imediatamente a questões relativas à reprodução. Será que as crianças também pensam assim? Se sim, como concebem o processo reprodutivo? E ainda mais, como se daria o processo de reprodução e/ou filiação em uma família com dois pais?

***Episódio #39: Ter bebê é legal!***  
***Babi (F/5;8); Dani (F/5;1); Leo (M/5;9)***

*Pesquisador: Toda vez que se formava um casal de pinguins eles construíam um ninho. Pra que um ninho?*

*Babi: Para os filhos*

*Pesquisador: É! Ai João e José começaram a construir um ninho pra ter bebê. Eles viram que todos os outros pinguins estavam fazendo isso e estavam tendo bebê. Então eles decidiram também fazer. Agora, porque será que eles queriam ter um bebê?*

*Babi: Pra cuidar.... Pra brincar com eles*

*Pesquisador: Será que é legal ter bebê?*

*Babi e Dani: É! (em forte tom afirmativo)*

*Babi: Ter um irmãozinho é legal!*

Além de obrigatório para a formação de uma família, ter filhos também figura na fala das crianças como um acontecimento desejável. Relacionam ao filho eventos de prazer como brincar e ser cuidado. Curiosamente, em sua fala, Bia confere um sentido positivo ao ato de ter bebê, mas não a partir da perspectiva dos pais, e sim de outra criança, ou filho pré-existente, que com a chegada de um bebê ganharia um irmãozinho. Deste modo, é a partir de uma perspectiva próxima a sua que Bia confere valoração positiva ao nascimento de um bebê. Passemos agora a investigação do modo como as crianças concebem o processo de reprodução e/ou filiação propriamente dito.

***Episódio # 40: Galo é homem, não bota ovo...***

***Bia (F/6;4); Joel (M/6;1); Nanda (F/5;11)***

*Pesquisador: Mas aconteceu um negócio estranho: o ninho deles continuava vazio. Por que será que o ninho deles tava vazio?*

*Bia: Porque eles não fizeram direito?*

*Pesquisador: E como é que “faz direito” pra ter um bebê?*

*Bia: Eu acho que tem que chocar um ovo*

*Pesquisador: E por que não tem ovo no ninho deles? Na história ta dizendo que eles tentaram colocar um ovo, tentaram, tentaram, mas não conseguiram. Por que será?*

*Bia: É porque os dois eram homem! Se fosse fêmea, botava ovo*

*Pesquisador: E macho não bota ovo não?*

*Bia: Não*

*Nanda: Bota*

*Bia: Bota não! Quem já viu? O galo é homem, não bota ovo; a galinha é mulher, bota ovo...*

*Pesquisador: É verdade... (pensativo)... E agora?! Como é que eles vão fazer pra ter bebê se eles dois são macho e não bota ovo? Eles querem ser pais*

*Bia: Agora, é Nanda que conta (esquivando-se de dar uma resposta)*

*Pesquisador: Nããõ... É todo mundo junto. Como é que eles vão fazer pra ter bebê se eles não botam ovo?*

*Bia: Eu acho que é pra arrumar uma fêmea*

*Nanda: Eu acho que eles têm que sentar*

*Bia: Não... Eu acho que ele tem que sentar pra chocar o ovo*

*Pesquisador: Mas se eles não têm ovo ainda....*

*Bia e Nanda riem*

*Pesquisador: Como é que vai fazer?*

*Bia (fazendo expressão como se estivesse fazendo força): Tem que fazer força assim... E “coisar” o ovo.*

*Pesquisador: Mas tu dissesse que eles são dois machos e que macho não bota ovo.*

*Bia: Mas tem que arrumar uma fêmea*

A compreensão do processo reprodutivo biológico dos seres, por parte das crianças, parece também ser um dificultador à assimilação da homoparentalidade enquanto família, ao menos indiretamente. Neste caso, a necessidade de seres de sexos diferentes (macho e fêmea) não aparece na fala das crianças como uma tentativa de atender a um modelo socialmente construído de pai-mãe-filhos, mas sim como um imperativo de ordem prática para aqueles que concebem a reprodução como elas.

Menino e Correia (2001), a partir de vários estudos, apontam que o processo de apropriação por parte das crianças acerca do processo reprodutivo humano se dá ao longo de cinco grandes estágios (não estanques). No primeiro deles (anterior aos 5 anos de idade), a criança encontrar-se-ia centrada em descobrir como ocorre a passagem da inexistência para a existência, haja vista que concebe o bebê como se sempre tivesse existido em algum lugar previamente ao nascimento. No segundo estágio, as crianças tenderiam a pensar que os bebês são “fabricados” assim como as coisas. Só no terceiro estágio, as crianças passariam a reconhecer a necessidade da existência de dois progenitores, focando-se, contudo, na relação desses com o bebê e não nos processos fisiológicos em si. No quarto estágio, as crianças aprenderiam sobre a existência de gametas, por meio de metáforas como a do “ovo” e da “semente”. No quinto estágio, por volta dos onze anos, as crianças teriam uma compreensão do processo de fertilização e dos demais elementos que o compõem. Juntamente como os próprios autores, gostaríamos de salientar que este processo é fortemente influenciado por fatores socioculturais e que, portanto, podem variar bastante.

De qualquer forma, acreditamos interessante pensar que Bia e Nanda já reconhecem claramente a necessidade da existência de dois progenitores para que ocorra a reprodução humana<sup>25</sup>. Daí, a persistência em afirmar a necessidade de uma fêmea. Todavia, o que mais nos chama a atenção neste episódio e em outros ainda a serem descritos, refere-se à ausência preliminar da adoção como possibilidade de filiação. Lembremos que o pesquisador incitava as meninas a criarem alternativas à reprodução e que pudessem também formar laços filiais (E agora?! Como é que eles vão fazer pra ter bebê se eles dois são macho e não bota ovo? Eles querem ser pais!) Reconhecemos que a expressão “ter bebê” possa ser indutiva de respostas ligadas exclusivamente a reprodução e não a filiação. Todavia, em outros episódios, como o abaixo descrito, perguntava-se as crianças se não haveria outro modo de ser pai sem ter que “botar ovo” (referência à reprodução biológica), ao que se obtinha como resposta o silêncio.

---

<sup>25</sup> Com as tecnologias reprodutivas é difícil, cada vez mais, afirmarmos a necessidade de dois progenitores, mais ainda de uma relação afetiva entre os dois, para que ocorra a reprodução humana. Acreditamos que o mais adequado seja nos referirmos à ideia de dois gametas, óvulo e espermatozoide.

**Episódio #41: Pra ser pai, tem que botar ovo!**  
**Edu (M/6;0); Juca (M/5;9); Guto (M/5;7)**

*Pesquisador: E aí, quando dois pinguins começam a namorar, eles....*

*Juca e Edu (vendo a imagem): Eles tavam comendo ovo de pinguim*

*Pesquisador: Não... sabe o que eles estavam fazendo? Eles queriam ser pai. Aí para ser pai tem que construir um ninho e eles começaram a fazer. Só que todos os outros casais começavam a ter filhos, mas o ninho do Estevão e do Carlos continuava vazio. Por que não tinha bebê no ninho deles?*

*Guto: Porque eles não botavam ovo*

*Pesquisador: E porque eles não botavam ovo?*

*Guto: Porque eles é homem*

*Pesquisador: E homem não bota ovo não?*

*Guto: balança a cabeça em sinal negativo*

*Edu: Quem bota ovo é galinha*

*Pesquisador: E como é que faz pra ser pai se eles não botam ovo?*

*Juca: Sei lá. Diz aí! (dirigindo-se a Edu)*

*Guto: Tem que comer bastante pra ter ovo*

*Pesquisador: Tem que comer bastante pra ter ovo?*

*Juca: Não... Tem que botar ovo para nascer um pinguinzinho*

*Pesquisador: Mas... olha: eles tão tentando, tentando, tentando botar ovo. Mas o ninho continua vazio. E aí como eles vão ser pai sem botar ovo? Pode ser pai sem botar ovo?*

*(silêncio)*

Este silêncio por parte das crianças participantes da pesquisa, possivelmente em decorrência de repertórios acerca de outros modos de filiação, parece apontar-nos dois caminhos interpretativos: (1) a prevalência do significado de família enquanto laços biológicos, ao menos neste momento; (2) a não experiência das crianças, em seus contextos de realidade, com outras formas de filiação, por exemplo, a adoção. Este segundo caminho ganha força tendo em vista estudo anteriormente realizado com crianças em situação de acolhimento institucional, que apontam adoção como uma das formas possíveis de se ter filho em uma relação homoafetiva (BORGES NETO; PEDROSA, 2016, artigo submetido). Neste caso, a significação de família enquanto cuidado parece sobrepor-se aos laços biológicos.

A articulação entre as significações de família enquanto lugar de convívio e laços biológicos também se faz presente no trecho abaixo descrito. Nele, Bia informa-nos que o pinguim bebê deseja retornar para sua família, referindo-se a uma configuração com macho e fêmea, que teria sido responsável pelo período de incubação do ovo: “Então... A fêmea chocou o ovo e o macho estava vendo o ovo”. De fato, na história narrada, são os dois pinguins machos que se revezam nos cuidados com o ovo. Apesar do cuidado, os dois pinguins machos não são reconhecidos (nem por Bia, nem pelo pinguim bebê) como sendo família: eles apenas criaram o filhote. Assim, a família original do pinguim bebê, tal qual imaginada por Bia, articula dois importantes sentidos de família, talvez por isso,

sobreponham-se aos dois pais: família enquanto laço biológico e família enquanto configuração baseada na diferença de gênero (no caso dos pinguins, macho e fêmea).

**Episódio # 42: Eles (só) criou....**

**Bia (F/6;4); Joel (M/6;1); Nanda (F/5;11)**

*Pesquisador: Vocês acham que esse pinguinzinho acha que os dois são pais dele?*

*Bia: Eu acho que não!*

*Pesquisador: O que será que ele acha?*

*Bia: Eu acho que ele pensa que é pa, pa , pa ir pra família dele*

*Pesquisador: E eles não são a família dele não?*

*Bia: Não... Eles “criou”*

*Pesquisador: Ah! Eles “criou”*

*Pesquisador: E quem é a família desse pinguinzinho?*

*Bia: tem uma fêmea e um macho, não tem?*

*Pesquisador: Não sei...Tu que tá dizendo...*

*Bia: Então... A fêmea chocou o ovo e o macho estava vendo o ovo*

*Nanda ri*

Mas lembremo-nos de que Bia, como todos nós, é uma pessoa, portanto, múltipla, “porque são múltiplos e heterogêneos os vários outros com quem interage (...) porque são múltiplas as vozes que compõem o mundo social e os espaços e as posições que vão ocupando nas práticas discursivas. Essa multiplicidade de vozes e posições que dialogam entre si submetem a pessoa, mas, ao mesmo tempo, preservam a abertura para a inovação e para a construção de novos posicionamentos e processos de significação acerca do mundo, do outro e de si mesma.” (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM ; SILVA, 2004, p. 25). Assim, Bia que afirma que os dois pinguins machos não são família do pinguim bebê, afirmara em momentos anteriores da mesma sessão de videogravação a legitimidade da paternidade dos dois pinguins machos.

**Episódio # 43: Pai é quem cuida!**

**Bia (F/6;4); Joel (M/6;1); Nanda (F/5;11)**

*Pesquisador: Sabe aquele cuidador? Sabe o que ele fez?*

*Nanda: Um ovo!*

*Bia: Um pintinho!*

*Pesquisador: Ele arrumou um ovo que precisava ser cuidado e botou no ninho deles pra eles cuidarem. Será que isso é um jeito de ser pai!*

*Nanda e Bia (em tom de obviedade): É!*

*Pesquisador: Mas se eles não botaram o ovo, como é que eles vão ser pai do pintinho?*

*Bia: Mas não tinha ninguém pra cuidar do bichinho...*

*Pesquisador: Mas eles vão virar pai por cuidar?*

*Bia fica pensativa*

*Bia: Aí, o ovo se quebrou e nasceu o pintinho*

*Pesquisador: Aí eles ficaram chocando o ovo; depois de certo tempo... O que começou a acontecer?*

*Bia: O pintinho saindo do ovo...*

*Pesquisador: Nasceu*

*Bia: Porque eles chocaram o ovo*

*Pesquisador: Mas, vê: eles são pais desse pinguim que nasceu?*

*Bia: É!*

*Pesquisador: Mas eles não botaram o ovo....*

*Bia: E o que é que tem?! Os bichinhos não tinham nada pra fazer! Os bichinhos tavam sozinhos!*

#### **5.2.4. Como é a vida do bebê pinguim?**

Desde o início deste trabalho, afirmamos que, dentro do debate sobre a homoparentalidade, a questão central diz respeito às crianças, em especial a criança filha de casal homoafetiva. Em relação a ela, teme-se que crescer em um lar homoafetivo pode lhe causar problemas de identidade de gênero, ou, até mesmo problemas mais estruturais de formação da personalidade (PERELSON, 2006), ainda que diferentes pesquisas, realizadas em países onde o debate sobre homoparentalidade encontra-se mais avançado, não tenham demonstrando qualquer diferença significativa entre essas crianças e aquelas que vivem em famílias chefiadas por casais heterossexuais (FARIAS; MAIA, 2009).

Porém, uma série de perguntas persiste no imaginário social: o que pesam e sentem crianças filhas de casais homoafetivos? Também elas têm o modelo de família nuclear heterossexual como ideal a ser atingido? Percebem sua própria família como diferente e/ou incompleta? Perceber-se-iam como alvos de preconceitos? Se sim, de que maneira lidariam com eles? Por meio da história “And Tango makes three” lançamos esses questionamentos às crianças participantes da pesquisa. Vejamos o que elas têm a nos dizer.

#### ***Episódio #44: Amar e ser amada***

***Bia (F/6;4); Joel (M/6;1); Nanda (F/5;11)***

*Bia e Nanda: Gostava!*

*Pesquisador: E tu acha que eles gostavam da pinguinzinha?*

*Bia (pensativa): Acho que sim... ou não?*

*Pesquisador: Não sei....*

*Bia: Ou não, Nanda? (dirigindo-se a Nanda); Ou não? (dirigindo-se a Gabriel)*

*Pesquisador: Como vocês acham que era a vida dessa pinguinzinha? Era boa ou era ruim?*

*Bia: Era boa....*

*Pesquisador: Por quê?*

*Bia: Porque a pinguinzinha gostava deles e eles da pinguinzinha*

#### ***Episódio # 45: Ele confiava nos pais***

***Milla (F/4;7); Júlio (M/5;1); Tito (M/5;3)***

*Pesquisador: Aí nasceu esse pinguinzinho aqui (mostrando a imagem). O que esse pinguinzinho é daqueles outros dois pinguins meninos.*

*Milla: Ele cresceu*

*Júlio: Ele cresceu porque ele gostou dos pais, senão ele ficava com medo dentro do ovo*  
*Pesquisador: Mas eles são o que do pinguinzinho?*  
*Júlio: Ele gosta dos dois meninos*  
*Pesquisador: Deixa eu entender uma coisa: esse pinguinzinho que nasceu é filho de quem?*  
*Júlio e Tito: Dos pais*  
*Milla: Dos pais*  
*Pesquisador: Quantos pais?*  
*Tito e Júlio: Dois*  
*Pesquisador: E o que vocês acham disso? Um pinguinzinho pode ter dois pais?*  
*Júlio: Pode!*

De modo geral, as crianças consideraram a família homoparental uma situação feliz, cercada por afetos recíprocos entre os pais ou mães e o/a filho/a, tanto na família de pinguins, quanto na família de humanos (a esse respeito trataremos no tópico a seguir). Dentre os afetos positivos, o sentimento de confiança (ausência de medo, como na fala de Júlio) mostra-se como sendo a base para o estabelecimento da relação filial entre os dois pinguins machos e o pinguim bebê, haja vista que este último só nasceu porque não tinha medo dos pais, caso contrário teria ficado dentro do ovo.

Tivemos, contudo, duas exceções que merecem destaque. A primeira é o desejo atribuído por Miguel a pinguinzinha de estar com a mãe, ainda que esta figura não faça parte da história. Neste sentido, parece-nos que a noção de universalidade – não só da família mais de seus papéis (“todas as famílias são iguais”) – que perpassa as significações de família se faz presente. Afinal, mesmo sem ser citada como personagem da história, a mãe aparece como um personagem importante, na medida em que o pinguim bebê entristeceu-se por não estar perto dela.

***Episódio # 46: Ele queria ficar com a mãe***  
***Edu (M/6;0); Juca (M/5;9); Guto (M/5;7)***

*Pesquisador: Ai, sabe o que o Estevão e o Carlos começaram fazer pra nascer filhotinho?*  
*Juca (vendo a imagem): Ficaram cochando*  
*Pesquisador: Isso mesmo! Chocando... Ai de repente.... O que começou acontecer com o ovo?*  
*Juca: Abrir*  
*Pesquisador: E quem nasceu?*  
*Juca: O pinguim*  
*Pesquisador: E como é o nome desse pinguim? A gente deu lá no começo da história...*  
*Juca: Steve*  
*Guto: Steve nasceu*  
*Juca: Mas ele ficou triste... ele (Steve) não queria ficar com o pai... Queria ficar com a mãe, a namorada...*  
*Pesquisador: Por que ele ficou triste?*  
*Juca: Por que ele (Steve) queria ficar com a namorada*  
*Pesquisador: Namorada? Mas o Estevão não tem namorada. Ele tem namorado, que é o Carlos*  
*Juca: É...*  
*Pesquisador: Então. Não tem namorada na história.*

A segunda exceção refere-se a Malu que, claramente, afirma que o bebê pinguim não gosta de seus dois pais, ou melhor, dos dois pinguins meninos que cuidaram do ovo.

***Episódio # 47: Só gosta de pai e mãe!***  
***Joca (M/4;10); Malu (F/4;8); Rick (M/5;1)***

*Pesquisador: E o que tu acha que esse pinguinzinho pensa de ter dois pais? Tu acha que ela gosta? Que ela não gosta?*

*Malu: Ela não gosta não*

*Pesquisador? Por que ela não gosta?*

*Malu: Só gosta de mãe e de pai*

*Pesquisador: Entendi... Mas esse pinguinzinho tem família?*

*Malu faz sinal positivo com a cabeça*

*Pesquisador: Quem é a família dele?*

*Malu: Madrinha, madrasta, vó...*

*Pesquisador: E os dois pais não são da família dela não?*

*Malu: Não são dois pais! É um tio e um pai!*

*Pesquisador: Entendi...*

*Malu: E tem duas mães*

*Pesquisador: Cadê as duas mães que não aparecem na história?*

*Malu pede que mude a imagem e aponta a figura em segundo plano de um outro pinguim que compõe o cenário da história como sendo a mãe.*

*Pesquisador: Mas, não foram os dois pais que cuidaram do ovo?*

*Malu: Não foi dois pais. Foi dois meninos. Só que o ovo era da mamãe e do papai*

*Pesquisador: E por que não pode ter dois pais?*

*Malu: Porque o bebê não gosta de dois pais*

*Pesquisador: Como é que tu sabe que ela não gosta de dois pais? O que tu acha que tem de ruim em ter dois pais.*

*Malu: Meu pai disse que namorava com um homem...*

*Pesquisador: Teu pai namorava um homem? Quem disse que teu pai namorava um homem?*

*Malu: Meu pai... (olha para o lado, parece desconfiada)*

*Pesquisador: E o que tu acha disso?*

*Malu: Quando ele era novo... Agora ele não namora mais. Agora ele namora minha mãe*

*Pesquisador: Entendi.... Mas tu gosta do teu pai?*

*Malu: Gosto... Só que ele é um chato*

Mas em que significações se sustentariam a suposição de Malu de que o pinguim bebê não gosta de seus dois pais? Percebemos que a primeira delas é de que apenas pai e mãe (modelo pai-mãe-filhos) são dignos de afeto, e não dois pais. Aliás, Malu não só não considera os dois pinguins como sendo família, mas também não os considera pais, tratando um de tio e um de pai. Em outras palavras, a noção de dois pais sequer parece ser cogitada por Malu. O ovo que deu origem ao bebê pertencia a uma mãe e um pai. Curiosamente, ao ser questionada sobre quem seria a família do bebê, Malu cita personagens da família extensa, mas apenas do gênero feminino. O mesmo movimento é percebido quando Malu diz da existência de duas mães na história, tentando buscá-las em figuras secundárias na narrativa.

Todavia, o ponto que mais nos chama atenção é que Malu afirma que os dois pinguins não são pais do bebê pelos simples fato de ele (bebê) não os reconhecer assim, por não gostar deles. A justificativa do não gostar é ainda mais surpreendente: Malu narra um fato relativo a ela própria. Ora, a pergunta feita era a respeito dos motivos do bebê pinguim e não dos dela. Este fato pode nos sugerir certa identificação entre a menina e o personagem da história.

A experiência que Malu narra é de seu pai ter namorado um homem quando jovem e agora namorar sua mãe, podendo ser indicativo de certa rejeição da menina frente à homoafetividade.

Se para Malu, dois pais não podem ser alvos de afeto, pois “Só gosta de mãe e de pai,” e a homoafetividade parece não ser bem vista, para outras crianças a orientação/condição afetivo-sexual dos pinguins meninos parece ser indiferente na constituição de laços filiais.

***Episódio #48: Pai é pai!***

***Cris (F/5;11); Maju (F/6;4); Luca (M/5;7)***

*Pesquisador: Ai nasceu um pinguim. Na história tá dizendo que é uma menina. Dá um nome pra ela.*

*Cris: Poli*

*Maju: Posso dar um nome?*

*Pesquisador: Pode*

*Maju: Alessandra*

*Pesquisador: Então, Poli Alessandra tem família?*

*Maju: Tem... O pai e o pai*

*Luca: Um bando de frango*

*Pesquisador: Mas, esse bando de frango é a família dela?*

*Luca: sinal positivo com a cabeça*

*Pesquisador: Vocês acham que a família dela era legal?*

*Maju: Eu acho que é*

*Pesquisador: E tu acha que ela gosta dos pais dela?*

*Maju: Gosta*

*Pesquisador: Mesmo sendo frango?*

*Maju: Acho que sim. Pai é pai*

Por fim, tentávamos, por meio dos personagens que representavam o público que visitava o zoológico onde se passa história, acessar a percepção que as crianças têm sobre o que a sociedade de modo mais amplo pensa a respeito da homoparentalidade.

***Episódio # 49: Achavam ela bonitinha***

***Cris (F/5;11); Maju (F/6;4); Luca (M/5;7)***

*Pesquisador: Sabe aquela pinguinzinha que nasceu? Ela cresceu e ficou grande que nem os dois pais dela*

*Luca: Um bando de frango e os filhos*

*Pesquisador: Um monte de gente ia no zoológico ver Poli Alesandra. Por que será que essa gente todinha queria ver ela?*

*Maju: Achavam ela bonitinha*

*Pesquisador: Será que eles eram felizes?*

*Maju: Acho que sim*  
*Pesquisador: Por que?*  
*Maju: Eles eram bonzinhos*  
*Pesquisador: Bonzinhos? Por que bonzinhos?*  
*Maju: Por que eu acho que eles cuidam bem do filho*  
*Pesquisador: E como é que tu sabe?*  
*Maju: Eu sei porque eu sou muito inteligente*

Para Maju, a pinguim bebê era visitada pelo público, pois a consideravam “bonitinha”. Em momento algum, a menina menciona que a pinguim seja diferente por ter dois pais ou que o público assim a conceba, mantendo algum tipo de reação hostil em relação a ela. Outras respostas frequentes por parte das crianças eram que a pinguim era visitada pelo simples fato de ter nascido. Tais respostas parecem indicar que as crianças não se apropriaram, ainda, de conteúdos sociais que se oponham diretamente a homoparentalidade, ou a encarem como algo diferente, em especial a criança filha de casal homoafetivo. O que não é de se estranhar, uma vez que a homoparentalidade em si tem tornado-se alvo de reflexão na sociedade mais ampla há pouco tempo.

### **5.2.5. Isso também pode acontecer com gente?**

Concebemos que a fantasia e a ludicidade são campos de apropriação e elaboração de significados (SANTOS, 2015). Por isso, todo o método do presente trabalho buscou utilizar-se de instrumentos inseridos nesse campo (o desenho e a contação de história) o que se mostrou bastante produtivo, dada a qualidade e densidade do material coletado. Todavia, o último procedimento adotado visava a uma confrontação entre fantasia e realidade. Para tanto utilizamo-nos de uma imagem que aparece uma menina com suas duas mães (ver figura 3). Poderia as significações construídas no campo da fantasia passar para o campo do real? Caso não, que alterações elas sofreriam nessa passagem? Já no tópico 5.2.1 obtivemos indícios de que a homoafetividade só poderia ocorrer e ser aceita fora do campo do real. Aconteceria o mesmo com a homoparentalidade? Vejamos o que dizem as crianças.

***Episódio # 50: Se namorar vai ser gay***  
***Lara (F/5;3); Eva (F/5;1); Guga (M/5;1)***

*Pesquisador: Vê só! Gente pode ter dois pais*  
*Eva e Guga: Nãããããã!*  
*Guga: Só pode ter um*  
*Pesquisador: Por quê?*  
*Silêncio*  
*Pesquisador: E esses pais podem namorar?*  
*Eva e Guga: Nããã!*

*Pesquisador: Por que não pode namorar?*

*Lara: Porque é homem*

*Pesquisador: E homem não pode namorar com homem, não?*

*Guga (balançando o dedo em sinal negativo): Nããão! Se não vai ser gay!*

*Pesquisador: E se for gay?*

*Guga: Pode*

*Pesquisador: Mas se eles não namorassem, eles podiam ser pais dela?*

*Guga: Nããão!*

*Lara: Sim*

*Pesquisador: E se fossem duas pinguins mulheres, mães da pinguinzinha bebê... elas podiam namorar?*

*Eva e Guga: Nããão!*

*Guga: Porque só pode um homem, uma mulher e um filho*

*Pesquisador: Entendi... Dois homens e um filho não pode não?*

*Eva e Guga: Nããão!*

Neste episódio, encontramos condensadas as reações das crianças tanto à homoafetividade como à homoparentalidade; tanto no campo da fantasia (pinguins), quanto da realidade (humanos). Diante da homoafetividade expressa na história dos pinguins (fantasia) a primeira reação por parte das crianças era o estranhamento que poderia ser seguido tanto por uma forte rejeição como por uma aceitação. No caso da homoafetividade entre humanos, a proibição, na perspectiva das crianças, torna-se mais rápida, clara e forte: “Guga (balançando o dedo em sinal negativo): Nããão! Se não vai ser gay!” Curiosamente, para Guga, a proibição não é persistente. Ao menor questionamento do pesquisador, o menino afirma a possibilidade do namoro homoafetivo. Em outras palavras, para o menino, o grande problema em dois homens namorarem é que eles serão gays, não sabendo, porém, qual o grande problema em ser gay. Mais uma vez destacamos a ausência de discursos legitimadores da regra de proibição da homoafetividade.

Com a homoparentalidade não é diferente. Mesmo que os dois pais não namorassem, não seria possível a existência de dois pais, “Porque só pode um homem, uma mulher e um filho”. Sem dúvida estamos diante de forte evidência de que o modelo pai-mãe-filhos é um elemento importante na compreensão e no posicionamento das crianças diante da homoparentalidade

O modelo de família com pai-mãe-filho é um modelo idealizado, não abarcando a multiplicidade de realidades familiares. Assim, dizer que as crianças compartilham o significado de família enquanto a configuração pai-mãe-filhos, não implica dizer que suas experiências familiares correspondam a ele.

***Episódio # 51: Eu tenho dois pais!***

***Bia (F/6;4); Joel (M/6;1); Nanda (F/5;11)***

*Pesquisador: E vocês acha que isso pode acontecer com gente?*

*Bia e Nanda: Não!*

*Pesquisador: Tá vendo essa menina aqui (mostrando imagem)? Ela tem duas mães. Essas duas mulheres são mães dela e elas namoram.*

*Bia (leve surpresa): É?!*

*Pesquisador: Como será que é a vida dessa menina?*

*Bia: Eu não sabia!*

*Bia: Eu acho que a vida dessa menina é feliz!*

*Pesquisador: Mesmo com duas mães?*

*Bia balança a cabeça em sinal positivo*

*Nanda: Sim*

*Pesquisador: Por quê? O que será que tem de bom na vida dessa menina?*

*Bia: Porque ela queria ter duas mães!*

*Pesquisador: Mas ela não tem nenhum pai... Ela tem duas mães que namoram. São duas.... Como é que tu dissesse quando duas mulheres namoram?*

*Bia: Sapatão*

*Pesquisador: Ser sapatão é legal ou é ruim?*

*Bia: É um pouquinho ruim...*

*Pesquisador: Por quê?*

*Bia: Deixa eu dizer uma coisa: tem meu pai e meu outro pai só que eles moram muito distante*

*Pesquisador: E eles namoram?*

*Bia: Não! Mainha disse que um é Junior e o outro é Robson...*

Para além da inicial, e já esperada, proibição mais rápida e clara da homoafetividade em humanos (campo da realidade) do que em pinguins (campo da fantasia), salta aos olhos o trecho final do episódio. Após discutir-se como era a vida da menina que tem duas mães, Bia, ativamente (“deixa eu dizer uma coisa...”), refere-se ao fato de ela própria ter dois pais. Nesse sentido parece ocorrer, por parte da menina, uma tentativa de apropriação do novo conteúdo, a homoparentalidade em humanos, (Bia revela, no início do episódio, que “Eu não sabia!” – referindo-se à informação de que é possível a menina ter duas mães) a partir de uma aproximação com sua própria experiência familiar. Ou seja, Bia compartilha a experiência de ter dois pais, ainda que eles não namorem. Assim, a homoparentalidade, por meio da experiência e não do modelo idealizado, deixa de ser algo distante do cotidiano.

Em outros casos, contudo, as crianças ainda atribuem à família significado proeminente de um modelo pai-mãe-filhos. Assim, ainda que não mencionado ou ausente, o pai é uma figura que sempre existe (seja morto ou ausente por conta do trabalho), afinal esta é uma exigência do modelo. Reconhecemos, porém, que a obrigatoriedade da existência de um pai na fala das crianças também se relaciona a questões relativas à reprodução humana, afinal, costumeiramente, para que ocorra o nascimento de uma criança faz-se necessária a existência de dois genitores de sexos distintos (ou pelo menos de gametas distintos). Em outras palavras, o modelo pai-mãe-filhos não se constrói apenas sobre elementos culturais, mas também biológicos.

**Episódio # 52: Tem pai!****José Victor (M/6;0); José Miguel (M/5;9); Guto (M/5;7)***Pesquisador: E vocês acham que isso pode acontecer com gente? Uma menina pode ter duas mães?**Miguel e Guto: Pode**Pesquisador: Eu conheço uma menina que tem duas mães e as mães dela namoram. Aqui, olha! (mostrando a imagem)**Todos aproximam-se curiosos da tela do computador**Miguel (apontando): Essa e essa namoram?**Pesquisador (apontando): É! E elas duas são mães dela (silêncio)**Pesquisador: E como vocês acham que é a vida dessa menina que tem duas mães que namoram?**Miguel: Tem pai**Pesquisador: Tem pai não...**Miguel: Mas o pai dela morreu**Pesquisador: Não. Ela nunca teve pai. Só as duas mães.**Miguel: O pai dela foi trabalhar ou morreu. O pai dela morreu, não foi? (dirigindo-se ao Pesquisador)**Pesquisador: Não sei... Mas na história tá dizendo que ela nunca teve pai**Miguel: Ela teve! Ela teve! Ela teve pai**Pesquisador: Tá bom.... se tu tá dizendo....*

Apesar de preliminarmente não ser considerada possível/permitida, ou ainda que seu status de família seja duvidoso, a homoparentalidade em humanos é compreendida pelas crianças como um ambiente feliz para a criança filha do casal, apresentando algumas vantagens.

**Episódio # 53: Mãe reserva****Babi (F/5;8); Dani (F/5;1); Leo (M/5;9)***Pesquisador: Me diz uma coisa: isso pode acontecer com gente?**Bia: Pode não!**Pesquisador: Por quê?**Bia: Porque homem que namora com homem vira sapatão e mulher com mulher sapatona**Pesquisador: Mas eu conheço a história de uma menina que tem duas mães sapatão.**Bia olha com espanto**Pesquisador: Tu quer ver a foto dela?**Bia: Huhum**Pesquisador: Essas duas aqui são mães dessa menina e elas namoram (mostrando a foto)**Bia aproxima o rosto da tela do computador e franze a testa. Parece estranhar. Em seguida, grita, chamando Leo e Dani (que haviam se dispersado e brincavam em um canto da sala, um pouco afastados): Vem ver! Ela tem duas mães! Vem ver!**Leo e Dani aproximam-se, mas, rapidamente, se dispersam.**Pesquisador: Como tu acha que é a vida dessa menina que tem duas mães**Bia: Legal**Pesquisador: Por quê?**Bia: Porque se uma mãe dela morrer, ela tem a outra; e se a outra morrer ela tem outra.**Pesquisador: Entendi... e se fossem dois pais**Bia: Se um pai morrer, ela tem o outro!*

A vantagem a que nos referimos anteriormente é apontada por Bia: “Porque se uma mãe dela morrer, ela tem a outra; e se a outra morrer ela tem outra.” Assim, a

homoparentalidade, a seu ver, permitiria a existência de uma espécie de “mãe ou pai reserva”. Lembremos que Bia, conforme nos contou no episódio # 9, perdeu seu pai que morreu, fazendo com que sinta medo de perder outros membros de sua família: “Eu não quero perder minha família todinha não. Eu já perdi meu pai, meu primo e meu tio Chico.” Deste modo, sua significação da homoparentalidade mostra-se fortemente constituída por duas dimensões temporais, a saber, o tempo vivido e o tempo prospectivo. (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM; SILVA, 2004). O tempo vivido abarcaria nossa experiência de vida (as mortes do pai, primo e tio de Bia), já o tempo prospectivo daria conta de nossas expectativas e metas (no caso de Bia, a expectativa tem caráter negativo, apresentando-se sob a forma de medo de perder outros familiares).

Ao iniciarmos a análise dos dados, destacamos que as significações são desveladas ao longo do fluxo interacional, em um constante movimento de ocultar-se e revelar-se. E isto se fez realidade até o último episódio de nossa análise.

***Episódio # 54: Minha mãe também é sapatão  
Cris (F/5;11); Maju (F/6;4); Luca (M/5;7)***

*Pesquisador: Agora, eu quero fazer uma última pergunta. Vocês acham que isso pode acontecer com gente?*

*(Silêncio)*

*Pesquisador: Eu conheço uma menina que tem duas mães*

*Maju: Duas mães? E elas são sapatão? (parece interessada)*

*Pesquisador: São sapatão. Quer que eu mostre a foto?*

*Maju: Mostra, mostra, mostra (interessada)*

*Pesquisador: Aqui, olha... Agora, como será a vida dessa menina?*

*Maju: Muito legal... mas as mães não*

*Luca (apontando para a imagem): Essas duas são sapatão?*

*Pesquisador: Elas duas namoram. Quando duas mulheres namoram é o que?*

*Luca: Sapatão*

*Pesquisador: Mas a vida delas é legal ou não?*

*Maju: É. Vê só: Minha mãe, ela também é sapatão. Ela namorava outra mulher. Só que ela não era minha mãe, ela era minha tia. Eu considerava ela como tia, mas ela não era minha tia. Aí minha mãe esqueceu ela. Agora ela não é mais não.*

*Pesquisador: Hummm Agora ela não é mais tua tia não. Mas tua mãe namorava ela?*

*Maju: sinal positivo com a cabeça*

*Pesquisador: E ela era legal?*

*Maju: Era. Mas minha mãe disse que ela só queria dinheiro... (fisionomia de desagrado em relação ao fato)*

Em nenhum momento durante toda a roda de conversa, Maju relatara a orientação/condição afetivo-sexual de sua mãe. Todavia, quando o pesquisador afirmou conhecer uma menina que tem duas mães, ela mostra-se interessada, buscando, inclusive, saber se as duas mães eram “sapatão”. Perguntada sobre como seria a vida da menina filha de

duas mães, Maju afirma ser “muito legal”, não podendo dizer o mesmo das mães. A partir daí, Maju relata a convivência de sua mãe com outra mulher, a quem Maju considerava “tia”. O relacionamento, contudo teria chegado ao fim, pois, segundo sua mãe, a então “tia” de Maju, “só queria dinheiro”. O final do relacionamento parece ter sido desagradável para Maju, talvez daí, sua resposta de que as mães da menina não eram legais. Novamente, deparamo-nos com o que parece ser um fenômeno de identificação entre uma participante da conversa com um dos personagens presentes nos instrumentos de coleta de dados. Deste modo, acreditamos ficar evidente que as crianças não só reproduzem significações socialmente construídas, mas também se utilizam de suas próprias experiências de vida para dar sentido ao mundo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do grande número de estudos nas mais diversas áreas do conhecimento, de tudo o que já foi dito e escrito e das constantes transformações que ocorrem em nossa sociedade, a família persiste enquanto realidade social e objeto de estudo relevante. Parece existir nela um sem fim de possibilidades que se desdobram atraindo a atenção da ciência, da política e da religião. Como se fosse um tesouro de grande valor, a família é alvo da atenção de diferentes setores da sociedade, fazendo das significações a seu respeito um campo contínuo de debates, enfretamentos e crises.

Polissêmica e polimorfa, a família se nos tem revelado como um intrincado sistema de relações constituída sócio historicamente – e em constante interação com outras instituições sociais –, berço da subjetividade humana (com seus prazeres e mazelas) formada por um grupo de sujeitos que se constituem mutuamente, trazendo consigo a história de uma linhagem, que é atualizada no aqui-agora da experiência cotidiana (SANTOS, 2002).

Por isso, as transformações sociais acabam por reverberar nas famílias, obrigando-as também a transformarem-se. Assim ocorreu com a emancipação feminina, a popularização do divórcio, etc. Todavia, ao que parece, as mudanças na realidade objetiva das famílias ocorrem em ritmo mais acelerado que as mudanças nas significações que produzimos sobre ela. Este descompasso acaba por gerar certo desconforto decorrente da incompreensão das “novas” realidades familiares. Por conseguinte, a partir do conflito e da incompreensão somos levados inevitavelmente a revermos nossas significações acerca da família, o que pode, num primeiro momento, permitir o surgimento de movimentos sociais de reafirmação das significações existentes sobre família (conservadores), bem como de forças a favor da ressignificação deste objeto social, a fim de abarcá-lo em sua multiplicidade.

No atual momento de nossa sociedade, a família assume lugar central de debate a partir das ditas “novas configurações familiares”, em especial, aquela formada por casal homoafetivo e seus filhos. Por sua vez, como é de costume ocorrer quando falamos de mudanças na estrutura familiar, as crianças são colocadas como grande alvo de preocupação, sem contudo serem ouvidas, afinal, para muitos, elas não teriam muito a dizer. É a partir da discordância desse ponto de vista que nos propusemos a ouvi-las.

Ouvir o que as crianças tinham a dizer sobre o tema família e homoparentalidade se mostrou uma jornada desafiante e instigante de descobertas. Em primeiro lugar, destacamos que as crianças são múltiplas e criativas; ao mesmo tempo simples, autênticas, complexas e misteriosas. Assim, o método a ser desenvolvido deveria dar conta, simultaneamente, de dois

pontos: (1) pertinência em relação ao tema e perspectiva teórica adotada; (2) ser adequado e atrativo às crianças participantes da pesquisa. Daí, a opção pelo uso de instrumentos potencialmente lúdicos e familiares às crianças (desenho e contação de história) como mobilizadores do diálogo entre os membros do grupo (pesquisador e crianças). Fazia-se necessária ainda a adoção, por parte do pesquisador, de uma postura simultaneamente acolhedora, compreensiva e questionadora a fim de favorecer a expressão autêntica das crianças, o que, no nosso entender tem repercussão direta na qualidade dos dados a serem construídos. Neste ponto, acreditamos que o método adotado mostrou-se profícuo em permitir-nos o acesso as nuances das significações, principalmente, em decorrência de sua variedade (diferentes meios de expressão das significações), flexibilidade e ludicidade.

Ademais, o campo do lúdico e da fantasia (nos quais os instrumentos utilizados estavam potencialmente inseridos) evidenciou-se como *locus* legítimo e privilegiado de experimento e elaboração de significações, inclusive daquelas cujo real, por suas regras, não comportam. Portanto, ratificamos a importância do uso de procedimentos com essas características para a investigação dos processos de significação, principalmente com crianças.

As significações sobre família construídas pelas crianças se apresentaram como um verdadeiro fenômeno: revelavam-se e ocultavam-se alternadamente aos olhos do pesquisador, em constantes movimentos de sobreposição, justaposição, conflitos e articulações, característicos de um fenômeno que se dá em rede.

A respeito da família muito foi dito. Para elas, família é algo universal (todos temos), é lugar de afetos positivos (amor, carinho), de encontro, de proximidade, mas também de brigas e conflitos. A família possui ainda uma modelo configuracional específico (pai-mãe-filhos) que deve ser seguido a todo custo, sendo somente possível de ser “descumprido” em decorrência de acontecimentos que envolvam separação, em especial, a morte. Porém, longe de por fim a família, a morte e outros fenômenos de separação dos familiares (separação do par conjugal, encaminhamento de uma criança para adoção) podem ser a oportunidade, segundo elas, de transformação e ampliação dos laços familiares. Esses laços se constituem tanto por vias biológicas, quanto por ações de cuidado e reconhecimento (recíproco ou não) da ocupação dos papéis que compõem a família. Assim, é possível que, em casos de separação, um familiar ocupe a posição de outro falecido (por exemplo, uma avó que se torna mãe), sem, contudo, destituir o antecessor do papel que ocupara.

Uma grande regra, contudo, deve ser respeitada na ocupação destes papéis familiares: o gênero. Nesse sentido, um avô ou tio pode tornar-se pai, mas jamais um pai se tornará mãe,

a menos que ele “coloque vestidinho” e tenha “cabelo cumprido”. Em outras palavras, para as crianças, o gênero está intimamente relacionado a características físicas, em sua maioria, fruto de estereótipos.

No tocante à homoparentalidade, percebemos que essas significações de família atualizam-se e reconfiguram-se a fim de dar conta deste objeto social novo para as crianças, afinal, para elas, a homoparentalidade propriamente dita era uma novidade. Assim, em sua maioria, as crianças percebiam o ambiente formado por um casal homoafetivo como feliz e seguro para o desenvolvimento de um filho. Porém, quanto ao seu status de família, e até mesmo de parentalidade, restavam-lhes dúvidas, afinal, segundo o modelo “pai-mãe-filhos”, só seria possível a existência de um pai e uma mãe<sup>26</sup> para cada filho. Portanto, a obediência a um modelo pré-estabelecido de configuração familiar parece ser mais importante nas significações construídas pelas crianças a respeito da homoparentalidade do que qualquer tipo de preconceito em relação à homoafetividade em si – ainda que suas reações diante deste tipo de relação afetivo-sexual sejam das mais variadas, oscilando da aparentemente forte rejeição (“Eu acho que vou vomitar”), até o estranhamento seguido pela aceitação (“Pesquisador: Quando dois pinguins meninos namoram eles são o que?/Miguel: namorados...).

Um ponto, contudo, merece ser destacado: as significações de família compartilhadas pelas crianças não são perpassadas somente por um modelo culturalmente construído, nem somente por suas experiências familiares singulares. Suas significações originam-se de uma articulação entre estas duas dimensões, conforme propúnhamos já no início deste trabalho, quando da apresentação da pergunta norteadora da pesquisa. Nesse sentido, capturamos do material empírico construído que as significações mais rígidas acerca de família relacionam-se justamente ao modelo pai-mãe-filhos, o qual, curiosamente, é uma configuração familiar não vivida pela maior parte das crianças participantes da pesquisa, tal qual informado por elas próprias. Utilizamos o termo rígido sem intenção valorativa. Com ele, queremos descrever o caráter persistente e resistente deste modelo frente a qualquer situação que se apresentasse contrária a ele.

Por outro lado, as significações de família oriundas das próprias experiências familiares das crianças tendem a complexificar a noção de família, revelando nuances e facilitando a compreensão da homoparentalidade, haja vista que, de algum modo, as crianças têm em suas realidades familiares aproximações com aspectos da homoparentalidade. Por exemplo, algumas crianças relatam ter dois pais (um pai e um padrasto; um pai e um tio que

---

<sup>26</sup> Qualquer semelhança com as placas dos manifestantes franceses contra o casamento civil igualitário “1 pai e 1 mãe para todas as crianças” não parece ser mera coincidência.

também ocupa o lugar de pai; um “pai da terra” e um “pai do céu”) ou ainda terem vivido a homoparentalidade em si, haja vista que a mãe de uma delas era homossexual. Deste modo, acreditamos ficar evidente que as crianças não só reproduzem significações socialmente construídas, mas também se utilizam de suas próprias experiências de vida para dar sentido ao mundo.

Apesar das descobertas, e talvez por causa delas, o tema “família e homoparentalidade”, especialmente a partir da perspectiva das crianças, continua a trazer inquietações e questionamentos. Neste trabalho, dispomo-nos a ouvir crianças que, em princípio, não se encontram inseridas em famílias homoparentais, todavia, o que teriam a nos dizer crianças filhas de casais homoafetivos? Em sendo o modelo “pai-mãe-filhos” ainda compartilhado (por crianças e adultos) como ideal de família, o que pensam e sentem crianças filhas de casais homoafetivos? Também elas têm o modelo de família nuclear heterossexual como ideal a ser atingido? Percebem sua própria família como diferente e/ou incompleta? Perceber-se-iam como alvos de preconceitos? Se sim, de que maneira lidariam com eles? Suas concepções acerca do que é família difeririam das concepções de família apresentadas neste trabalho? Enfim, muitas são as questões por serem ainda investigadas. Resta-nos, contudo, uma certeza. Parafraseando o poeta Gonzaguinha: enquanto a pergunta rodar e a cabeça agitar, “eu fico com a pureza das respostas das crianças”.

## 7 REFERÊNCIAS

ADES, C. O morcego, outros bichos e a questão da consciência animal. **Psicologia USP**, v. 8, p.129-157,1997. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65641997000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641997000200007)>

ALMEIDA, I. G., MAEHARA, N. P., & ROSSETTI-FERREIRA, M. C. A perspectiva da criança em acolhimento institucional sobre sua rede social: a importância do relacionamento entre irmãos. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C., SERRANO, S. A., ALMEIDA, I. G. (Org.). **O acolhimento institucional na perspectiva da criança** (pp. 119-172). São Paulo: Hucitec, 2011.

ALMEIDA, M. R. **Os processos subjetivos no acolhimento e na adoção de crianças por casal homoafetivo**: um estudo de caso. 223f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ARAÚJO, L. F.; OLIVEIRA, J. S. C. A adoção de crianças no contexto da homoparentalidade. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 60, n. 3, p. 40-51. 2008. Disponível em: <http://www.psicologia.ufrj.br/abp/>.

ARAÚJO, L. F.; OLIVEIRA, J. S. C.; SOUSA, V. C.; & CASTANHA, A. R. Adoção de crianças por casais homoafetivos: Um estudo comparativo entre universitários de Direito e de Psicologia. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n.2, p.95-102, 2007.

BARROS, P. C. M. Acolhimento institucional: um lugar de cuidado e subjetivação. In: GUIMARÃES, B. **Acolhimento em Pernambuco**: a situação de crianças e adolescentes sob medida protetiva. 2. ed. Recife: Instituto Brasileiro Pró-Cidadania, 2011.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A Construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Tradução Floriano Fernandes. 23. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. Originalmente publicado em 1966.

BORGES NETO, P. P. **Do olhar da criança ao olhar do adulto**: o que pensam crianças e adultos sobre famílias homoparentais. 76f. Monografia. Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, 2014.

BORGES NETO, P. P.; PEDROSA, M. I. O que pensam as crianças sobre famílias homoparentais? (artigo submetido). **Revista Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Projeto de Lei n 6583**, de 16 de outubro de 2013. Dispõe sobre o Estatuto da Família e dá outras providências. Disponível em:  
<<http://www2.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=597005>>.  
Acesso em 20 de dezembro de 2015.

BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Carvalho, A. M. A. Brincar juntos: natureza e função da interação entre crianças. In: ADES, C. (Org.), **Etologia: de animais e de homens** (pp.199-210). São Paulo: Edicon, (1989).

CARVALHO, A. M. A.; BERGAMASCO, N. H. P.; LYRA, M. C. D. P.; PEDROSA, M. I. P. C.; RUBIANO, M. R. B.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; OLIVEIRA, Z. M. R.; VASCONCELLOS, V. M. R. Registro em vídeo na pesquisa em Psicologia: reflexões a partir de relatos de experiência. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 12, n. 3, p. 261-267, set./dez. 1996.

CARVALHO, A. M. A.; IMPÉRIO-HAMBURGER, A.; PEDROSA, M. I. Interação, regulação e correlação no contexto do desenvolvimento humano: discussão conceitual e exemplos empíricos. **Publicações Ifusp**, São Paulo, v. 1196, p. 1-34, 1996.

\_\_\_\_\_. Dados e tirados: teoria e experiência na pesquisa em Psicologia. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 3, p. 205-212, 1999.

CECCARELLI, P. R. Novas configurações familiares: mitos e verdades. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 72, n. 40, p. 89-102, jun. 2007.

CECÍLIO, M. S., SCORSOLINI-COMIN, F., & SANTOS, M. A. Produção científica sobre adoção por casais homossexuais no contexto brasileiro. **Estudos de Psicologia** (Natal), v.18, n. 3, p.507-516. 2013.

CERQUEIRA-SANTOS, E.; SANTANA, G. Adoção homoparental e preconceito: crenças de estudantes de direito e serviço social. **Temas em psicologia**, v. 23, n.4,p.873-885, 2015.

CORREIA, A. L. F. **O psicólogo jurídico frente à adoção homoafetiva: práticas, sentidos e possibilidades**. 115f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

CORREIA, M. F. B. Indeterminação, multidimensionalidade e relevância do processo de construção de significados. **Psicologia em estudo** [online], vol.14, n.2, pp. 251-258, 2009.

CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. Tradução Lia Gabriele Regius Reis. Revisão técnica Maria Leticia B. P. Nascimento. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. Originalmente publicado em 1997.

CRUZ, S. H. V. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008. p. 11-31.

DESSEN, M. A.; RAMOS, P.C.C. Crianças pré-escolares e suas concepções de família. **Paidéia**, v. 20, n. 47, p. 345-357, 2010.

FARIAS, M. O. Mitos atribuídos às pessoas homossexuais e o preconceito em relação à conjugalidade homossexual e a homoparentalidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v.9, n.1, p.99-109. 2010.

FARIAS, M. O.; MAIA, A. C. B. **Adoção por Homossexuais**: a família homoparental sob o olhar da psicologia jurídica. Curitiba: Juruá, 2009.

FONSECA, C. Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p.769-783, setembro-dezembro. 2008.

FURLAN, R. Corpo, sentido e significação. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S; CARVALHO, A. M. A. (Org). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: ArtMed, 2004. p. 51-56.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012..

HINTZ, H.C. Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade. **Pensando Famílias**, v. 3, p. 8-19. 2001.

IBGE. **Censo 2010**. Famílias e domicílios: resultados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

INTERAMINENSE, P. G. **Sentidos de família na perspectiva de crianças em conflito familiar judicializado**. 134 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

JÚNIOR, I.B.O.; MORAES, D.A.F.; COIMBRA, R. M. Família “margarina”: as estereotípias de famílias na indústria cultural e a des/re/construção de conceitos docentes. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 64, p. 266-279, 2015.

LAUZ, G. V. M.; BORGES, J. L. Concepção de família por parte de crianças em situação de acolhimento institucional e por parte de profissionais. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 33, n. 4, p. 852-867, 2013.

LIRA, P. P. B. **Processos de significação sobre família em crianças acolhidas institucionalmente**. 2012. 197 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

MARTINEZ, A. L. M. **Considerações sobre o psicodinamismo de famílias homoparentais femininas: uma visão psicanalítica**. 190f. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.

MENINO, H. L.; CORREIA, S. O. Concepções alternativas: ideias das crianças acerca do sistema reprodutor humano e reprodução. **Educação & Comunicação**, v. 4, p. 97-117, 2001.

MINAYO, M.C.S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P.; SILVA, C. N. Olhares de crianças baianas sobre família. **Paidéia**, v. 20, n. 47, p. 345-357, 2010.

MULLER, F. Um estudo etnográfico sobre a família a partir do ponto de vista das crianças. **Currículo sem fronteiras**, v.10, n.1, p.246-264, 2010.

PEDROSA, M. I. **Práticas sociais e cultura do grupo de brinquedo: concepções de adultos e perspectivas de crianças**. Projeto de pesquisa financiado pelo CNPQ. 2015.

PEDROSA, M. I.; CARVALHO, A. M. A. Análise qualitativa de episódios de interação: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 431-442, 2005.

PERELSON, S. A parentalidade homossexual: uma exposição do debate psicanalítico no cenário francês atual. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 3, p.709-730, setembro-dezembro. 2006.

PROTESTO contra casamento gay reúne milhares de pessoas em Paris. *Folha de São Paulo online*. São Paulo, 24 de março de 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1251727-protesto-contracasamento-gay-reune-milhares-de-pessoas-em-paris.shtml>>. Acesso em 28 de março de 2013.

QUEIROZ, K. J. M.; LIMA, V. A. A. Método Clínico piagetiano nos estudos sobre Psicologia Moral: o uso de dilemas. **Schème: revista eletrônica de psicologia e epistemologia genéticas**, Marília, SP, v. 3, n. 5, p. 110-131, 2010.

RIBEIRO, F. S. **Família “tem que ter pai e mãe”**: representações sociais de família por crianças na cidade de Recife. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2011.

RICHARDSON, J., PARNELL, P. **And Tango makes Three**. 1. ed. Estados Unidos da América: Simon & Schuster, 2005.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Seguindo a receita do poeta tecemos a rede de significações e este livro. In: \_\_\_\_\_; AMORIM; K. S.; SILVA, A. P.; CARVALHO, A. M. A. (Org.). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 15-19.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S. Rede de Significações: alguns conceitos básicos. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S.; CARVALHO, A. M. A. (Org). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: ArtMed, 2004. p. 23-33.

SANTOS, C. P. **Ontogênese das representações sociais de família em crianças de quatro a seis anos**. 226f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade federal de Pernambuco, Recife-PE, 2015.

SANTOS, M. F. S. A formação da identidade no espaço socializador família. In: ARCOVERDE, A. C. B. **Mediação de conflitos e família**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002. P. 223-229.

SILVA, J. M. M.; AVELAR, T. C. Crianças em situação de rua e suas representações de lar e família por meio do desenho. **Psicologia Argumento** (Curitiba), v. 32, n. 76, p. 69-77, 2014.

SÍNODO DOS BISPOS, XIV Assembleia Geral Ordinária, A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo. **Relatório final do Sínodo dos bispos ao Santo Padre Francisco**: Cidade do Vaticano, 2015.

SMOLKA, A. L. B. Sobre significação e sentido: uma contribuição à proposta de Rede de Significações. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S.; CARVALHO, A. M. A. (Org). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: ArtMed, 2004. p. 35-49.

SOLON, L. A. G.; COSTA, N. R. A.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Conversando com crianças. In: CRUZ, S. H. V. (Org.). **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. (204-224). São Paulo: Cortez, 2008.

SPINK, M. J. De longe e de perto: os paradoxos da rede de significação. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S; CARVALHO, A. M. A. (Org). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: ArtMed, 2004. p. 127-130.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

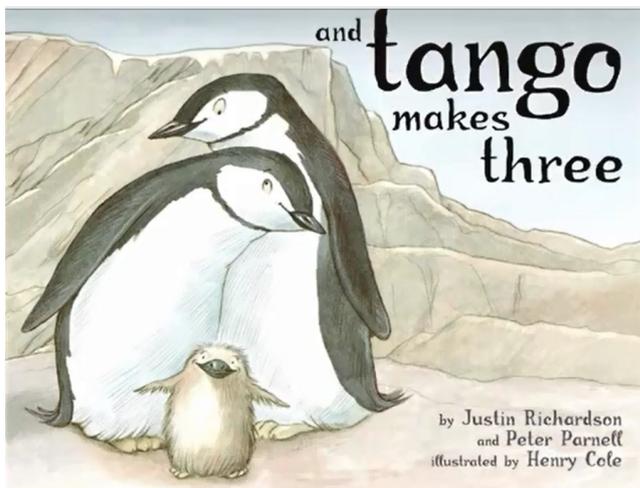
UZIEL, A. P. **Família e homossexualidade: novas questões e velhos problemas**. 2002. Tese (Tese apresentada ao Departamento de Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, SP: fevereiro, 2002.

VENTURINI, F. P.; BAZON, M. R.; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Família e violência na ótica de crianças e adolescentes vitimizados. **Estudos e pesquisas em psicologia**, (UERJ), ano 4, n.1, P. 20-33, 2004.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – SÍNTESE DAS PRINCIPAIS IMAGENS DA HISTÓRIA “AND TANGO MAKES THREE”

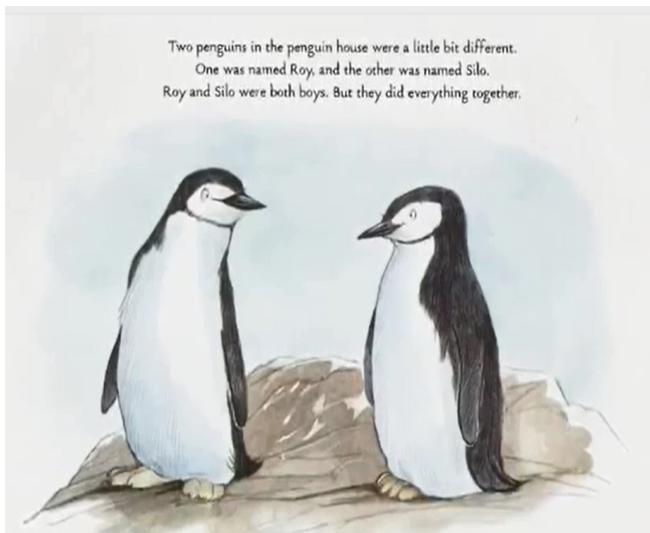
### 1. Imagem Inicial da História (Capa do Livro)



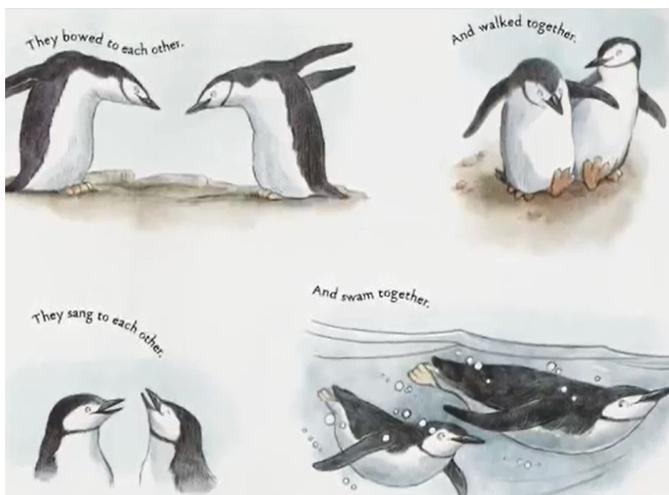
### 2. Os pinguins-meninos começam a namorar as pinguins-meninas



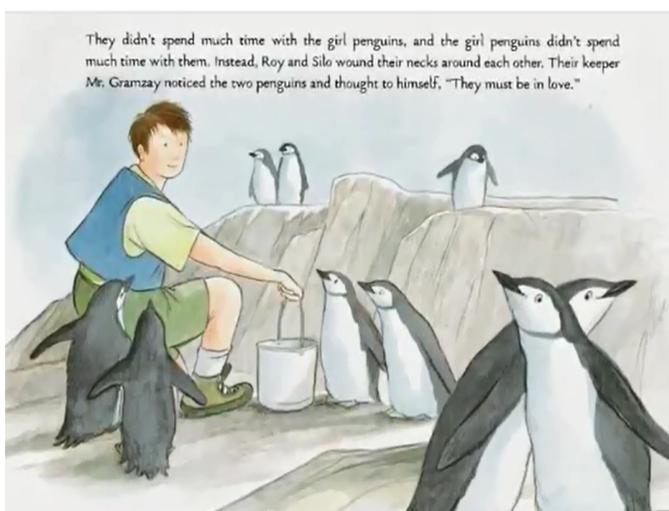
### 3. Algo diferente acontece: dois pinguins-meninos começam a fazer tudo juntos.



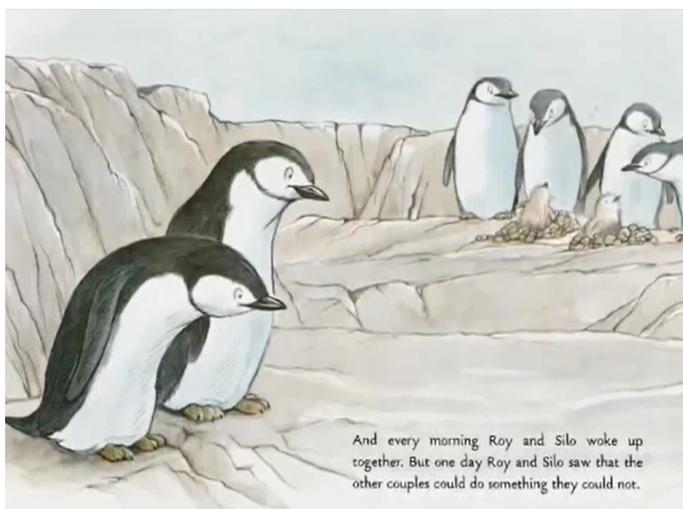
4. Os pinguins-meninos cantam, nadam, cumprimentam-se e caminham juntos



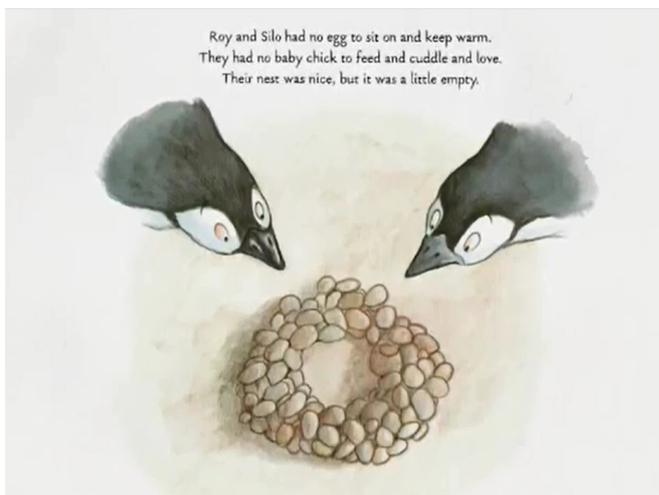
5. O cuidador pensa: “Eles devem estar apaixonados!”



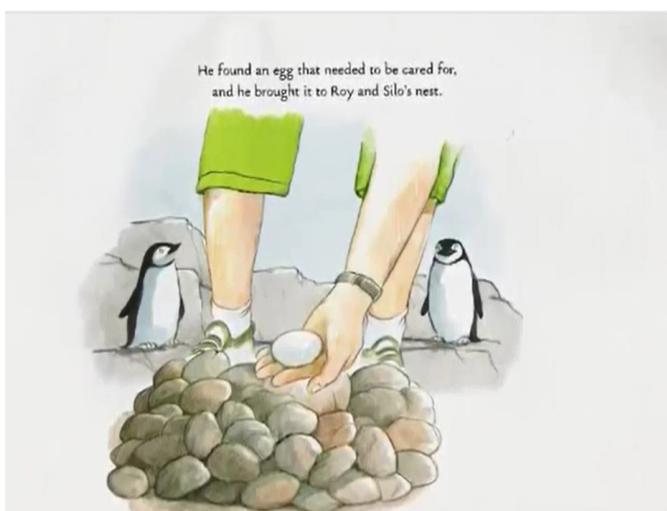
6. Assim como os outros casais, eles também queriam um bebê



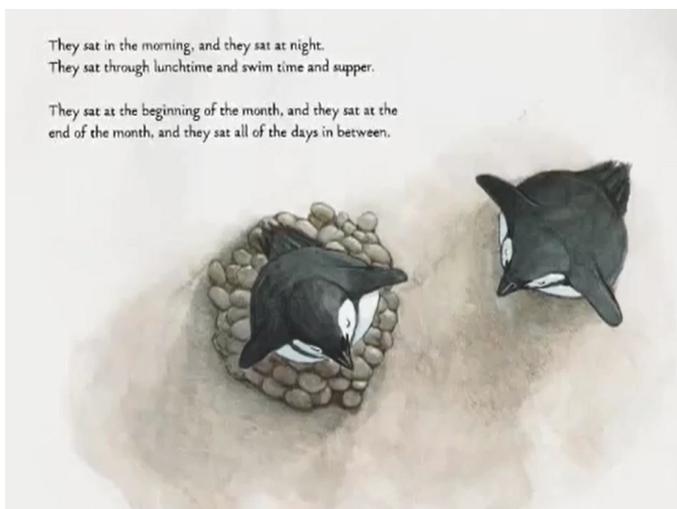
7. Mas, seu ninho continuava vazio.



8. Então, o cuidador colocou um ovo em seu ninho.



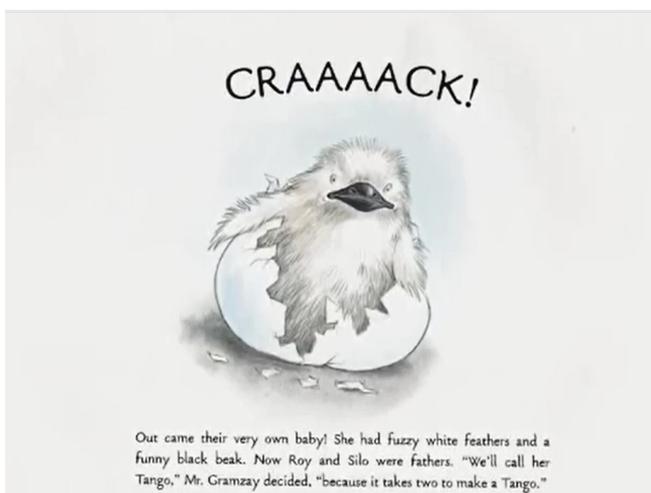
9. Eles começaram a chocar o ovo



10. E, de repente, algo começa a acontecer.



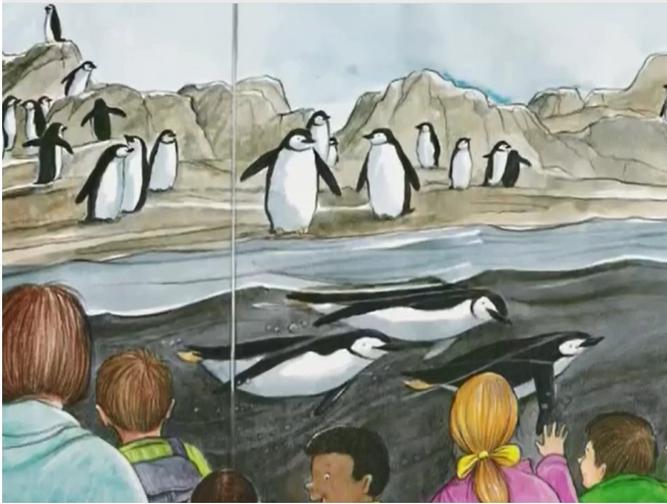
11. E o bebê nasceu!



12. Os dois pinguins-meninos ficaram felizes e começaram a cuidar do bebê.



13. O pinguim-bebê cresceu e muitas pessoas iam ao zoológico vê-lo.

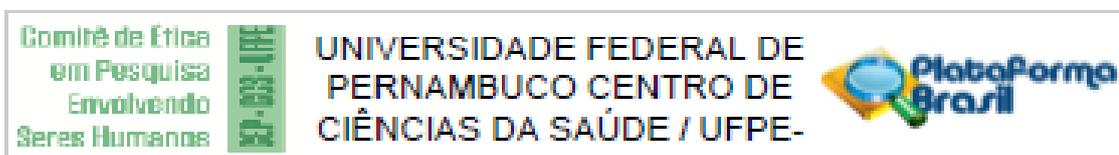


14. E então é o fim!



**ANEXOS**

## ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Práticas sociais e cultura do grupo de brinquedo: concepções de adultos e perspectivas de crianças

**Pesquisador:** Maria Isabel Patrício de Carvalho Pedrosa

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 35013814.6.0000.5208

**Instituição Proponente:** CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 861.609

**Data da Relatoria:** 11/11/2014

**Apresentação do Projeto:**

Indicado na relatoria inicial.

**Objetivo da Pesquisa:**

Indicado na relatoria inicial.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Indicado na relatoria inicial.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Indicado na relatoria inicial.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Indicado na relatoria inicial.

**Recomendações:**

s/recomendação

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

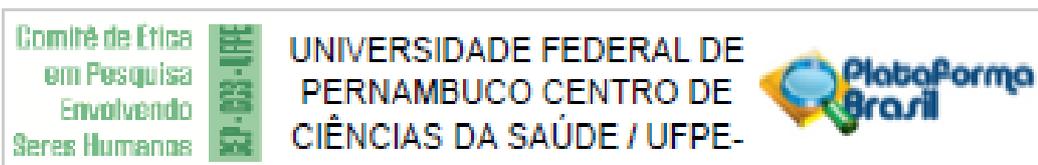
aprovado

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Endereço:** Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600  
**UF:** PE **Município:** RECIFE  
**Telefone:** (81)2128-8588

**E-mail:** cepcos@ufpe.br



Continuação do Parecer: 001.609

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O Colegiado aprova o parecer do protocolo em questão e o pesquisador está autorizado para iniciar a coleta de dados.

Projeto foi avaliado e sua APROVAÇÃO definitiva será dada, após a entrega do relatório final, na PLATAFORMA BRASIL, através de "Notificação" e, após apreciação, será emitido Parecer Consubstanciado.

RECIFE, 06 de Novembro de 2014

Assinado por:

GERALDO BOSCO LINDOSO COUTO  
(Coordenador)

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS  
Bairro: Cidade Universitária CEP: 50.740-800  
UF: PE Município: RECIFE  
Telefone: (81)2126-8588 E-mail: cepccs@ufpe.br

**ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM  
PROJETO DE PESQUISA  
(PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELA CRIANÇA COM MENOS DE 18 ANOS)

Projeto: "Práticas sociais e cultura do grupo de brinquedo: concepções de adultos e perspectivas de crianças"

Pesquisadora responsável: Prof<sup>a</sup>. Maria Isabel Patrício de Carvalho Pedrosa

Equipe de Pesquisadores: Doutoranda Carina Pessoa Santos; Doutorando Pedro Paulo Bezerra de Lira; Doutoranda Juliana Maria Ferreira de Lucena

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

**Convite aos pais ou responsáveis**

Gostaria de sua autorização para que a criança sob sua responsabilidade possa participar como voluntário da pesquisa *Práticas sociais e cultura do grupo de brinquedo: concepções de adultos e perspectivas de crianças*. Este Termo de Consentimento pode conter informações que o/a senhor/a não entenda. Caso haja dúvida, pergunte à pessoa que está lhe entrevistando para que o/a senhor/a esteja bem esclarecido/a sobre a sua participação na pesquisa. No caso de aceitar que a criança sob sua responsabilidade faça parte do estudo, rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa nem o/a Sr./a nem o/a voluntário/a que está sob sua responsabilidade serão penalizados/as de forma alguma. O/A Senhor/a tem o direito de retirar o consentimento da participação da criança a qualquer tempo, sem qualquer penalidade.

**Informações sobre a pesquisa**

Essa pesquisa tem como objetivo investigar o desenvolvimento de crianças pequenas (9 meses a 6 anos de idade) e gostaríamos de observá-las e filmá-las na creche ou pré-escola para poder compreender como elas, em suas brincadeiras, atribuem significados a experiências e a vários objetos com os quais convivem. Mesmo bem pequenas as crianças aprendem a lidar com o outro, conhecem o modo como eles pensam e adquirem várias informações sobre objetos e situações que fazem parte de seu convívio. Também elas pensam e interpretam tudo que aprendem em situações formais ou informais (em casa, com os amiguinhos, com parentes e vizinhos etc.). É preciso conhecer o modo como elas pensam e se comportam, conhecer os

seus interesses e motivações para que o adulto possa melhor ajustar suas ações às crianças e assim elas se desenvolvam mais e melhor.

Existirão três tipos de observação da criança: (1<sup>a</sup>) ao brincar em pequenos grupos, em uma sala preparada com brinquedos, escolhendo do que brincar; (2<sup>a</sup>) em situação cotidiana da creche ou pré-escola; (3<sup>a</sup>) em oficinas de brincar; nestas o pesquisador sugerirá uma brincadeira para ser realizada e discutida pelas crianças.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa sob a forma de videogravações e audiogravações ficarão armazenadas em DVD ou CD, pelo período mínimo de 5 anos, sob a responsabilidade da pesquisadora Maria Isabel Pedrosa, no Laboratório de Interação Social Humana (LabInt), Departamento de Psicologia, 9º andar do CFCH, UFPE. Tel.: 2126-8270.

Não haverá pagamento para participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e de alimentação). Fica também garantida indenização em caso de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em pesquisa envolvendo seres humanos da UFPE, no endereço: Avenida da Engenharia s/n – 1º andar, sala 4 – Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, tel.: (81)2126-8588. E-mail: cepccs@ufpe.br).

Contato com a pesquisadora responsável: Fone 9242-5789. Endereço profissional: Avenida da Arquitetura, s/n, Deptº. de Psicologia, 9º andar do CFCH, UFPE. CEP: 50740-550 Tel.: 2126-8270. E-mail: icpedrosa@uol.com.br

### **Benefícios esperados**

Os resultados da pesquisa poderão contribuir para um melhor conhecimento da criança, suas habilidades sociais, seu modo de reagir afetivamente e sua competência social e cognitiva. Os diferentes profissionais (técnicos, educadores e auxiliares de instituições educacionais e de instituições de acolhimento) direta e/ou indiretamente envolvidos com o percurso infantil na instituição poderão, então, melhor ajustar suas atuações às reais necessidades e possibilidades da criança.

### **Riscos possíveis**

Uma situação de avaliação é frequentemente constrangedora para as crianças envolvidas, pois elas, muitas vezes, têm dificuldade de lidar com uma situação nova, quando desconhecem o parceiro adulto (o observador ou articulador das oficinas), ou mesmo têm medo de falhar, não demonstrando uma boa competência. Esse risco de constrangimento será minimizado, estabelecendo-se, de início, um bom relacionamento com as crianças. Somente diante de uma sinalização de que elas estão à vontade (não demonstrando receio da câmara ou do pesquisador, com uma atitude de cooperação ou interesse) é que a coleta será iniciada.

**Identificação do participante**

Nome \_\_\_\_\_ da \_\_\_\_\_ criança:

Nome \_\_\_\_\_ do \_\_\_\_\_ responsável \_\_\_\_\_ pela \_\_\_\_\_ criança:

Data de nascimento da criança: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

- Sim. Aceito que a criança sob minha responsabilidade seja filmada para esse estudo.
- Sim. Aceito que as filmagens sirvam de ilustração para trabalhos de pesquisa e para formação de adultos profissionais.

Estando assim de acordo, assinam o presente termo de consentimento em duas vias.

\_\_\_\_\_  
Pai, mãe ou responsável pela criança.

\_\_\_\_\_  
Responsável pelo projeto.

\_\_\_\_\_  
Primeira testemunha

\_\_\_\_\_  
Segunda testemunha

Recife, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.